

Sondagens Arqueológicas de Avaliação  
Prévia no Âmbito do Projeto Rua Direita –  
Projeto 1.1 Rua de Vila Nova (Poente) e  
Travessa da Costibela  
Aldoar, Porto  
Nota Técnica  
Novembro 2020



Mário Gonçalves  
Filipe Soares Pinto

## Índice

|      |                                                    |    |
|------|----------------------------------------------------|----|
| 1.   | Introdução.....                                    | 2  |
| 2.   | Enquadramento Geográfico .....                     | 3  |
| 2.1. | Circunscrição administrativa .....                 | 3  |
| 2.2. | Localização geográfica.....                        | 3  |
| 3.   | Nota histórica .....                               | 4  |
| 4.   | Plano geral dos trabalhos arqueológicos.....       | 10 |
| 5.   | Relação dos participantes e sua qualificação ..... | 10 |
| 6.   | Metodologia dos trabalhos realizados .....         | 11 |
| 7.   | Estratégia de abordagem .....                      | 11 |
| 8.   | Descrição dos trabalhos .....                      | 13 |
| 9.   | Espólio arqueológico.....                          | 85 |
| 10.  | Faseamento.....                                    | 89 |
| 11.  | Conclusões .....                                   | 92 |
| 12.  | Medidas de Minimização .....                       | 93 |
| 13.  | Bibliografia .....                                 | 94 |



## 1. Introdução

A atual nota técnica apresenta os resultados preliminares obtidos com a realização de uma intervenção arqueológica de avaliação prévia efetuada na Travessa da Costibela (via pública), lugar de Vila Nova, Aldoar, Porto, no âmbito do Projeto da Rua Direita – Projeto 1.1 Rua de Vila Nova (Poente) e Travessa da Costibela.

O local onde se realizaram os trabalhos insere-se formalmente em área condicionada do ponto de vista da salvaguarda do Património Arqueológico, encontrando-se sinalizada na Carta de Património do Plano Diretor Municipal (**ZOPA 57 – Lugar de Vila Nova**).

Em 2017 uma intervenção arqueológica de acompanhamento realizada em terreno muito próximo do local revelou presença de fragmentos cerâmicos conotados com o período medieval e Idade do Bronze. Mais recentemente, em 2019, num outro terreno, que confina a Sul com a Travessa da Costibela, no âmbito do projeto de uma habitação unifamiliar, foram realizadas cinco sondagens arqueológicas, que tiveram o mérito de melhor entender os achados encontrados em 2017. Em concreto, a intervenção realizada identificou nos estratos inferiores do terreno vários fragmentos cerâmicos e interfaces negativas subordinadas a estruturas perecíveis da Idade do Bronze.

Tendo em consideração o estado atual do conhecimento e o impacto da empreitada a realizar na Travessa da Costibela *Da avaliação efetuada, através da análise da informação histórico-arqueológica disponível para o sítio, considerando, sobretudo, os recentes achados na Travessa da Costibela*, entendeu a Divisão Municipal de Cultura/Divisão Municipal de Património Cultural *que a execução da operação urbanística proposta deverá ser alvo (...) de sondagens arqueológicas de avaliação prévia a efetuar em momento anterior à obra no troço da Travessa da Costibela a afetar pela construção das novas redes de infraestruturas propostas (...) e acompanhamento arqueológico permanente de todas as ações com afetação do subsolo na restante área de execução do projeto* [NUD/446417/2019/CMP de 02/12/2019].

Os trabalhos foram autorizados por despacho conforme consta no Ofício da DRCN n.º S-2019/501541 (C.S: 1375668) de 23 de Agosto de 2019.

## 2. Enquadramento Geográfico

### 2.1. Circunscrição administrativa

A área onde decorreu a intervenção arqueológica situa-se administrativamente na União das freguesias de Aldoar e outras, concelho do Porto, distrito do Porto.

### 2.2. Localização geográfica

Coordenadas geográficas: 41º 10' 28.71" N de Latitude; 8º 40' 04.04" W de Longitude (GAUSS 84) - Carta Militar de Portugal à escala 1:25 000, folha n.º 122 (Porto). Altimetria de 57 metros acima do nível médio das águas do mar.

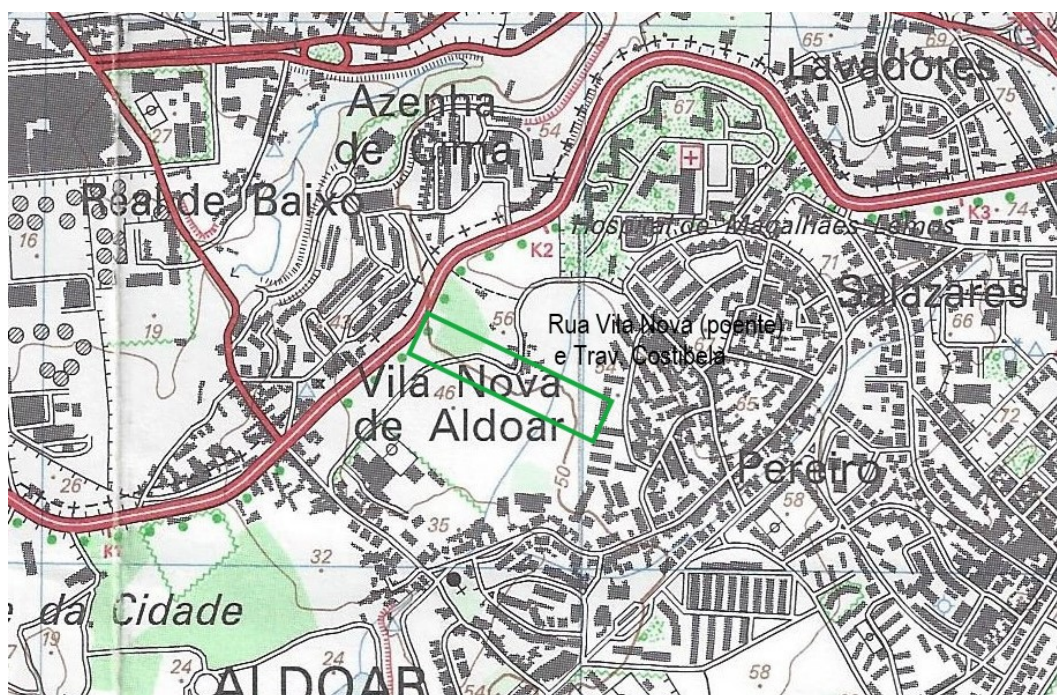


Figura 1: Localização da área do projecto na Carta Militar de Portugal, Folha 122 [Escala 1:25000].



Figura 2: Fotografia aérea com a localização da +área afecta ao projecto [Google Earth, imagem de 08/09/2017].

### 3. Nota histórica<sup>1</sup>

A paróquia de São Martinho de Aldoar surge pela primeira vez mencionada num documento do ano de 944 que se encontra inscrito nos *Diplomata et Chartae*.<sup>2</sup> Até meados do século XIX, mais concretamente até 1834, integrou o couto de Leça do Balio, e, depois o concelho de Matosinhos. Nos finais do século XIX, aquando da abertura da estrada da Circunvalação, juntamente com Nevogilde, Foz e outras, foi integrada no concelho administrativo e político do Porto.

No essencial, face ao conhecimento que hoje se dispõe, sobretudo arqueológico, sabe-se que as origens do povoamento de Aldoar são mais antigas que o ano de 944.

Em concreto, nos anos cinquenta do século passado, aquando da realização de uns trabalhos de construção civil, perto da Avenida Marechal Gomes da Costa, foi encontrado um machado de duas aletas conotado com a Idade do Bronze.<sup>3</sup> Anos mais tarde, cerca de 1973, em obras de desaterro efetuadas junto à Fonte da Moura encontrou Fernando Lenhas testemunhos ainda mais antigos, sobretudo instrumentos

---

<sup>1</sup> Em sede de relatório Final será elaborada um estudo histórico mais pormenorizado.

<sup>2</sup> Portugaliae monvmenta histórica, *Diplomata et Chartae*. Olisipone, Typis Academicis, 1867, p. 31.

<sup>3</sup> COUTO, Júlio; Monografia de Aldoar, Edição da Junta de Freguesia e Paróquia de Aldoar, 2000, p. 9. RODRIGUES, Adriano Vasco; “Mil anos de história de Aldoar e apenas duas épocas de mudança”, in Mil anos de história de Aldoar, RODRIGUES, Adriano Vasco (coord.) Junta da Freguesia de Aldoar, Departamento de Ciências Históricas da Universidade Portucalense, 1989, p. 18.



líticos do período *asturiense/ ancorense*.<sup>4</sup> Dois anos antes, em 1971, Adriano Vasco Rodrigues, em conjunto com os seus alunos, realizou a sul do convento dos Dominicanos alguns trabalhos arqueológicos, os quais tiveram resultados interessantes. Segundo o próprio, *“Ali encontrei a presença de um aldeamento de pescadores pertencente a um período anterior à romanização. A sua vida era extraordinariamente simples. Utilizavam pesos de rede feitos a partir de godos do mar. As suas casas eram cobertas de colmo com paredes feitas de madeira, usando caules. A cerâmica era do tipo castreja, correspondendo à Idade do Ferro”*.<sup>5</sup>

Recentemente, fruto de uma intervenção de avaliação prévia para a construção de um imóvel junto à Travessa de Costibela, foram identificados novos contextos arqueológicos que poderão ser incluídos na Idade do Bronze. Tratam-se de estruturas negativas de tipo buraco de poste e outras de formato subquadrangular e alguns estratos que corresponderão a níveis de circulação associados a fragmentos cerâmicos de produção manual, grosseiros; foi identificado, igualmente, um fragmento de movente e um pequeno fragmento de metal, de liga de bronze<sup>6</sup>.

Relativamente à romanização propriamente dita, em Aldoar desconhece-se, em absoluto, testemunhos seus. Contudo, na toponímia local subsistem alguns nomes de lugares que podem remeter para uma ocupação nesse período. Entre outros, relevem-se os casos de Vilar e Vilarinha, os quais podem relacionar-se com o termo de *Villa*.<sup>7</sup> Trata-se apenas de uma hipótese, uma vez que o termo conheceu na época medieval evolução. Isto é, se no período romano designava uma propriedade agrícola, no medieval ele reporta-se a um aglomerado relativamente pequeno, ou seja, a um lugar ou aldeia.

Igualmente desconhecidos são também os testemunhos de presença muçulmana em Aldoar, embora toda a região do Douro Litoral fosse por essa altura designada por *Bort-Kal*.<sup>8</sup> Apesar do desconhecimento existente, existem na freguesia alguns topónimos que sugerem a sua presença. Entre outros, é o caso de Fonte da Moura e, depois deste, o próprio topónimo de Aldoar.

Almeida Fernandes nos seus escritos *“Ermos da Foz”*<sup>9</sup> sugeriu que o nome de Aldoar correspondia ao genitivo do nome próprio de *Alduarius*, o qual surge num documento dos *Diplomata et Chartae*: *“... villa que vocitant Alduario fluvio durio subtus castro mafamuti...”*.<sup>10</sup> Para este especialista, portanto, Aldoar teria proveniência sueva ou visigótica, indo de resto ao encontro da própria opinião que anos antes já

---

<sup>4</sup> COUTO, Júlio; *op., cit.*, 2000, p. 9. RODRIGUES, Adriano Vasco; *op., cit.*, 1989, p. 18.

<sup>5</sup> COUTO, Júlio; *op., cit.*, 2000, p. 9. RODRIGUES, Adriano Vasco; *op., cit.*, 1989, p. 18.

<sup>6</sup> SOARES & GONÇALVES; *Sondagens Arqueológicas na Travessa da Costibela, Lugar de Vila Nova, Aldoar, Porto*. Nota Técnica. Empatia Arqueologia, Conservação e Restauro LDA. 2019. p. 41-42. Antes desta intervenção convém, no entanto, salientar que os primeiros vestígios encontrados nesta área datam do ano de 2017. LOUREIRO, C. A.; SOARES, S. P. (2017); *Acompanhamento arqueológico na rua de Vila Nova, 717, Aldoar, Porto*. Relatório Final. Empatia Arqueologia, Conservação e Restauro Lda.

<sup>7</sup> *Idem*, p. 18.

<sup>8</sup> *Idem*.

<sup>9</sup> FERNANDES, A. de Almeida; Os “Ermos” da Foz do Douro, Porto, 1962.

<sup>10</sup> *Portvgaliae monvmenta histórica, Diplomata et Chartae*. Olisipone, Typis Academicis, 1867, p. 31.

havia formulado Leite de Vasconcelos, o qual fazia corresponder o termo ao nome Duarte.<sup>11</sup> De igual opinião era também Sousa Machado, que mais tarde veio a alterar a sua posição.

O vocábulo Aldoar, quanto à sua origem, é hoje mais ou menos consensual. De acordo com a maioria dos especialistas que se debruçaram sobre o assunto, a palavra é de origem árabe. Para Pinho Leal, no seu *“Portugal Antigo e Moderno”*, o termo Aldoar significa mesa redonda.<sup>12</sup> Porém uma análise mais cuidada levada a cabo por Vasco Rodrigues concluiu que o termo significa acampamento militar ou, em alternativa, uma pequena mesquita.<sup>13</sup> Em suma, a teoria hoje aceite é a de que Aldoar é um topónimo de origem árabe, e que significa acampamento militar ou pequena mesquita. Um deles deu-lhe o nome.

Independentemente das questões relacionáveis com a toponímia, certo é que a primeira referência a Aldoar data do ano de 944. O documento que o menciona a ele se refere nos seguintes termos: *“Non est enim dubium sed pluri manet heo quod edificauit agione frater ecclesiam vocábulo sancti Martini episcopi et sancti michaeli archangeli in villa que vocitam alduarii fluuio dorio território portugalensis subtus castro mafamuti...”*.<sup>14</sup> Ou seja, o documento refere que Frei Agione edificou um pequeno templo cristão de invocação a São Martinho e São Miguel Arcanjo em Aldoar<sup>15</sup>, muito provavelmente, segundo Adriano Vasco Rodrigues, no local onde antes havia estado uma *Al-Duar*, isto é, uma pequena mesquita.<sup>16</sup>

O documento a que nos reportamos, a respeito das suas origens enquanto paróquia refere ainda que Frei Agione fundou uma espécie de mosteiro, que reunia tanto homens como mulheres da mesma família. O termo utilizado no documento é *“Hermitagio”*, o qual segundo Viterbo, no seu *Elucidário*, significa ermida, santuário, capela ou casa de oração fundada em lugar ermo.<sup>17</sup> Segundo as fontes medievais, Frei Agione terá fundado o seu *“Hermitagio”* com todos os haveres, designadamente com um cavalo, e uma parcela de terreno à volta da igreja que acabara de fundar: *“... ed dedit pro illa uno caballo do nostro cum sua sella heite et freno obtinus et una tela de L<sup>a</sup> Lenzos pro ipso pedazo de ipsa hereditate...”*.<sup>18</sup> Ou seja, em

---

<sup>11</sup> VASCONCELOS, José Leite de; *Opúsculos*, Vol. III – Onomatologia. Imprensa da Universidade, Coimbra, 1931.

<sup>12</sup> LEAL, Augusto Soares d' Azevedo Barbosa de Pinho; *Portugal Antigo e Moderno. Diccionario Geographico, Estatistico, Chorografico, Heraldico, Archeologico, Historico, Bibliographico e Etymologico de todas as cidades, villas e freguesias de Portugal e de grande número de aldeias*. Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia, Lisboa, 1874, p. 89-90.

<sup>13</sup> RODRIGUES, Adriano Vasco; *op., cit.*, 1989, p. 19-20.

<sup>14</sup> *Portvgaliae monvmenta histórica, Diplomata et Chartae*. Olisipone, Typis Academicis, 1867, p. 31.

<sup>15</sup> Segundo a tradição a igreja de Aldoar foi sagrada pelo Bispo Gondesindo. RIBEIRO, João Pedro; *Dissertações chronologicas e criticas sobre a história e jurisprudência ecclesiastica e civil de Portugal publicadas por ordem da Academia Real das Sciencias de Lisboa pelo seu socio João Pedro Ribeiro*. Lisboa, na Typografia da mesma Academia, Anno de 1819, p. 30.

<sup>16</sup> RODRIGUES, Adriano Vasco; *op., cit.*, 1989, p. 20.

<sup>17</sup> VITERBO, Joaquim de Santa Rosa de; *Elucidário das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram: obra indispensável para entender sem erro os documentos mais raros e preciosos que entre nós se conservam. Publicado em Beneficio da Litheratura Portuguesa Por Fr. Joaquim de Santa Rosa Viterbo. 2<sup>a</sup> ed. revista, correcta e copiosamente addicionada de novos vocábulos, observações e notas críticas com um índice remissivo*. Vol. II, Lisboa, A. J. Fernandes Lopes, 1865, p. 313.

<sup>18</sup> *Portvgaliae monvmenta histórica, Diplomata et Chartae*. Olisipone, Typis Academicis, 1867, p. 12.



suma, Frei Agione fundou um *hermitagio* que reunia em oração homens e mulheres da mesma família, portanto, uma comunidade que no essencial “... *mal se distinguia das paróquias rurais da época*”.<sup>19</sup>

Anos mais tarde, já perto da sua morte, Frei Agione deixou o legado que fundara a dona Unisco Mendes e a seu filho D. Oseredo Tructesendo, patronos do mosteiro de Leça do Balio. Em 1021 dona Unisco Mendes incluiu Aldoar no rol das doações que havia feito ao mosteiro da Vacariça: “... *alduari cum omnibus adiunctionibus suis et una ecclesia vocábulo sancti martini*...”.<sup>20</sup> A partir desta data, 1021, e até sensivelmente 1093, a paróquia de Aldoar ficou dependente do mosteiro da Vacariça. Nesse ano de 1093 D. Raimundo doou o mosteiro a D. Crescónio, Bispo de Coimbra. Pouco tempo depois, segundo advoga Júlio Couto, este mosteiro extinguiu-se, desconhecendo-se o rumo que a comunidade tomou.<sup>21</sup>

Regressando a Aldoar, a documentação medieval conhecida permite, *grosso modo*, concluir que a comunidade se estabeleceu em volta da sua igreja, aproveitando as terras que se encontrariam disponíveis para amanhã, sobretudo as que estavam junto dos ribeiros principais e das linhas de água subsidiárias. A este respeito, o documento que melhor explicita a situação data de 1044, quando D. Oseredo (bisneto de dona Unisco Mendes), invocando “... *pro remedio animarum nostrum*...”, doa à igreja de São Martinho de Aldoar vários bens, desde imóveis a cereais moídos num moinho. Nesse documento refere-se ainda o campo da Fontanela, assim como a herdade de Sando e Salinas: “*Damus ad ipsius locum sanctum et ad ipsum martinum laream mostram propriam que iacet de agro de efontalea medietatem integram et de illo valee ad iusum quomodo in illa de illo abbate ferit duas V<sup>9</sup> integras et de hereditate de sando de quinta terciam integram in casales in pumares in montes in fontes pascuus padulibus exitus et regressus et in illum molinum nostrum rationem et per tota illa villa per ubi illam potueritis inuenire ipsam terciam integram*...”.  
22

De um modo geral, pouco mais se sabe acerca de Aldoar durante o período medieval. Regra geral, as fontes que sobre a comunidade se debruçam ou são escassas ou inexistentes, e quando existem não se referem exclusivamente a Aldoar. Assim, a respeito exclusivamente de Aldoar, como fontes que a ela se referem diretamente são de elencar as inquirições de 1220, 1258 e 1285. A respeito da inquirição de 1258 o seu texto refere Aldoar do seguinte modo: “...*villa que vocatur Alduar et parochia – novae Ecclesia ejusdem loci*...”. Mais interessante para a história de Aldoar é o conteúdo da inquirição realizada em 1285, a qual, entre outras informações que recolhe, dá conta da existência de 23 casais, da sua ligação ao mosteiro de Leça e integração no julgado de Bouças.

---

<sup>19</sup> MACHADO, António de Sousa; “Reflexões sobre a história de Aldoar”, in *Mil anos de história de Aldoar*, RODRIGUES, Adriano Vasco (coord.) Junta da Freguesia de Aldoar, Departamento de Ciências Históricas da Universidade Portucalense, 1989, p. 31.

<sup>20</sup> *Portvgaliae monvmenta histórica, Diplomata et Chartae*. Olisipone, Typis Academicis, 1867, p. 140.

22 Citado em COUTO, Júlio; op., cit., 2000, p. 24.

As inquirições régias remontam, *grosso modo*, à fase final da reconquista cristã portuguesa aos mouros e ao seu término. A partir daí, o que ocorre a partir de 1220 e mais especificamente até depois de 1254, é que os monarcas portugueses iniciam uma política de reforço do poder real. Para tal era necessário saber quais os dominós régios, onde entrava a sua justiça, e quais as áreas usurpadas pelos senhores laicos e eclesiásticos. Nesse sentido, as inquirições mais não são que uma série de inquéritos que fazem como que o levantamento da situação real da propriedade. No essencial, o conteúdo destes documentos são uma fonte inesgotável para a historiografia, mesmo que por vezes com informações lacunares. Em geral, eles permitem o conhecimento da propriedade da época, a forma como se distribuía, a categoria social dos seus detentores, os foros e rendas que pagavam, o que produzia, e, por vezes até, certos costumes, como por exemplo o regadio. Além disso, permitem igualmente o estudo da toponímia, o estudo dos pesos e medidas, e até, embora lacunar, o estudo demográfico a partir do número de casais que enumera.<sup>23</sup>

A respeito de Aldoar o texto das inquirições pouco nos revela, não permitindo por isso a reconstituição da vida da comunidade na maior parte dos itens elencados. Ainda assim, a parca informação que é possível recolher permite algumas considerações de relevo.

Em concreto, as inquirições de 1285 permitem concluir que Aldoar se integrava no julgado de Bouças e que era administrado pela Ordem do Hospital, com sede em Leça do Balio. Quem o refere é Frei Soeiro, pároco desta Ordem, que quando inquirido disse ter a paróquia 23 casais. Destes apenas 3 eram do rei e os restantes 20 da Ordem. A respeito do mesmo assunto, refere ainda o pároco que o casal de Domingos Martins pagava 1 morabitino e um quarto, o de Domingos Penatus 1 morabitino e menos um quarto, sendo que o casal onde morava Domingos Pelágio dava o mesmo. A respeito da diferença de rendas, disse o pároco que não sabia a razão, mas que ambos os casais pagavam ainda uma porção de pão semelhante ao primeiro. Além destes foros, refere ainda na inquirição que lhe foi feita, que todos os três casais estavam obrigados ao cumprimento anual de relego, para o qual se entendiam com o mordomo de Bouças.

Depois do pároco, de acordo com a inquirição de 1285, foram em seguida inquiridos os usufrutuários dos casais que a Ordem do Hospital tinha em Aldoar, designadamente Martinho Mendes, Estevão Pelágio, Pedro André, Domingos Vicêncio, Pedro Mendes, Domingos Estevão, Pedro Migueis, João Eanes, Martinho Eanes, Domingos Festa e Gonçalo Pelágio. Note-se que a inquirição não refere qualquer membro da nobreza.

Inquiridos um a um e em segredo, de acordo com a inquirição, declararam estes que os casais e a igreja pertenciam à Ordem do Hospital e que outrora tinham pertencido a herdutores, seus avós. A isto, acrescentaram ainda que anteriormente os seus avós costumavam pagar as rendas ao mordomo de Bouças, tal como a voz e a calúnia, o que denuncia uma anterior dependência do senhorio régio. Questionados sobre a razão que levou à mudança de senhorio, referiram os usufrutuários dos casais que herdaram de

---

<sup>23</sup> BARBOSA, Isabel Maria Lago; "Aldoar nas Inquirições de 1285", in *Mil anos de história de Aldoar*, RODRIGUES, Adriano Vasco (coord.) Junta da Freguesia de Aldoar, Departamento de Ciências Históricas da Universidade Portucalense, 1989, p. 37-38.

seus avós que foi “... para que os defendesse de todos os foros régios”. Ou seja, como bem refere Isabel Maria Lago Barbosa, “... numa atitude, que parece plenamente voluntária, trocaram de senhor, prejudicando o património real...”.<sup>24</sup> Apesar de não apresentarem mais razões para o sucedido, Isabel Maria Lago Barbosa, sugere a possibilidade da atitude estar relacionada com o abuso de poder do mordomo de Bouças ou com demasiadas exigências por parte deste, sobretudo no respeitante a rendas a pagar. Certo é que esta situação vinha já pelo menos do início do século dado terem os inquiridos referido que “... ouviram dizer muitas vezes aos pais e avós deles que foi sempre assim...”.

Seja como for, por mudança voluntária de senhorio ou por acordo com o mordomo de Bouças, certo é que D<sup>a</sup> Teresa anos antes havia cedido à Ordem do Hospital os seus direitos sobre alguns territórios, incluindo o de Leça, ao qual, entre outras igrejas, já por essa altura pertencia a de Aldoar, como o demonstram os vários marcos desta Ordem encontrados no século passado na freguesia. Anos mais tarde, no reinado de D. Dinis, como refere a inquirição que mandou fazer a Aldoar, assim como as “*Memórias para a História das Inquirições dos Primeiros Reinados de Portugal*”: “*E primeiramente comecey en Bouças, e achey per Domingos Peres, entom Juiz, e per outros homens muytos dese Julgado, que todo o Julgado de Bouças era devasso, e que nenguum nem havia hy homrra, salvo que me disse el tom Juiz, que El Rey Dom Deniz coutara a Dom Garcia Martinz, Priol do Spital, Aldoar, e que el vira ende a Carta de El Rey daquelle tempo acá*”.<sup>25</sup>

Por fim, a respeito de Vila Nova, a documentação medieval a ela não se refere, pelo menos de forma explícita. Em todo o caso, sabe-se que o topónimo é medieval e que o mesmo foi amiúde empregue no reinado de D. Dinis, consubstanciando tanto a fundação de novas povoações, como em alguns casos de velhas, já existentes. Assim sucedeu no caso de Vila Nova, em Gaia, cujo foral atribuído por este monarca a ela se refere nos seguintes termos: “...daquelle nosso lugar que se costumava ver chamado burgo velho ao quall poomos de novo nome villa nova de Rey por foro dos foros de Gaya...”.<sup>26</sup> De relevar que em 2017, no âmbito de um acompanhamento arqueológico realizado na rua de Vila Nova, nº. 717, durante os trabalhos de terraplanagem para a construção de uma habitação unifamiliar foram encontrados fragmentos cerâmicos deste mesmo período.<sup>27</sup> Não obstante, novos achados cerâmicos enquadráveis num horizonte cronológico mais antigo (Idade do Bronze) foram identificados num terreno contíguo, a Sudoeste.<sup>28</sup>

---

<sup>24</sup> BARBOSA, Isabel Maria Lago; op., cit., 1989, p. 40.

<sup>25</sup> *Memórias para a História das Inquirições dos Primeiros Reinados de Portugal coligidas pelos discípulos da Aula de Diplomática no anno de 1814 para 1815 debaixo da Direção dos Lentes Proprietario, e Substituto da mesma Aula*. Lisboa, na Imprensa Régia, Anno 1815, p. 97. Vide também Inquirições D. Dinis, Livro III fol. 2 vrs. Disponível em: <http://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=4182573>

<sup>26</sup> *Traslado em pública forma da carta de foral de Vila Nova de Gaia concedida por D. Dinis* (datada de 1288, Agosto, 13, Lisboa). Este traslado foi concedido por D. João I a pedido do concelho de Vila Nova de Gaia e encontra-se disponível online no Arquivo Municipal do Porto <http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/331089/>, em linha, consultado a 17 de Novembro de 2019.

<sup>27</sup> LOUREIRO & SOARES; *Acompanhamento arqueológico na rua de Vila Nova, 717, Aldoar, Porto*. Relatório Final. Empatia Arqueologia, Conservação e Restauro LDA, Fevereiro, 2017.

<sup>28</sup> SOARES & GONÇALVES; *Sondagens Arqueológicas na Travessa da Costibela, Lugar de Vila Nova, Aldoar, Porto*. Nota Técnica. Empatia Arqueologia, Conservação e Restauro LDA. 2019. p. 40-41.

Em suma, em Aldoar o topónimo Vila Nova tanto pode consubstanciar a fundação de um novo casal medieval, como exprimir a ideia de um outro mais antigo, altimedieval<sup>29</sup> ou um dos mencionados na inquirição de 1285. Não obstante estas possibilidades, atendendo aos novos dados recolhidos com a intervenção arqueológica realizada no terreno que confronta pelo lado Sudoeste com a travessa da Costibela, não é de excluir a hipótese de o homem medieval ter tido conhecimento de um povoamento mais antigo e por esse facto ter atribuído ao local, justamente, o topónimo Vila Nova.

#### **4. Plano geral dos trabalhos arqueológicos**

A intervenção arqueológica implicou previamente a elaboração de um Plano de Trabalhos Arqueológicos, no qual foram definidos os seguintes aspetos:

- Realização de sondagens arqueológicas – num total de 64 m<sup>2</sup> – de forma a caracterizar e a avaliar arqueologicamente o potencial científico e patrimonial desta área, assim como a extensão do sítio arqueológico, junto ao limite Norte da Travessa da Costibela e próximo da confluência desta com a rua Dr. João Fernandes Lopes Neves, em direção a Norte;
- Análise da estratigrafia existente no subsolo por forma a apurar os diferentes momentos de afetação nele efetuados e a seriar os diferentes momentos ocupacionais;
- Aferição e estudo da presença de eventuais estruturas preexistentes com vista ao estabelecimento de sequências e tipologias da ocupação do local;
- Recuperação, de forma devidamente contextualizada, e estudo do espólio recolhido associado às sequências estratigráficas identificadas;
- Aferição do potencial patrimonial das áreas que serão afetadas pelo projeto, de forma a avaliar o seu impacto e a proporcionar à entidade promotora e à Tutela todos os elementos necessários.

#### **5. Relação dos participantes e sua qualificação**

A equipa responsável pelos trabalhos arqueológicos integrou:

- Filipe Soares Pinto (Arqueólogo diretor);
- Mário Gonçalves (Arqueólogo diretor);
- Silvia Maciel (Arqueóloga);
- Sofia Marinho (Arqueóloga);

---

<sup>29</sup> De referir que em nenhum momento, pelo menos para já, foram encontrados vestígios relativos a este período.



- João Barbosa (Arqueólogo);
- Beatriz Soares (Arqueóloga);
- Marta Borges (Antropóloga/ Mestranda em Arqueologia);
- Sara Fonseca (Técnica de Arqueologia);

## 6. Metodologia dos trabalhos realizados

Na sequência do que ficou definido no Plano dos Trabalhos Arqueológicos apresentado, a metodologia da intervenção consistiu no seguinte:

- Escavação pelo método de decapagem por camadas arqueológicas (matriz de Harris), efetuada até ao nível geológico ou cota de segurança. A escavação foi efetuada manualmente, a pico e a colherim.
- Para cada Unidade Estratigráfica (U.E.) foi preenchida uma ficha-tipo de registo, registo de espólio e achados particulares. Foram efetuados registos fotográficos digitais de cada unidade estratigráfica, assim como dos planos finais e dos cortes estratigráficos elucidativos da sequência ocupacional. Além destes, para cada sondagem foram, ainda, elaborados desenhos à escala 1/20 e registo fotogramétrico final com indicações altimétricas em cotas absolutas. As sondagens foram implantadas em planta e georreferenciadas.
- No respeitante ao espólio exumado, procedeu-se à sua recolha e acondicionamento em recipientes apropriados. Este material será tratado em laboratório por técnicos especializados na área. Após triagem, lavagem e etiquetagem, as peças serão devidamente ensacadas e armazenadas em contentores adequados, sendo estudadas e entregues para depósito em local a definir pela Tutela.
- Os registos foram devidamente organizados, com referência individual e legendagem do material fotográfico produzido.
- Da intervenção resultarão os respetivos relatórios técnico-científicos (relatório preliminar, relatório de acompanhamento e relatório final).<sup>30</sup>

## 7. Estratégia de abordagem

A abordagem em campo conheceu estratégias diferenciadas, respeitando, no entanto, os objetivos previamente delineados no Plano de Trabalhos Arqueológicos e a metodologia atrás descrita. Assim, as

---

<sup>30</sup> Pelos motivos adiante expostos, as sondagens 4, 5, 6 e 7 foram escavadas de forma mecânica até ao nível antecedente ao dos vestígios da Idade do Bronze.

primeiras três sondagens realizadas seguiram os parâmetros elencados por Harris, ou seja, a escavação por camadas arqueológicas, a pico e a colherim, registando-se cada unidade estratigráfica em suporte fotográfico digital e em ficha própria. Foram ainda realizados desenhos à escala 1/20 de cada unidade registada.

Finalizadas as três primeiras sondagens, sendo conhecida a estratigrafia do terreno, ficou acordado com a representante da DRCN, Dr.<sup>a</sup> Leonor Pereira, e a representante do Divisão Municipal de Património Cultural, Dr.<sup>a</sup> Laura Sousa, que se poderiam empregar meios mecânicos nos níveis considerados seguros do ponto de vista arqueológico, ou seja, até aos níveis antecedentes à Idade do Bronze. Neste sentido, os primeiros níveis estratigráficos das sondagens 4 e 7 foram escavados mecanicamente até cotas arqueológicas consideradas seguras, ou seja, foram removidos mecanicamente todas as unidades estratigráficas que não se relacionavam com a Idade do Bronze.

No caso das sondagens 5 e 6 (zona mais estreita da via pública)<sup>31</sup>, cuja cota de escavação se cifra em cerca de 1m e 80 cm de profundidade, o nível alcançado por meios mecânicos foi o antecedente aos vestígios da Idade do Bronze. A estratigrafia reportável à Idade do Bronze nesta área é já conhecida, uma vez que na propriedade que confina com a via pública, pelo lado Sudoeste, foi realizada em Outubro de 2019 uma sondagem (sond. 1). Como a via pública está sensivelmente 1 metro acima do terreno de lavradio desta propriedade, e a referida sondagem alcançou a cota de 1m 50cm, os vestígios arqueológicos nas sondagens 5 e 6 encontram-se aproximadamente a 1 metro de profundidade da cota alcançada.

Em suma, a intervenção arqueológica implicou, portanto, a realização de três sondagens arqueológicas que seguiram na íntegra os parâmetros elencados por Harris, ou seja, escavação por camadas arqueológicas, a pico e a colherim, registando-se cada unidade estratigráfica em suporte fotográfico digital e em ficha própria. Nas restantes quatro foram escavados mecanicamente os níveis estratigráficos não associados à Idade do Bronze. Uma vez removidos, a intervenção arqueológica processou-se de forma manual, a pico e a colherim.

No respeitante ao espólio recolhido, foi este etiquetado e acondicionado em recipientes apropriados, tendo sido depois transportado para depósito, onde será tratado por técnicos especializados. Quanto aos registos em si, foram elaborados levantamentos fotogramétricos finais de cada sondagem, e desenhos à escala convencionada. Estes desenhos contemplam planos intermédios e planos finais, assim como o desenho dos cortes elucidativos da estratigrafia apurada.

Os trabalhos de campo tiveram início no dia 25 de Julho e ficaram concluídos no dia 14 de Outubro de 2020.

---

<sup>31</sup> A escavação destas sondagens processou-se na íntegra de forma mecânica uma vez que não havia condições de segurança para alcançar as cotas que tínhamos em mente (1, 80). Tal facto justifica-se pela presença de muro pétreo assente sobre terra, que serve de marco à propriedade que fica a Nordeste. Do lado oposto, Sudoeste, verifica-se idêntica situação. Muro de alvenaria recente, construído antes da realização das referidas sondagens, assente sobre terra.

A intervenção arqueológica teve o seguinte acrónimo: **VNC.20** (Rua de Vila Nova e Travessa de Costibela, ano de 2020).

## 8. Descrição dos trabalhos

A intervenção implicou a realização de sondagens de diagnóstico arqueológico, perfazendo um total de 64 m<sup>2</sup>. Inicialmente estava previsto a realização de dez sondagens arqueológicas que, abrangendo toda a travessa da Costibela, deveriam ficar distanciadas entre si 10 metros. Não obstante, e porque parte da travessa já havia sido intervencionada com a colocação de tubagens de água no subsolo, entendeu-se que a realização das sondagens deveria ocorrer somente na área que ainda não havia conhecido qualquer tipo de afetação. Neste sentido, e porque as 10 sondagens não cabiam no terreno, foram realizadas somente 7, as quais respeitam, no entanto, os 67 m<sup>2</sup> previstos da seguinte forma:

- Sondagem 1: 3x2,5m
- Sondagem 2: 4x2m
- Sondagem 3: 4,2x1,8m
- Sondagem 4: 4x2m
- Sondagem 5: 6x1,5m
- Sondagem 6: 6x1,5m
- Sondagem 7: 7x2m+4x1m<sup>32</sup>

De seguida, expomos os resultados obtidos em cada sondagem.

---

<sup>32</sup> Corresponde ao alargamento realizado nesta sondagem. Com a sua concretização a área escavada cifra-se nos 67m<sup>2</sup>.

## Sondagem 1



Fotografia 1: plano inicial da sondagem 1.

**U.E. 100:** nível de circulação atual constituído por depósito areno-argiloso de cor castanha clara, muito compacto, com textura de grão médio. Na sua composição entram ainda alguns materiais de índole cultural, designadamente fragmentos de material de construção e de cerâmica corrente, tudo de origem muito recente. Compreende, ainda, a presença de pedras de pequeno calibre, detritos urbanos e raízes. Cobre as seguintes realidades estratigráficas: U.E's. 101, 102, 104 e 106.

**U.E. 101:** nível de época contemporânea que na área da sondagem realizada corresponde à base do muro de betão que a Norte divide a via pública de propriedade privada (Lar). Coberto pela U.E. 100, cobre a U.E. 102 e enche a U.E. 103.

**U.E. 102:** enchimento de interface relacionada com a fundação do muro de betão que separa a via pública da propriedade que com ela confronta a Norte. De origem contemporânea, consubstancia-se esta unidade num depósito areno argiloso de cor castanho e tonalidade clara. Provido de grão fino, revela-se pouco compacto e contém, amiúde, presença de raízes. Coberto pela U.E. 101, enche a U.E. 103, a vala de fundação do referido muro de betão do Lar.

**U.E. 103:** de origem contemporânea, corresponde à vala de fundação do muro de betão do Lar. Neste sentido consubstancia-se numa interface de planta retangular com paredes retas. Cheia pelas U.E's. 101 e 102; os trabalhos realizados permitiram apurar que cortou a U.E. 106.



**U.E. 104:** depósito de terra de coloração castanha, arenoso, contem na sua constituição presença frequente de pedras de pequeno e médio calibre. A presença de detritos, nomeadamente de plástico e de fragmentos de cerâmica contemporâneos, revelam que se trata de um depósito muito recente, o qual se pode atribuir à subida do cota do terreno e associar ao nível de circulação atual. Coberto pela U.E. 100, o nível de circulação presente, enche a U.E. 105 que, encontrando-se localizada somente na área Sul da sondagem, corresponde, *grosso modo*, a parte da área da via pública.

**U.E. 105:** esta unidade estratigráfica corresponde essencialmente a uma interface cheia pela U.E. 104, relacionada com a fundação do antigo muro da propriedade onde hoje está o lar. E dizemos com parte apenas porque esta interface corresponde no essencial ao antigo traçado da via. Assim, o corte Nordeste da interface corresponde precisamente ao antigo limite do caminho. Não obstante este facto, em termos estruturais, consubstancia-se numa interface com orientação Sudeste/ Noroeste, com base concava, não tendo mais do que 20 cm de profundidade. Compreende paredes tendencialmente inclinadas para o interior da base. Corta a U.E. 106.



Fotografia 2: interface da área do caminho público.

**U.E. 106:** nível estratigráfico de natureza areno argilosa, cor castanha e tonalidade clara. Aquando da sua escavação, revelou compactação média, com grão médio, contendo inclusões de índole cultural e natural, designadamente alguns fragmentos cerâmicos, material de construção e raízes. Cortada pelas U.E's. 103 e 104, interfaces do muro de betão do lar e do caminho, cobre a U.E. 107, sendo que esta é comum em toda a sondagem.



**U.E. 107:** nível estratigráfico constituído por terra de coloração castanha com tonalidade escura (preta). Aquando dos trabalhos empregues na sua escavação revelou possuir grão médio e ser ligeiramente compacta. Continha na sua composição pequenos fragmentos cerâmicos, líticos e raízes. Coberta estratigraficamente pela U.E. 106, cobre em seguida a U.E. 108.

**U.E. 108:** camada de terra de cor castanha, com tonalidade acinzentada provida de grão médio fino que revelando compactação média se mostrou homogénea por toda a área da sondagem. Continha na sua composição pedras e seixos de pequeno calibre, vários fragmentos cerâmicos (material de construção), alguns líticos e, escassas raízes. Sendo coberta pela U.E. 108, cobre as U.E's. 109 e 112.

**U.E. 109:** depósito constituído por terra que apresenta coloração cinzenta e tonalidade escura. Aquando dos trabalhos empregues na sua escavação revelou característica limosa de grão fino, contendo presença de areias muito finas de cor castanha e alguns nódulos de areia de grão médio. Revelou-se, na área escavada, compacta e homogénea. Coberta pela U.E. 108, cobre em seguida a U.E. 111 e enche do ponto de vista estratigráfico a U.E. 110<sup>33</sup>.



Fotografia 3: U.E. 110 (valado/ caneiro).

**U.E. 110:** estrutura negativa pré-existente no subsolo que se consubstancia numa interface reportável a um valado/ caneiro eventualmente relacionado com a atividade de regadio. Com orientação Sudeste/ Noroeste, compreende paredes concavas e fundo irregular, característica que lhe advém dos vestígios de

---

<sup>33</sup> Vide desenho nº. 6.

passagem de água. Cheia pela U.E. 109, os trabalhos de escavação permitiram concluir que cortou as seguintes unidades estratigráficas: 111, 112, 113, 115, 116, 117 e 119<sup>34</sup>.

**U.E. 111:** no essencial não difere muito do descrito acerca da U.E. 109, contudo encontra-se a cotas mais baixas. Trata-se, fundamentalmente, de um nível estratigráfico constituído por terra de coloração cinzenta e tonalidade escura, que se revela bastante homogénea e muito compacta. Com textura arenosa, grão fino e médio, contém inclusões de pequenas pedras, quartzos e areões de grão grosso. Tendo em conta que é cortado pelo valado, e a sua compactidade, deverá corresponder a um antigo piso de circulação, até porque os dados obtidos permitem deduzir que se tratou noutras Eras do nível superficial. Do ponto de vista estratigráfico apuraram-se as seguintes relações: é coberta pela U.E. 109, foi cortada pela U.E. 110 e cobre as U.E.'s. 113 e 115. Compreende fragmentos de cerâmica antiga muito pequenos.

**U.E. 112:** nível estratigráfico constituído por terra castanha com tonalidade acinzentada. Evidenciando presença de nódulos de cor laranja, consubstancia-se numa camada areno argilosa com grão médio fino, contendo na sua constituição presença de pequenas pedras e fragmentos cerâmicos reportáveis ao período romano. Aquando dos trabalhos realizados revelou ser pouco compacta e bastante homogénea. Localizada na área Norte da sondagem, revela ser muito semelhante à U.E. 115, que fica no lado oposto. Coberta pela U.E. 108, revela ter sido cortada pela U.E. 110. Cobre a U.E. 116 e pelo que fica dita sincroniza-se com a 115. Tem a particularidade de, aquando da sua escavação, terem sido recolhidos alguns fragmentos cerâmicos cujas características nos permitem data-los da época romana.

**U.E. 113:** consubstancia-se esta unidade num pequeno depósito de terra castanha acinzentada com tonalidade muito escura. De textura limosa, revela-se compacta e bastante homogénea, sendo perceptível apenas junto a parede Sul do caneiro/ valado atrás descrito (U.E. 110). Coberta pela U.E. 111, foi cortada pela 110, enche estratigraficamente a U.E. 114 e cobre na área onde se encontra o terreno estéril<sup>35</sup>.

---

<sup>34</sup> Vide desenho nº. 7.

<sup>35</sup> Vide desenho nº. 8.



Fotografia 4: U.E. 113.

**U.E. 114:** no essencial trata-se da continuação da U.E. 110. Não obstante, pelo atrás descrito, corresponde esta unidade, tal como a 113, a um momento mais antigo, o qual, no essencial, se traduz aqui nos limites originais. Estruturalmente, revela parede Sul rampeada a convergir para base concava irregular. Cheia pela U.E. 113, corta as U.E's. 115, 117 e o terreno estéril<sup>36</sup>.

**U.E. 115:** encontra-se localizada na parte Sul da sondagem e, conforme referido anteriormente, sincroniza-se com a U.E. 112. No essencial, corresponde a uma camada de coloração castanha e tonalidade acinzentada que, compreendendo presença de nódulos alaranjados, se revela areno argilosa. Com grão médio fino, contendo inclusões de pequenas pedras, líticos e fragmentos da Idade do Bronze, revela-se homogénea e pouco compacta. Coberta pela U.E. 111, foi cortada pelas interfaces 110 e 114. Cobre a U.E. 117 e sincroniza-se com a U.E. 112.

**U.E. 116:** está localizada na parte da Norte da sondagem. Camada de terra castanha acompanhada por tons alaranjados, de natureza argilosa, revela-se homogénea e pouco compacta. Coberta pela U.E. 112, foi cortada pela U.E. 110 e cobre a 118 assim como o terreno estéril. Sincroniza-se com a U.E. 117.

**U.E. 117:** está localizada na área oposta à da U.E. 116, ou seja, na parte Sul da sondagem definida pelo caneiro/ valado. Camada de terra castanha alaranjada, de natureza e textura argilosa, que se revela homogénea e pouco compacta. Compreende algumas manchas mais escuras, como sucede a respeito da U.E. 116, que são provocadas por raízes. Do ponto de vista estratigráfico foram apuradas as seguintes

---

<sup>36</sup> Vide desenho nº. 9.

relações: é coberta pela U.E. 115, foi cortada pelas U.E's. 110 e 114, sincroniza-se com a U.E. 115, e cobre o terreno estéril.

**U.E. 118:** depósito de terra castanha com manchas alaranjadas que, semelhante à U.E. 116, se encontra inscrito no terreno estéril. Localizado junto do corte Noroeste, prolongando-se inclusive para o seu interior, este depósito não foi escavado propositadamente, uma vez que se julgou conveniente aferir toda a sua plenitude em fase de alargamento.

**U.E. 119:** terreno estéril coberto pela U.E. 117 e cortado pela 110 e 114<sup>37</sup>.



Fotografia 5: Plano final.

---

<sup>37</sup> Vide desenho nº. 11.





Fotografia 6: corte estratigráfico Sudeste.



Fotografia 7: corte estratigráfico Sudoeste.



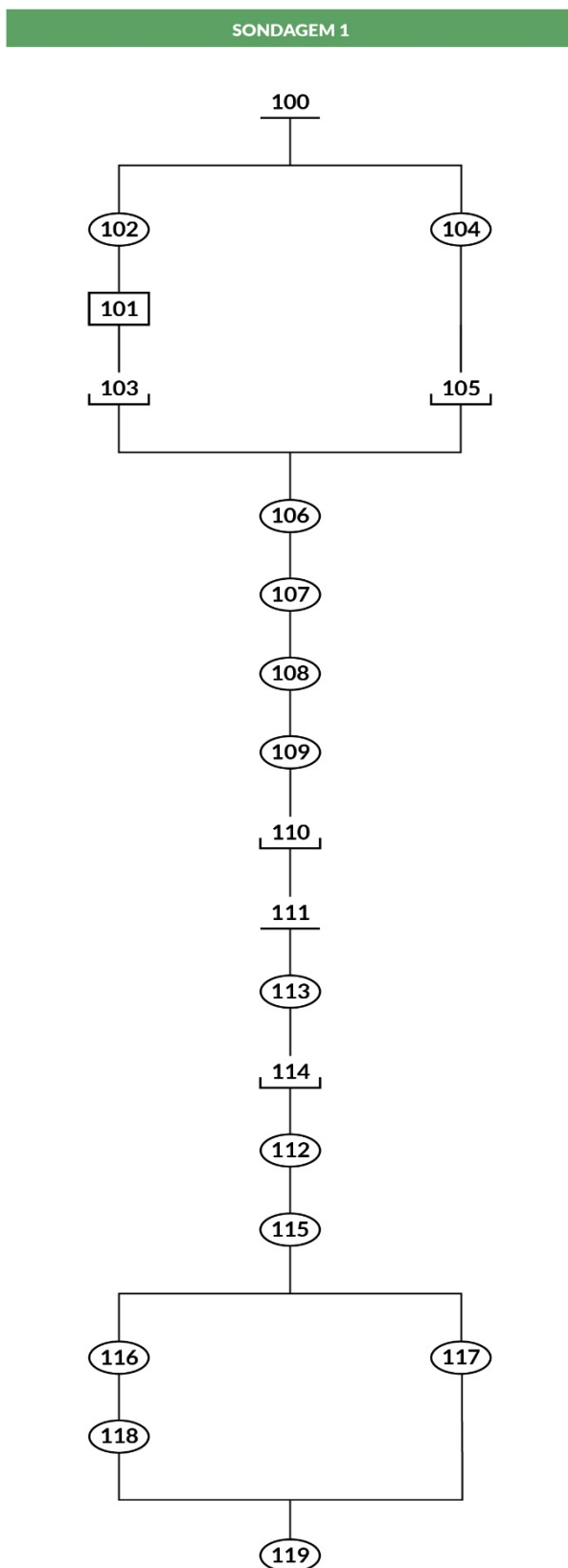


Figura 3: matriz da sondagem 1.

## Sondagem 2

**U.E. 200:** nível de circulação atual constituído por depósito areno argiloso de cor castanha clara que, revelando-se muito compacto, compreende textura de grão médio grosso. Na sua composição entram ainda alguns materiais de índole cultural, designadamente fragmentos de material de construção e de cerâmica corrente, tudo de origem muito recente. Compreende, ainda, presença de pedras de pequeno e médio calibre, detritos urbanos (lixo) e raízes. Do ponto de vista estratigráfico sincroniza-se inequivocamente com a U.E. 100 e cobre as seguintes realidades: U.E. 201, 203 e 204.



Fotografia 8: plano inicial da sondagem 2.

**U.E. 201:** depósito areno argiloso de cor castanho e tonalidade clara, com grão médio, pouco compacto. Localizado na área Sudeste da sondagem contém metal, plástico, tijolo, cerâmica recente, etc. Coberto pela U.E. 200, enche estratigraficamente a U.E. 202.

**U.E. 202:** interface com orientação Noroeste-Sudeste que compreende planta sub retangular dotada de paredes inclinadas convergentes para fundo relativamente plano. Cheia pela U.E. 201, cortou as U.E's. 203 e 204 e do ponto de vista estratigráfico sincroniza-se com a U.E. 105 da sondagem 1.

**U.E. 203:** unidade estratigráfica constituída por terra areno argilosa de cor castanha e tonalidade acinzentada de gradação clara. Revelando-se muito compacta aquando dos trabalhos empregues na sua escavação, possui granularidade média e contém inclusões culturais, designadamente fragmentos de material de construção e de cerâmica de uso corrente de época Contemporânea. Localizada na parte Sudoeste da sondagem, aqui definida pela interface 202, revelou ser coberta pela U.E. 200 e ter sido cortada pela 202. Cobre as seguintes realidades apuradas: U.E's. 205, 207 e 208.

**U.E. 204:** nível estratigráfico de coloração castanha e tonalidade clara que revela textura areno argilosa com grão médio. De compactação média inclui na sua constituição alguns líticos e fragmentos de cerâmica de época Contemporânea. Coberta pela U.E. 200, revela ter sido cortada pela 209 e 246, e cobre a 210.

**U.E. 205:** depósito arenoso de cor castanho claro dotado de grão grosso. Quando dos trabalhos de escavação revelou tratar-se de sedimento muito compacto, que continha na sua composição presença de alguns fragmentos de cerâmica recente, assim como de material de construção, aos quais se juntavam ainda pequenos ferros. Coberto pela U.E. 203, do ponto de vista estratigráfico foi apurado que enchia a U.E. 206.

**U.E. 206:** no seguimento do atrás descrito, a respeito da U.E. 205, os trabalhos arqueológicos operados nesta sondagem puseram em evidencia a presença de uma interface de formato subcircular localizada junto do corte Noroeste. Compreendia paredes inclinadas e rampeadas que convergiam genericamente para uma base/ fundo irregular. Inserida em níveis de contexto Contemporâneo, os seus trabalhos de escavação permitiram apurar que era cheia pela U.E. 205 e que cortava as U.E's. 207, 208 e 246.

**U.E. 207:** nível estratigráfico constituído por terra de coloração castanha e tonalidade escura (preta), que revelando natureza e textura areno argilosa, possui grão médio fino. Evidenciando-se muito compacta a nível superficial, contém inclusões de pedras de pequeno calibre, e do ponto de vista estratigráfico é coberta pela U.E. 203 e foi cortada, conforme referido, pela U.E. 206. Enche estratigraficamente a U.E. 246.

**U.E. 208:** camada estratigráfica de coloração cinzenta e tonalidade clara, com grão médio grosso e que se revela muito compacta. Contempla na sua constituição presença frequente de pedras de pequeno e médio calibre, aos quais se juntam alguns fragmentos cerâmicos e material de construção, tudo de época Contemporânea. A estratigrafia apurada, aquando dos trabalhos de escavação foi a seguinte: é coberta pela U.E. 203, cortada pela 206, e enche a 209.

**U.E. 209:** atendendo ao descrito na U.E. 208, consubstancia-se esta unidade numa interface de forma sub retangular que, orientada no sentido Noroeste-Sudeste, apresenta paredes ligeiramente inclinadas e a convergir para um fundo que se apresenta relativamente plano. Cheia pela U.E. 208, foi apurado que cortou as U.E's. 204, 210 e 246. No essencial, atendendo aos dados obtidos na sondagem 1, constata-se que se trata de uma interface relacionada com o antigo caminho público. Neste sentido, do ponto de vista arqueológico, sincroniza-se U.E. 105.

**U.E. 210:** nível estratigráfico uniforme em toda a área da sondagem. Consubstancia-se numa camada de terra de cor castanha e tonalidade escura acinzentada que sendo homogénea evidencia grão médio fino. De compactação mediana e textura areno argilosa, compreende na sua constituição presença de pedras de pequeno calibre às quais se juntam também algumas raízes e fragmentos de material de construção e de cerâmica. Coberta pela U.E's. 204, os trabalhos realizados revelaram ter sido cortada pela U.E. 209. Cobre em seguida a U.E. 211.

**U.E. 211:** nível estratigráfico comum em toda a área escavada da sondagem. Consubstancia-se num nível estratigráfico constituído por terra de coloração castanha com tonalidade alaranjada. De natureza e textura areno argilosa, dotada de grão médio fino, e pouco compacta, continha na sua constituição inclusões de líticos e de material de construção. Do ponto de vista estratigráfico, após concluídos os seus trabalhos de escavação, foram apuradas as seguintes relações: é coberta pela U.E. 210, cobre a U.E. 212 e a U.E. 213.

**U.E. 212:** está localizada junto do corte Sudeste e consubstancia-se num depósito de coloração castanha com tonalidade escura (preta), de textura arenosa (grão grosso) que se revela pouco compacto. Coberto pela U.E. 211, cobre a 213 e tem a particularidade de não conter quaisquer elementos de índole cultural.

**U.E. 213:** nível estratigráfico uniforme e homogéneo em toda a área escavada da sondagem. Consubstancia-se numa camada de terra de cor castanha e tonalidade escura acinzentada. De textura e natureza areno argilosa, provida de grão médio e ligeiramente compacta. Do ponto de vista arqueológico, os trabalhos realizados permitiram concluir que era coberta pelas U.E's. 211 e 212. Cobre depois as seguintes realidades que são verdadeiramente arqueológicas: U.E's. 214, 215, 216, 217, 222, 224, 225 e 226<sup>38</sup>.

**U.E. 214:** encontra-se localizada na parte central da sondagem e consubstancia-se num pequeno depósito que, juntamente com as U.E's 215, 216 e 217, enchem um conjunto de interfaces que se encontram sensivelmente alinhadas. No respeitante a esta unidade, consubstancia-se a mesma num depósito de coloração castanha clara, com tonalidade alaranjada, de natureza argilosa e com grão fino, que se revela compacto e sem qualquer presença de elementos e/ ou vestígios de cultura material. Coberto pela U.E. 213 enche uma pequena interface à qual se atribuiu a numeração 218.

**U.E. 215:** encontra-se alinhada com a anterior descrita, sensivelmente na parte central da sondagem. No que ao depósito em si diz respeito, apresenta genericamente as mesmas características e do ponto de vista estratigráfico, à semelhança do apurado para a U.E. 214, é coberta pela U.E. 213 e enche a 219;

**U.E. 216:** encontra-se localizada na parte central da sondagem, no seguimento das duas unidades anteriormente descritas. Quanto ao depósito em si, apresenta o mesmo as mesmas características das atrás descritas, razão pela qual nos abstermos de aqui proceder à sua descrição. Do ponto de vista estratigráfico, revela ser coberta pela U.E. 213 e enche a interface 220.

**U.E. 217:** está localizada na área central da sondagem, alinhada com os depósitos atrás descritos (U.E's. 214, 215 e 216). Igual às demais descritas atrás, os trabalhos de escavação revelaram que era coberta pela U.E. 213. Enche estratigraficamente a interface 221.

---

38 Vide desenho nº. 9 para os enchimentos e desenho 10 para as interfaces identificadas.





Fotografia 9: plano 2 onde são visíveis as unidades 218, 219, 220 e 221.

**U.E. 218:** encontra-se localizado na parte central da área escavada da sondagem e faz parte de um conjunto de interfaces sensivelmente alinhadas, as quais são cheias pelas U.E's. 214, 215, 216 e 217. Estruturalmente compreende planta subcircular, com paredes ligeiramente inclinadas e convergentes para uma base/ fundo relativamente plano e pouco profundo. Com cerca de 20 cm de comprimento por 17 de largo, cortou a U.E. 222 e era cheia pela U.E. 214.

**U.E. 219:** interface pouco profunda, com planta subcircular, constituída por paredes ligeiramente rampeadas e base/ fundo plano. Com cerca de 20 cm de comprimento por 17 cm de largo, corta a U.E. 222 e é cheia pela U.E. 215.

**U.E. 220:** interface pouco profunda, com cerca de 20 cm de comprimento por 17 cm de largo. De planta subcircular, com paredes ligeiramente rampeadas e base/ fundo relativamente plano. Corta, do ponto de vista estratigráfico, a U.E. 222 e é cheia pela U.E. 216.

**U.E. 221:** interface sensivelmente alinhada com as demais atrás descritas. Compreende planta subcircular com paredes ligeiramente inclinadas tendo, no entanto, a particularidade de não conter parede a Noroeste e a Nordeste. Cheia pela U.E. 217, corta a U.E. 222 e os seus trabalhos revelaram ser ligeiramente mais pequena que as anteriores: cerca de 14 cm de largo por 17 cm de largo.

**U.E. 222:** nível estratigráfico localizável unicamente na parte central da sondagem, no sentido Sudeste-Noroeste. Respeita genericamente a uma unidade estratigráfica de enchimento que se consubstancia num depósito de coloração castanho com tonalidade muito escura. De natureza heterogénea, compreende textura areno argilosa de grão médio a fino que se revela algo compacto, contendo na sua

composição inclusões de carvões, líticos, nódulos de areão e de fragmentos de cerâmica antiga, os quais muito frágeis merecem um estudo mais aprofundado. Revelando-se em algumas áreas limoso e arenoso, os seus trabalhos de escavação revelaram que se trata do enchimento do antigo valado/ caneiro já identificado na sondagem 1 através das U.E's. 109 e 110 e depois 113 e 114. Do ponto de vista estratigráfico é coberto pelas U.E's. 212 e 213, foi cortado pelas U.E's. 218, 219, 220 e 221, e enche a 223<sup>39</sup>.



Fotografia 10: enchimento do valado/ caneiro.

**U.E. 223:** localizada na parte central da sondagem, com orientação Noroeste-Sudeste, esta unidade cortou as U.E's. 225, 226, 227, 228, 229, 230 e 231. Sincronizando-se com a U.E. 110 e 114 da sondagem 1, consubstancia-se esta unidade numa estrutura negativa dotada de paredes irregulares ligeiramente inclinadas e convergentes para uma base concava que mais não é do que o fundo de um caneiro/ valado provido de pequenos sulcos resultantes do desgaste causado pela passagem de água. Neste sentido, portanto, os trabalhos arqueológicos empregues na sua escavação permitem concluir que se trata de um antigo canal/ valado de regadio, o qual já identificado na sondagem 1 carece, no entanto, de maior rigor cronológico por falta de melhores elementos culturais. É que em geral os fragmentos recolhidos respeitam quase exclusivamente a material de construção que embora sendo antigo é de difícil apuramento cronológico. Não obstante, entre o material recolhido sobressaem dois pequenos elementos relevantes:

---

39 Vide desenho nº. 10.



um fragmento cuja pasta parece reportar-se a uma bracarense, e um fragmento cujas características apontam para um possível ladrilho romano<sup>40</sup>.



Fotografia 11: caneiro/ valado

**U.E. 224:** esta unidade estratigráfica encontra-se localizada na parte Sudoeste da sondagem, definida pelo valado/ caneiro atrás descrito. No essencial, trata-se de uma unidade constituída por uma língua terra de coloração castanha com tonalidade escura que de natureza arenosa e com grão grosso se apresentou muito compacta. Atendendo às suas características, e ao facto de se tratar de uma língua de terra, tudo apontava para um enchimento de interface. Não obstante quando dos trabalhos empregues na sua escavação tal não verificou, pelo que a sua origem deverá provir apenas de um depósito de águas. Seja como for, do ponto de vista estratigráfico os trabalhos realizados apuraram que era coberta pelas U.E.'s. 212 e 213. Cobria a U.E. 225.

**U.E. 225:** encontra-se localizada na mesma área em que se situa a U.E. 224 e como referido era coberta por esta. No essencial, trata-se de uma camada de terra de cor castanha com tonalidade clara que contendo nódulos amarelos de natureza argilosa e limosa, com grão fino, contém na sua constituição inclusão de alguns líticos (quartzo), pedras de pequeno calibre, carvões, e fragmentos de cerâmica atribuíveis à Idade do Bronze. Revelando-se compacta quando dos seus trabalhos de escavação, do ponto

---

<sup>40</sup> Vide desenho nº. 11.

de vista estratigráfico era coberta pelas U.E's. 212, 213 e 224. Foi cortada pela U.E. 223, o valado/ caneiro, e cobria a 227.

**U.E. 226:** encontra-se no lado oposto às duas unidades anteriormente descritas (Nordeste), sendo, por isso, o seu espaço definido pelo valado. Em termos genéricos consubstancia-se numa unidade constituída por terra castanha de tonalidade acinzentada que com textura arenosa, com grão fino médio, se revela homogénea, pouco compacta e contém fragmentos cerâmicos da Idade do Bronze. Coberta pela U.E. 213, foi cortada pela U.E. 223, o caneiro/ valado, e cobre a U.E. 230.

**U.E. 227:** encontra-se na zona Sudeste definida na sondagem pelo valado/ caneiro. Consubstancia-se numa camada de terra de cor castanho com tonalidade muito escura (preta) que revelando textura e natureza argiloarenosa compreende grão médio fino. Quando dos trabalhos empregues na sua escavação revelou ser muito compacta, contendo na sua constituição alguns líticos (alguns seixos com indícios de talhe), nódulos de carvões e fragmentos de cerâmica. Do ponto de vista estratigráfico apresentava-se coberta pela U.E. 225, havia sido cortada pela U.E. 223 e cobria a 228.

**U.E. 228:** é coberta pela U.E. 227 e no essencial respeita a uma camada de terra castanha com tonalidade acinzentada que de natureza arenosa é provida de grão fino médio. Revela-se na área onde se encontra, Sudeste, homogénea e pouco compacta, contendo na sua composição presença escassa de pequenos fragmentos de cerâmica atribuíveis à Idade do Bronze. Cortada pela 223, cobre a 229.

**U.E. 229:** pelo descrito nas unidades 227 e 228 fica claro que se encontra na zona Sudeste definida pelo valado/ caneiro. Trata-se, no essencial, de uma camada de terra de cor castanha com tonalidade acinzentada que contém amiúde nódulos argilosos de coloração alaranjada e escassos fragmentos de cerâmica. Pouco compacta e homogénea em toda a área por onde se propaga, é coberta estratigraficamente pela U.E. 228, foi cortada pela 223, o caneiro/ valado, e cobre a U.E. 231.

**U.E. 230:** encontra-se localizada no lado oposto à 229, ou seja, na zona Nordeste definida pela U.E. 223, o caneiro/ valado. Consubstancia-se numa unidade estratigráfica que compreende presença de terra castanha com tonalidade acinzentada que contém entre a sua composição presença frequente de nódulos de argila de coloração alaranjada e de forma esporádica pequenos fragmentos de cerâmica enquadráveis na Idade do Bronze. Pouco compacta e homogénea em toda a área onde se encontra, esta unidade estratigráfica era coberta pela U.E. 226, foi cortada pela U.E. 223 e cobre a U.E. 231.

**U.E. 231:** ao contrário das unidades atrás descritas, a U.E. 231 que se descreve tem a particularidade de ser uniforme às duas áreas definidas pelo caneiro/ valado. No essencial, traduz-se numa camada de terra castanha com tonalidade alaranjada clara que continha presença de pequenos fragmentos conotáveis com a Idade do Bronze. Exibe textura argilosa que se revelando pouco compacta e com grão médio fino é sensivelmente homogénea. Coberta pelas U.E's. 229 e 230, foi cortada pela U.E. 223. Cobre a 232.

**U.E. 232:** camada estratigráfica constituída por terra castanha com tonalidade alaranjada – vinosa que de natureza argilosa, homogénea e pouca compacta continha presença de inclusões culturais da Idade do



Bronze. Coberta pela U.E. 231 esta unidade cobre as seguintes realidades, estas reportáveis a contextos da Idade do Bronze: U.E's. 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239 e terreno estéril<sup>41</sup>.

**U.E. 233:** coberta pela U.E. 232 esta unidade consubstancia-se num depósito de terra de coloração castanha com tonalidade alaranjada de gradação escura acinzentada. Compreende nódulos amarelo areno argilosos com grão médio e carvões. Nível arqueológico não escavado do ponto de vista arqueológico por se supor tratar de eventual enchimento de interface largo, tipo fossa, e por se encontrar localizado junto do muro novo que separa a via pública da propriedade que lhe fica a Sudoeste e onde se têm vindo a realizar também trabalhos arqueológicos. Neste sentido, os trabalhos de escavação desta unidade ficam para a fase de alargamento, fase em que haverá melhores condições de segurança.



Fotografia 12: plano da unidade 233.

**U.E. 234:** depósito de terra de coloração castanho e tonalidade escura acinzentada que composição areno argilosa, com grão fino. Revelando-se pouco compacto e contendo alguns nódulos de carvões encontra-se localizado junto do corte Noroeste. Coberto pela U.E. 232 enche estratigraficamente a U.E. 244, interface reportável a buraco de poste.

**U.E. 235:** é visível junto do vértice dos cortes Nordeste e Sudeste. Consubstancia-se num pequeno depósito de terra castanha com tonalidade clara alaranjada. De natureza areno argilosa, com grão médio, conservava na sua composição alguns nódulos de carvões e líticos. Revelando-se pouco compacto, enche

---

<sup>41</sup> Vide desenho nº. 17.

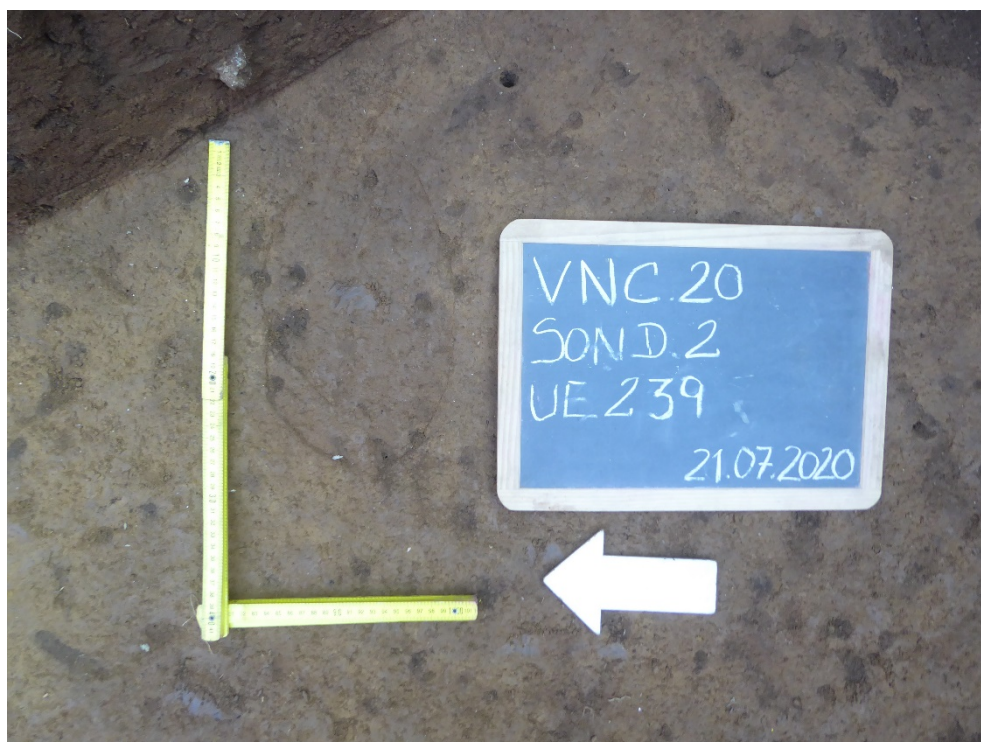
estratigraficamente a U.E. 240, interface que reportamos à presença de buraco de poste. É coberta pela U.E. 232.

**U.E. 236:** encontra-se junto da U.E. 235 e no essencial apresenta as mesmas características, razão pela qual nos abstermos aqui de proceder à sua descrição. Do ponto de vista estratigráfico os trabalhos arqueológicos realizados nesta sondagem revelaram que era coberta pela U.E. 232. Enche a U.E. 241, interface que conotamos com presença de buraco de poste.

**U.E. 237:** encontra-se localizada na mesma área das unidades atrás descritas, U.E's. 235 e 236. Apresentando basicamente as mesmas características, do ponto de vista estratigráfico revelou ser coberto pela U.E. 232. Por se tratar de um depósito de enchimento, enche a 243, interface reportável à presença de um buraco de poste.

**U.E. 238:** o depósito desta unidade quando dos trabalhos de escavação revelou ser semelhante aos atrás descritos. Coberto pela U.E. 232, enche a U.E. 245, interface que interpretamos como pertencente à presença de um antigo buraco de poste.

**U.E. 239:** coberto pela U.E. 232, enche a U.E. 242, interface que respeita à presença de um antigo buraco de poste. O sedimento de enchimento escavado era em tudo semelhante aos atrás descritos, razão pela qual nos abstermos de o descrever aqui.



Fotografia 13: pormenor de enchimento de interface reportável a buraco de poste.

**U.E. 240:** estrutura negativa cavada no terreno estéril e que interpretamos com pertencente a um antigo buraco de poste. Cheio pela U.E. 235, e como tal localizável junto do vértice dos cortes Nordeste e

Sudeste, compreende planta aparentemente subcircular, uma vez que se prolonga para o corte Sudeste. Apresenta paredes tendencialmente rampeadas e convergentes para base/ fundo concavo. Do ponto de vista estratigráfico, sendo cheio pela U.E. 235, corta o terreno estéril.

**U.E. 241:** estrutura negativa de antigo buraco de poste. Compreende forma sub retangular com canto Noroeste arredondado. De paredes tendencialmente rampeadas e base patenteada com dois registos, em que o segundo se revela circular e ligeiramente mais fundo. Tem cerca de 26 cm de comprimento por 12 cm de largo. Estratigraficamente era cheio pela U.E. 236, e foi aberto no terreno estéril.

**U.E. 242:** interface relacionada com presença de antigo buraco de poste fundo. Apresenta planta tendencialmente oval com concavidade menos profunda a Sudeste. Exibe paredes inclinadas que convergem tendencialmente para um fundo que se apresenta fundamentalmente concavo. Cheia pela U.E. 239, o buraco de poste foi aberto no terreno estéril.



Fotografia 14: pormenor de interface de buraco de poste.

**U.E. 243:** encontra-se localizado ao lado da U.E. 242, portanto na zona Sudeste da sondagem, próximo do corte Nordeste. Estruturalmente consubstancia-se numa depressão antrópica com planta oval dotada de plataforma lisa que segue a partir do seu meio em declive para Sudeste. Com cerca de 10 cm de comprimento e 12 de largo, foi aberto no terreno estéril e conforme referido anteriormente era cheia pela U.E. 237.

**U.E. 244:** é localizável na mesma área, ao lado das U.E's. 242 e 243. Consubstancia-se numa pequena interface de planta subcircular com parede Sudeste recta e Nordeste inclinada. Com fundo concavo e mais estreito do que a própria boca, foi aberto no terreno estéril. Era cheio pelo depósito 234.



**U.E. 245:** interface cavada no terreno estéril. Compreende planta oblonga com dois registos com cotas distintas, uma vez que o segundo, mais baixo, apresenta forma circular. Cheia pela U.E. 238, corta o terreno estéril.

**U.E. 246:** Interface junto do corte Sudoeste. Cheia pela U.E. 207, cortou a U.E. 204. Desenvolvendo-se para o interior do corte, apresenta planta subcircular com paredes e rampeadas para base concava;

**U.E. 247:** terreno estéril<sup>42</sup>.



Fotografia 15: plano final da sondagem 2.

---

<sup>42</sup> Vide desenho nº. 18.





Fotografia 16: corte estratigráfico Nordeste.



Fotografia 17: corte estratigráfico Noroeste.

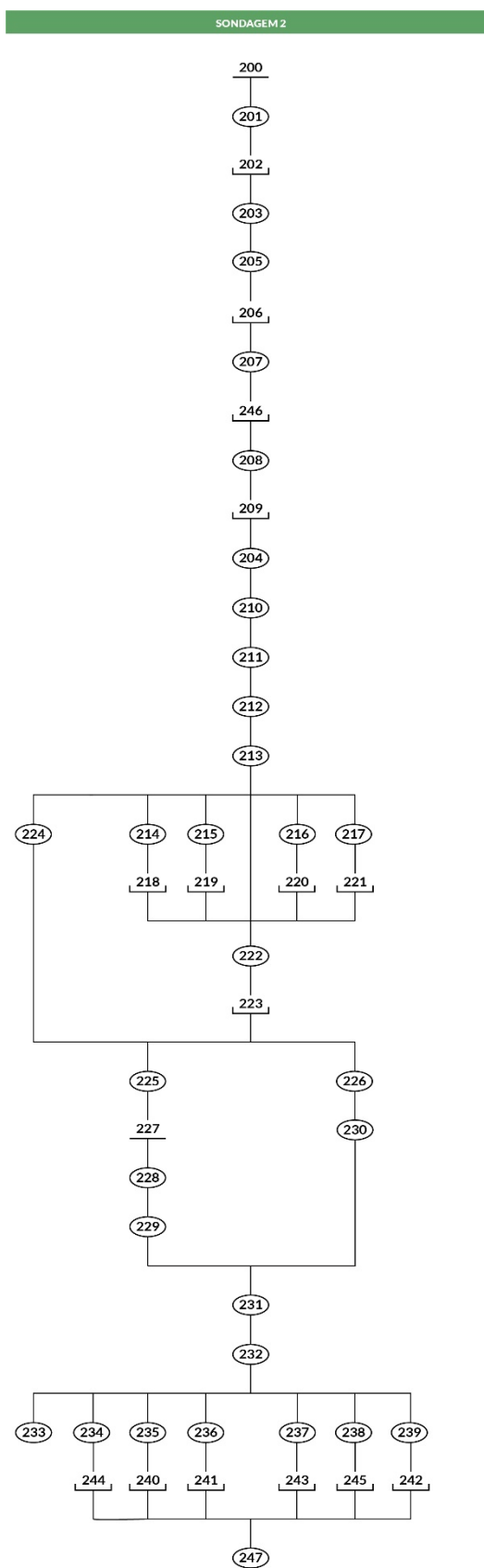


Figura 4: matriz da sondagem 2.

### Sondagem 3

**U.E. 300:** corresponde esta primeira unidade ao nível de circulação atual, o qual se compõe com película de alcatrão. Cobre o do ponto de vista estratigráfico a U.E. 301.



Fotografia 18: plano inicial.

**U.E. 301:** nível estratigráfico que compreende na sua composição presença abundante de gravilhas, as quais se relacionam diretamente com a preparação do piso de alcatrão. Neste sentido, revela ser coberto pela U.E. 300. Cobre em seguida a U.E. 302.

**U.E. 302:** camada de terra de coloração cinzenta com tonalidade muito escura que se revelando muito compacta compreende na sua constituição presença abundante de pedras de pequeno e médio calibre, bem como de detritos de carácter urbano, designadamente de restos de plástico e outros detritos. Coberta pela U.E. 301, cobre estratigraficamente a U.E. 304 e 306.

**U.E. 303:** nível estratigráfico em tudo semelhante ao descrito sobre a U.E. 302, razão pela qual se anula a unidade 302, uma vez que corresponde a um mesmo momento e depósito, o qual se revela heterogéneo. Assim sendo, coberta pela 301, esta unidade cobre a 304 e 306.

**U.E. 304:** unidade estratigráfica localizada no correr do corte Sudoeste. Compreende depósito de terra castanha escura com tonalidade acinzentada. De natureza areno argilosa, com grão médio e inclusão de pedras de pequeno calibre, seixos e fragmentos cerâmicos de época Contemporânea, revelou ser muito compacta. Quando dos trabalhos da sua escavação aferiu-se que era coberta pela U.E. 303 (uma vez que a 302 foi anulada). Do ponto de vista estratigráfico apurou-se que enchia a U.E. 305.



**U.E. 305:** localizada no correr no corte Sudoeste da sondagem trata-se, no essencial, de uma depressão em forma de vala que orientada no sentido Noroeste-Sudeste apresentou parede inclinada a Nordeste convergente para base irregular. Cheia pela U.E. 304, os trabalhos realizados concluíram que cortava a U.E. 306.

**U.E. 306:** depósito constituído por terra heterogénea com coloração castanha escura e tonalidade acinzentada. De natureza areno argilosa revela textura de grão médio, contendo inclusões frequentes de detritos, lixo, plástico e fragmentos de cerâmica conotáveis com o período Contemporâneo. Revelando-se medianamente compacta, do ponto de vista sequencial da matriz preconizada por Harris era coberta pela U.E. 303, foi cortada pela U.E. 305 e cobria as U.E's. 307, 309 e 310.

**U.E. 307:** depósito de terra de coloração castanha com mesclas alaranjadas localizado junto do corte Nordeste. Revelando textura areno argilosa, com grão médio fino, o trabalho empregue na sua escavação revelou que se tratava de um depósito pouco compacto. Coberto pela U.E. 306, enche a 308.

**U.E. 308:** encontra-se localizado na área da unidade atrás descrita, isto é, junto do corte Nordeste. Consubstancia-se numa interface sub retangular relativamente extensa em comprimento que compreende paredes inclinadas e rampeadas que convergem para um fundo irregular. Orientada no sentido Noroeste-Sudeste, a relação estratigráfica apurada depois de concluídos os trabalhos de escavação da U.E. 307 foi a seguinte: interface cheia pela U.E. 307 que cortou por sua vez a U.E. 310.

**U.E. 309:** no essencial, traduz-se esta unidade num depósito constituído por vários materiais que todos juntos lhe conferem coloração castanha e tonalidade acinzentada. De natureza e textura areno argilosa, com grão médio grosso, revela-se muito compacto, contendo na sua constituição presença abundante de pedras de pequeno e médio calibre, assim como seixos, tudo envolvido em nível de saibro compactado. No demais, coberto pela U.E. 306, cobre em seguida a U.E. 310.

**U.E. 310:** do ponto de vista estratigráfico é coberto pelas U.E's. 306 e 309, foi cortado pela U.E. 308, e cobre as U.E's. 313 e 314. Consubstancia-se na sondagem num depósito de coloração castanho escuro com tonalidade acinzentada que de natureza areno argilosa com grão médio grosso se revela muito compacto. Compreende na sua constituição presença de pedras de pequeno e médio calibre, fragmentos de cerâmica contemporânea, tudo envolvido em nível de terra e saibro heterogéneas. Atendendo às características evidenciadas, esta unidade estratigráfica, coberta pela U.E. 306 e 309, consubstancia-se num antigo nível de circulação Contemporâneo, que no século corrente, fruto das depressões existentes provocadas pela passagem de carros de bois (interfaces 311 e 312) conheceu nível de aterro e subida de cota. Neste sentido, os níveis estratigráficos anteriormente descritos inserem-se precisamente nesse momento. Cobre estratigraficamente as U.E's. 310a e 310 b, 313 e 314.



**U.E. 310a:** apresenta fundamentalmente as mesmas características, tendo, no entanto, a particularidade de encher depressão existente no terreno relacionada com a passagem de carros de bois. Coberta pela U.E. 310 enche estratigraficamente a 311<sup>43</sup>.

**U.E. 310b:** unidade em tudo semelhante à U.E. 310, tendo a particularidade de encher depressão existente no terreno relacionada com a circulação de carros de bois. Neste sentido, coberta pela U.E. 310, enche a 312<sup>44</sup>.

**U.E. 311:** encontra-se localizada no correr do corte Sudoeste e traduz-se na sondagem numa interface que com orientação Noroeste-Sudeste corresponde a marca de antigo rodado de carro de bois. Compreende paredes irregulares que com pequenas reentrâncias convergem para um fundo ligeiramente plano e bastante compacto. Cheia pela U.E. 310a os trabalhos realizados permitiram concluir que cortou as U.E.'s. 313 e 314.



Fotografia 19: U.E. 511 (interface de rodado).

**U.E. 312:** relaciona-se com antigo rodado de circulação de carro de bois. Orientada no sentido Noroeste-Sudeste e correndo sensivelmente junto do corte Nordeste, esta interface apresentou paredes inclinadas que convergiam para fundo irregular. Cheia pela U.E. 310b à semelhança da atrás descrita cortou as U.E.'s. 313 e 314.

---

<sup>43</sup> Vide desenho nº. 3.

<sup>44</sup> Vide desenho nº. 3.

**U.E. 313:** unidade estratigráfica que se situa entre as duas interfaces atrás descritas. Compreende nível constituído por terra de coloração castanha escura com tonalidade acinzentada. De natureza areno argilosa, com grão médio, revela-se compacta a nível superficial. Sem elementos de índole cultural, os trabalhos empregues na sua escavação mostraram que era coberta pela U.E. 310 e que fora cortada pelas U.E's. 311 e 312. Cobre a U.E. 315 e é igual à U.E. 314.

**U.E. 314:** distinguiu-se esta unidade por se encontrar junto do corte Nordeste, ao lado, portanto, da interface 312. Não obstante, esta unidade é em tudo semelhante à U.E. 313. Cortada pelas U.E's. 311 e 312, cobre a U.E. 315 e quando dos seus trabalhos de escavação foram recolhidos alguns líticos.

**U.E. 315:** camada estratigráfica uniforme e homogénea em toda a área da sondagem, pelo que à semelhança das U.E's. 313 e 314 corresponde já a nível não reportável ao antigo nível de circulação da via pública. Consubstancia-se num nível de terra de coloração castanha escura com tonalidade alaranjada que de matriz areno argilosa (grão médio) se revela pouco compacta. Contendo esporadicamente alguns nódulos de areia, os trabalhos de escavação realizados apuraram as seguintes relações estratigráficas: era coberta pelas U.E's. 313 e 314, que já vimos tratar-se de uma só unidade, e cobria as U.E's. 316 (enchimento do valado que temos vindo a descrever), 318 e 319.

**U.E. 316:** depósito de coloração castanha com tonalidade escura (preta) de natureza e textura areno argilosa, com grão médio. Revelando-se pouco compacta, contém algumas inclusões limosas e do ponto de vista estratigráfico revelou ser coberta pela U.E. 315, enchendo a 317, que na sondagem corresponde grosso modo ao valado/ caneiro já identificado e descrito nas sondagens 1 e 2<sup>45</sup>.

---

<sup>45</sup> Vide desenho nº. 8.



Fotografia 20: plano das unidades 317 e 318.

**U.E. 317:** no essencial, traduz-se num valado ou caneiro, conforme se preferir, que já identificado nas sondagens 1 e 2, compreende perfil sensivelmente em U com paredes rampeadas irregulares e fundo concavo, também irregular e marcado por pequenos sulcos/ depressões, as quais resultam de ação erosiva provocada pela passagem da água. Orientado no sentido Noroeste-Sudeste era cheio pela U.E. 316, e cortou os níveis pré-existentes 318, 319 e 320, este apenas de forma parcial<sup>46</sup>.

**U.E. 318:** corre esta unidade apenas pela banda do corte Sudoeste, sendo definida na área da sondagem pelo valado/ caneiro imediatamente atrás descrito. Compreende nível de terra castanha com tonalidade muito escura (preta) que de natureza areno argilosa possui grão médio grosso. Coberta pela U.E. 315, foi, conforme se apurou, cortada pela U.E. 317 (valado). Cobre em seguida a U.E. 319 e consubstancia-se, assim sugere o seu contexto e características, num nível circulatório antigo.

**U.E. 319:** unidade estratigráfica uniforme e homogénea em toda a área da sondagem, ou seja, em ambos os lados definidos pelo valado/ caneiro (U.E. 317). Consubstancia-se numa camada de terra areno argilosa com grão médio e inclusão de cerâmica já antiga. Revelando-se pouco compacta, exhibe coloração castanha com tonalidade alaranjada. Coberta pela U.E. 318 junto do corte Sudoeste e pela 315 no correr do perfil Nordeste, foi cortada pela U.E. 317, o valado/ caneiro. Cobre estratigraficamente a U.E. 320.

**U.E. 320:** camada de terra castanha de tonalidade clara alaranjada, sendo mais clara que a anterior descrita. De natureza e textura areno argilosa, grão médio, revelou ser pouco compacta durante os

---

<sup>46</sup> Vide desenho nº. 9.

trabalhos de escavação. Contemplou na sua composição inclusão de alguns líticos e fragmentos cerâmicos antigos, estes reportáveis já à Idade do Bronze. Coberta pela U.E. 319, foi de forma muito residual cortada pelo caneiro / valado (U.E. 317). Depois de removida os trabalhos arqueológicos efetuados aferiram que cobria o terreno estéril e um conjunto de várias manchas (U.E's. 321 a 338) as quais no terreno se devem relacionar com a presença de buracos de poste<sup>47</sup>.

**U.E. 321:** depósito não escavado do ponto de vista arqueológico pelo facto da cota de obra não afetar este nível.

**U.E. 322:** depósito não escavado do ponto de vista arqueológico pelo facto da cota de obra não afetar este nível.

**U.E. 323:** depósito não escavado do ponto de vista arqueológico pelo facto da cota de obra não afetar este nível.

**U.E. 324:** depósito não escavado do ponto de vista arqueológico pelo facto da cota de obra não afetar este nível.

**U.E. 325:** depósito não escavado do ponto de vista arqueológico pelo facto da cota de obra não afetar este nível.

**U.E. 326:** depósito não escavado do ponto de vista arqueológico pelo facto da cota de obra não afetar este nível.

**U.E. 327:** depósito não escavado do ponto de vista arqueológico pelo facto da cota de obra não afetar este nível.

**U.E. 328:** depósito não escavado do ponto de vista arqueológico pelo facto da cota de obra não afetar este nível.

**U.E. 329:** depósito não escavado do ponto de vista arqueológico pelo facto da cota de obra não afetar este nível.

**U.E. 330:** depósito não escavado do ponto de vista arqueológico pelo facto da cota de obra não afetar este nível.

**U.E. 331:** depósito não escavado do ponto de vista arqueológico pelo facto da cota de obra não afetar este nível.

**U.E. 332:** depósito não escavado do ponto de vista arqueológico pelo facto da cota de obra não afetar este nível.

---

<sup>47</sup> Vide desenho nº. 11 e 12 (plano final).



**U.E. 333:** depósito não escavado do ponto de vista arqueológico pelo facto da cota de obra não afetar este nível.

**U.E. 334:** depósito não escavado do ponto de vista arqueológico pelo facto da cota de obra não afetar este nível.

**U.E. 335:** depósito não escavado do ponto de vista arqueológico pelo facto da cota de obra não afetar este nível.

**U.E. 336:** depósito não escavado do ponto de vista arqueológico pelo facto da cota de obra não afetar este nível.

**U.E. 337:** depósito não escavado do ponto de vista arqueológico pelo facto da cota de obra não afetar este nível.

**U.E. 338:** depósito não escavado do ponto de vista arqueológico pelo facto da cota de obra não afetar este nível.

**U.E. 339:** Terreno estéril.



Fotografia 21: plano final.



Fotografia 22: corte Noroeste.



Fotografia 23: corte Sudoeste.

SONDAGEM 3

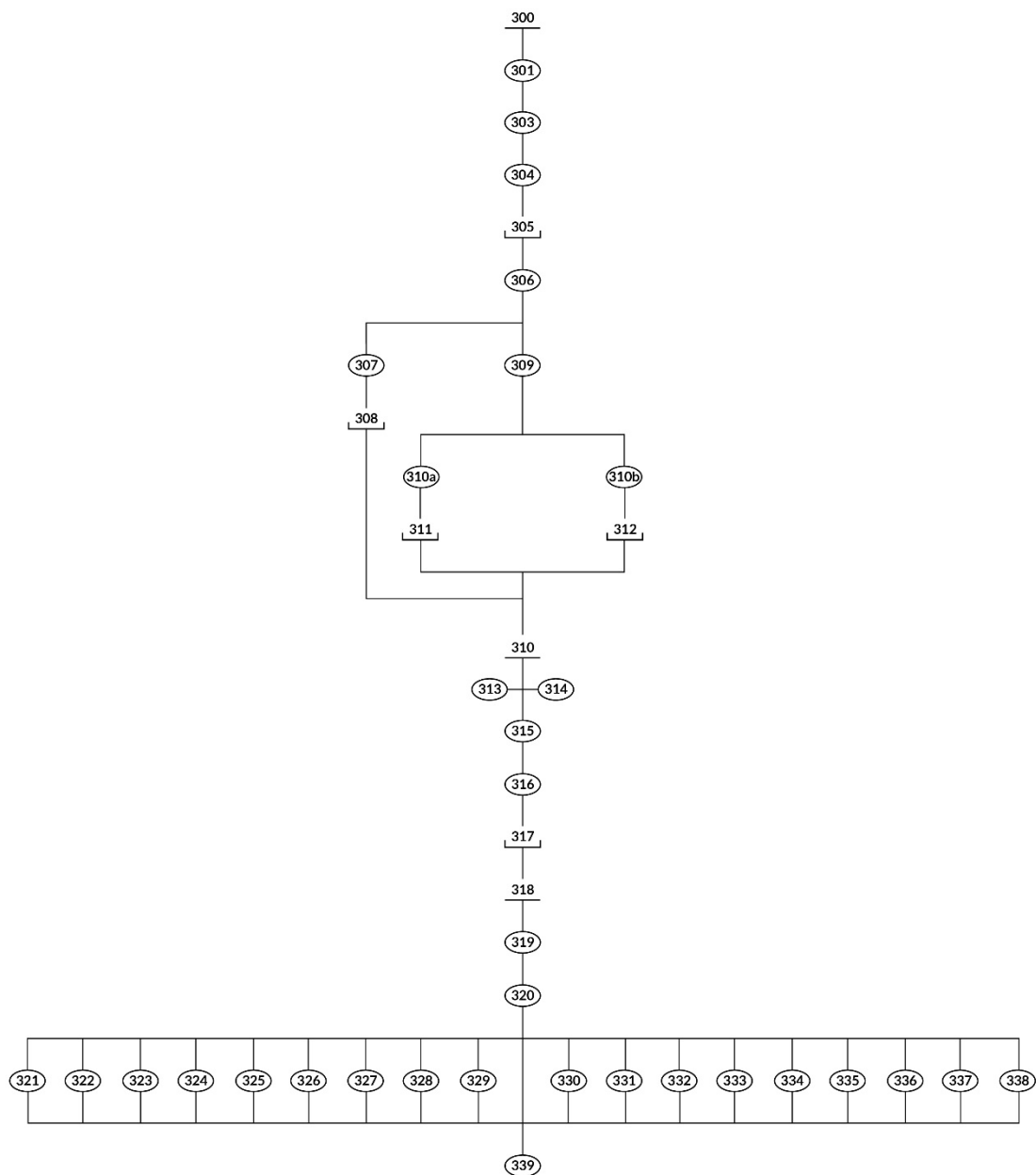


Figura 5: matriz da sondagem 3

#### Sondagem 4

**U.E. 400:** corresponde no essencial ao atual nível de circulação, o qual provém de nível de aterro sobre o antigo piso circulatório. Compreende conjunto de terras heterogéneas depositadas no subsolo num mesmo momento (contemporâneo), sendo constituídas por areias, saibro, pedras de pequeno e médio calibre, detritos e lixos variados, entre os quais plástico, e fragmentos de cerâmica e material de construção, tudo muito recente. Apresentando-se bastante compacta, do ponto de vista estratigráfico cobre a U.E. 401 e 403.



**U.E. 401:** nível estratigráfico de natureza e textura areno argilosa com coloração castanha e tonalidade tendencialmente amarela acompanhada por tons acinzentados, que se revelando muito compacto e provido de grão médio fino contempla presença de nódulos de saibro, fragmentos cerâmicos, material de construção, lixos e detritos variados, entre os quais resíduos de plástico. Coberto pela U.E. 400, cobre estratigraficamente as U.E's. 402a e 402b, bem como a 402.

**U.E. 402:** corresponde esta unidade estratigráfica ao antigo piso circulatório, o qual foi já descrito na sondagem antecedente (sond. 3). Compõe-se por um depósito espesso de saibro compactado misturado com pedras de pequeno e médio calibre. coberto pela U.E. 401, camada de aterro para subida de cota do nível circulatório atual, foi cortado pelas U.E's. 402c e 402d. Enche a U.E. 402e.



Fotografia 24: piso de circulação (U.E. 402).

**U.E. 402a:** depósito de enchimento de interface correlacionado com antigo rodado provocado pela circulação de carros de bois. Em tudo semelhante à U.E. 401, por resultar de nível de aterro ocorrido no mesmo momento, compreende nível heterogéneo constituído por mistura de terra areno argilosa que se revelando bastante compacta se faz acompanhar pela presença de pedras de pequeno e médio calibre. Coberto pela U.E. 401, estratigraficamente enche 402c.

**U.E. 402b:** é visível sobretudo no corte Sudeste, e encontra-se no correr do corte Sudoeste, prolongando-se para o seu interior. Em tudo semelhante à U.E. 401 e 402a, trata-se de um depósito heterogéneo que no essencial enche depressão provocada pela circulação de rodado de carro de bois. Enche a 402d;

**U.E. 402c:** depressão/ interface provocada pela circulação de rodado de carro de bois localizado sensivelmente próximo da área central da escavação e que se alinhando no sentido Noroeste-Sudeste se encontra relativamente próximo do corte Nordeste. Cheia pela U.E. 402a corta a U.E. 402.



**U.E. 402d:** semelhante à atrás descrita, mas localizada no correr do corte Sudoeste, prolongando-se para o seu interior. Cheia pela U.E. 402b compreende perfil sensivelmente em V com paredes rampeadas e irregulares convergentes para base concava. A ação provocada pelo rodado cortou a U.E. 402.

**U.E. 402e:** no essencial corresponde esta unidade a uma interface relativamente grande e larga, em quase toda a área da sondagem, com exceção da realidade existente junto do corte Nordeste (U.E. 403). Com cerca de 40 cm de potência esta depressão existente no terreno provém dos trabalhos de abertura feitos em época Contemporânea para o assentamento da U.E. 402, que conforme referido se consubstancia no antigo piso circulatório. Neste sentido, portanto, cortou a U.E. 403 e é cheia pela 402.

**U.E. 403:** foi afetada pelos trabalhos de escavação para assentamento do antigo piso, o qual é de proveniência Contemporânea (séc. XX). Consubstancia-se numa camada de terra medianamente compacta e areno argilosa que provida de grão médio fino contempla cor castanha com tonalidade acinzentada e amarelada. Cortada pela 402e tem a particularidade de ser comum em toda a sondagem. Cobre do ponto de vista estratigráfico a U.E. 404 e 456.

**U.E. 404:** nível de fraca potência estratigráfica, não mais do que entre 5 e 9 cm, que se consubstancia numa camada de terra de coloração castanha amarelada de matriz areno limosa com grão fino. Sem vislumbre de quaisquer inclusões de índole cultural é estratigraficamente coberta pela U.E. 403. Cobre em seguida a U.E. 405 e foi cortada pela U.E. 457.

**U.E. 405:** coberto na totalidade pela U.E. 404, este nível já foi identificado nas sondagens 1, 2, 3, 4 e 5. No essencial traduz-se o mesmo numa camada de terra muito compacta que possuindo cor cinzenta escura revela textura areno argilosa provida de grão fino. Medianamente compacta e sem inclusões culturais, como por exemplo fragmentos cerâmicos, cobre estratigraficamente a U.E. 406, sendo, no entanto, cortada pela U.E. 457 (caneiro/ valado). Atendendo às características que apresenta e ao facto de ser cortada pelo valado/ caneiro deverá reportar-se a nível circulatório antigo.

**U.E. 406:** nível estratigráfico constituído por terra de cor castanha alaranjada acompanhada amiúde por tons mais escuros e acinzentados em função da presença abundante de raízes. De natureza areno argilosa, com grão fino, revela-se medianamente compacta. Sem inclusões culturais do ponto de vista estratigráfico é coberta pela U.E. 405 e foi cortada pela U.E. 457. Cobre em seguida a U.E. 407.



Fotografia 25: escavação mecânica, com balde de limpeza da U.E. 406.

**U.E. 407:** camada de terra de cor castanha com tonalidade alaranjada, mais clara do que a anterior. Consubstancia-se num nível de natureza areno argilosa que compreendendo grão médio fino contém presença abundante de raízes. Sem inclusões de índole cultural, como por exemplo fragmentos cerâmicos, revela-se homogéneo e cobre a U.E. 408. Conforme referido a respeito da unidade anterior, é coberto pela U.E 406. Cobre a 408;



Fotografia 26: plano da U.E. 408.



**U.E. 408:** nível estratigráfico de natureza areno argilosa que se revela humoso. Compreende grão médio fino, cor castanha e tonalidade escura (preta), revelando-se medianamente compacta. Contempla na sua composição presença de raízes, pedras de pequeno calibre e alguns, escassos, fragmentos cerâmicos reportáveis à Idade do Bronze. Cobre o terreno estéril e todas as unidades estratigráficas que vão da 409 a 435<sup>48</sup>.



Fotografia 27: plano com as unidades 409 a 435.

**U.E. 409:** depósito associado à presença de buraco de poste. Compreende sedimento de cor castanha com tonalidade escura (preta) de matriz areno argilosa com grão médio. Revela-se compacto e contém na sua constituição presença de algumas raízes e pequenos nódulos de saibro. Coberto pela U.E. 408, enche a interface 436.

---

<sup>48</sup> Vide desenho nº. 2.

**U.E. 410:** sedimento associado à presença de buraco de poste cavado no terreno estéril. Em tudo semelhante à unidade atrás descrita (U.E. 409), enche estratigraficamente a U.E. 437. Tal como a anterior é coberto pela 408.

**U.E. 411:** sedimento de enchimento de buraco de poste. Em tudo semelhante às duas unidades atrás descritas, enche do ponto de vista estratigráfico a U.E. 438. É coberto pela 408.

**U.E. 412:** depósito associado ao enchimento de interface reportável à presença de buraco de poste. Semelhante aos demais atrás descritos os trabalhos arqueológicos realizados permitiram perceber que era coberto pela U.E. 408 e que enchia a interface 439.

**U.E. 413:** enchimento de interface reportável à presença de buraco de poste. Compreende sedimento constituído por terra argilosa de cor castanha e tonalidade escura com grão fino, presença de raízes e pequenos nódulos de carvões. Sem vislumbre de inclusões culturais revela-se coberto pela 408 e enche a 440.

**U.E. 414:** depósito de enchimento da interface 441. Consubstancia-se num sedimento de terra castanha escura com mesclas avermelhadas e amareladas. Contendo presença de raízes e pequenos nódulos de carvões, o sedimento, areno argiloso com grão fino compacto enche a U.E. 441. É coberto, tal como os demais atrás descritos, pela U.E. 408.

**U.E. 415:** o sedimento, associado à interface 442, é em tudo semelhante à U.E. 413. Do ponto de vista estratigráfico enche a U.E. 442.

**U.E. 416:** sedimento identico ao da U.E. 413. Coberto pela 408 enche, no entanto, a interface 431;

**U.E. 417:** depósito de terra castanha escura com tonalidade acinzentada que possuindo alguns nódulos amarelos revela textura areno argilosa. Provida de grão médio, apresenta-se compacta, contendo na sua constituição um pequeno fragmento cerâmico da Idade do Bronze. Coberto pela 408, enche estratigraficamente a 444.

**U.E. 418:** depósito idêntico ao da U.E. 413. Coberto pela 408, enche a 445.

**U.E. 419:** sedimento de enchimento da interface 446. Coberto pela 408 enche a 446 e é idêntico à 413.

**U.E. 420:** enchimento de interface associado à presença de buraco de poste. Semelhante à U.E. 413 tem, no entanto, a particularidade de ser mais escuro. Coberto pela U.E. 408, enche a 447.

**U.E. 421:** anulado por se tratar de perturbação de raiz.

**U.E. 422:** identico ao enchimento descrito (U.E. 420). Coberto pela U.E. 408, enche a 448.

**U.E. 423:** sedimento de enchimento de interface identico ao descrito a respeito da U.E. 413. Coberto pela 408 enche estratigraficamente a 449.

**U.E. 424:** semelhante ao depósito 413. Coberto pela U.E. 408 enche do ponto de vista estratigráfico a U.E. 450.



**U.E. 425:** anulado por se tratar de perturbação de raiz.

**U.E. 426:** anulado por se tratar de perturbação de raiz.

**U.E. 427:** anulado por se tratar de perturbação de raiz.

**U.E. 428:** sedimento de coloração castanha com tonalidade acinzentada que se revela homogéneo e argiloso, contendo inclusões de saibro. Apresentando-se medianamente compacto, era coberto pela U.E. 408 e enchia a interface 452.

**U.E. 429:** anulado por se tratar de perturbação de raiz.

**U.E. 430:** anulado por se tratar de perturbação de raiz.

**U.E. 431:** sedimento constituído por terra castanha de tons acinzentados que se revela homogéneo e argiloso. Desprovido de elementos culturais, revela-se medianamente compacto e é coberto pela U.E. 408. Enche estratigraficamente a U.E. 453.

**U.E. 432:** anulado por se tratar de perturbação de raiz.

**U.E. 433:** anulado por se tratar de perturbação de raiz.

**U.E. 434:** anulado por se tratar de perturbação de raiz.

**U.E. 435:** sedimento associado à presença de buraco de poste cavado no terreno estéril. Compreende terra castanha de tonalidade cinzenta que se revelando homogénea continha na sua composição presença de alguns nódulos de saibro. Apresentando-se medianamente compacto era coberto pela U.E. 408 e enchia a U.E. 451.

**U.E. 436:** interface com forma subcircular que apresenta paredes ligeiramente inclinadas a convergir para fundo plano. Com cerca de 19 cm de diâmetro é cheia estratigraficamente pela U.E. 409. Associada a buraco de poste reportável a estrutura perecível foi aberta no terreno estéril<sup>49</sup>.

**U.E. 437:** estrutura negativa (interface) com planta irregular e paredes ligeiramente rampeadas. No seu desenvolvimento forma como que dois subcírculos, um a Noroeste e outro a Sudeste, e em que o último se apresenta mais profundo que o primeiro. Compreendendo fundo tendencialmente concavo apresentou as seguintes dimensões: 40 cm de comprimento, 30 cm de largura máxima e 20 de mínima. Cheia pela U.E. 410, foi aberta no terreno estéril.

**U.E. 438:** interface reportável a presença de buraco de poste relacionado com estrutura associada a material perecível. Compreende planta subcircular com paredes ligeiramente rampeadas para fundo concavo, e em que a parede Nordeste se revela mais acentuada. Com 24 cm de diâmetro e 14 cm de profundidade era cheia pela U.E. 410 e foi aberta no terreno estéril.

---

<sup>49</sup> Para as interfaces 436 a 453 *Vide* desenho nº. 3 (Plano final) e desenhos numerados de 4 a 9, os quais correspondem aos perfis das interfaces.

**U.E. 439:** associada a presença de buraco de poste, esta interface apresenta planta subcircular com paredes ligeiramente inclinadas e convergentes para fundo concavo, e em que a parede Sudeste revela maior inclinação. Com cerca de 20 cm de diâmetro e 12 cm de profundidade, era cheia pela U.E. 412 e foi aberta no terreno estéril;

**U.E. 440:** interface negativa com planta subcircular que compreende paredes tendencialmente rampeadas que convergem para base/ fundo relativamente plano. Com 6 cm de profundidade e 20 cm de diâmetro, era cheia pela 413 e cortou o terreno estéril;

**U.E. 441:** estrutura negativa com forma tendencialmente oblonga e paredes concavas convergentes para fundo plano, mas irregular em função da perturbação de raízes. Com cerca de 20 cm de profundidade e 80 cm de diâmetro, era cheia pela U.E. 414 e cortava o terreno considerado estéril;

**U.E. 442:** interface cavada no terreno estéril. Compreende planta subcircular com paredes rampeadas que convergem para fundo concavo. Com cerca de 6 cm de profundidade e 20 cm de diâmetro, era cheia pela U.E. 415 e cortou o terreno estéril;

**U.E. 443:** quando dos trabalhos de escavação realizados apurou-se que era cheia pela U.E. 416 e que fora aberta no terreno estéril. Em termos estruturais consubstancia-se numa interface negativa com planta oblonga que compreende paredes rectas e apresenta fundo concavo. Tinha 8 cm de profundidade e 15 de diâmetro;

**U.E. 444:** era cheia pela U.E. 417 e em termos estratigráficos foi aberta no terreno estéril. Reportável a presença de buraco de poste relacionado com estrutura associada a materiais perecíveis, compreende planta sub retangular com cantos arredondados e paredes ligeiramente inclinadas, que convergem para um fundo que se apresentou concavo. Quando da remoção do seu enchimento apuraram-se as seguintes dimensões: 9 cm de profundidade e 20 cm de largura;

**U.E. 445:** interface negativa com planta oblonga e paredes concavas que convergem para fundo/ base parcialmente plana. Com cerca de 15 cm de comprimento por 7 cm de profundidade, era cheia pela U.E. 418 e cortava o terreno considerado estéril;

**U.E. 446:** estrutura negativa reportável a presença de buraco de poste que apresenta planta subcircular com paredes e fundo concavo. Com cerca de 15 cm de profundidade e 30 cm de diâmetro, era cheia pela U.E. 419 e cortou, quando do seu momento fundacional, o terreno estéril;

**U.E. 447:** interface negativa associada a buraco de poste. Apresenta planta circular com paredes rectas e fundo concavo. Com cerca de 15 cm de diâmetro e 8 de profundidade, cortou o terreno estéril e era cheia pela U.E. 420;

**U.E. 448:** interface negativa com planta circular e paredes tendencialmente rectas que afunilam antes da base para fundo que se apresenta concavo. Com cerca de 20 cm de profundidade por 20 cm de diâmetro, era cheia pela U.E. 420 e foi aberta sobre o terreno estéril;

**U.E. 449:** de forma oblonga, compreendendo paredes inclinadas que convergem para fundo concavo, associa-se esta unidade à presença de uma estrutura negativa relacionada com presença de buraco de poste. Cheia pela U.E. 423, cortou o terreno considerado estéril e apresentou, depois da escavação do seu enchimento, as seguintes dimensões: 20 de comprimento por 10 cm de largo e 10 cm de fundo;

**U.E. 450:** em termos estratigráficos era cheia pela U.E. 424 e no seu momento fundacional cortou o terreno que consideramos estéril. Compreende planta circular com paredes rectas e fundo concavo, tendo cerca de 15 cm de profundidade e 20 de diâmetro;

**U.E. 451:** estrutura negativa cavada, ou aberta no terreno estéril, associável a presença de buraco de poste. Cheia pela U.E. 435, apresenta planta subcircular com paredes afuniladas que convergem para um fundo mais estreito do que a boca. Tinha 22 cm de largura e 24 cm de profundidade;

**U.E. 452:** interface negativa, tipo buraco de poste, que apresenta planta subcircular com paredes rectas regulares e base, ou fundo, conforme se preferir, ligeiramente concavo. Cheia pela U.E. 428, cortou o terreno estéril e tinha as seguintes dimensões: 28 cm de largura máxima e 24 cm de profundidade;

**U.E. 453:** os trabalhos arqueológicos realizados apuraram que cortou o terreno considerado estéril e que era cheia pela U.E. 431. No essencial, esta estrutura reporta-se a uma interface negativa, tipo buraco de poste, que com cerca de 25 de largura por 18 cm de profundidade, apresenta forma subcircular com paredes que se revelam inclinadas e convergentes para fundo concavo;

**U.E. 454:** depósito de coloração castanha com tonalidade escura (preta) de natureza e textura areno argilosa, com grão médio. Revelando-se pouco compacta, contém algumas inclusões limosas e do ponto de vista estratigráfico revelou ser coberta pela U.E. 403, enchendo a 427, que na sondagem corresponde grosso modo ao valado/ caneiro já identificado e descrito nas sondagens 1, 2 e 3;

**U.E. 455:** traduz-se em termos formais no valado ou caneiro, conforme se preferir, já identificado nas sondagens 1, 2 e 3. Compreende perfil sensivelmente em U com paredes rampeadas e irregulares que tendem em convergir para um fundo concavo, também ele irregular pela passagem da água. Orientado no sentido Noroeste-Sudeste era cheio pela U.E. 456, e cortou os níveis pré-existentes nesta sondagem que são: U.E's. 404, 405 e 406.

**U.E. 456:** terreno estéril.





Fotografia 28: plano final.



Fotografia 29: corte Sudoeste.



Fotografia 30: corte Noroeste.

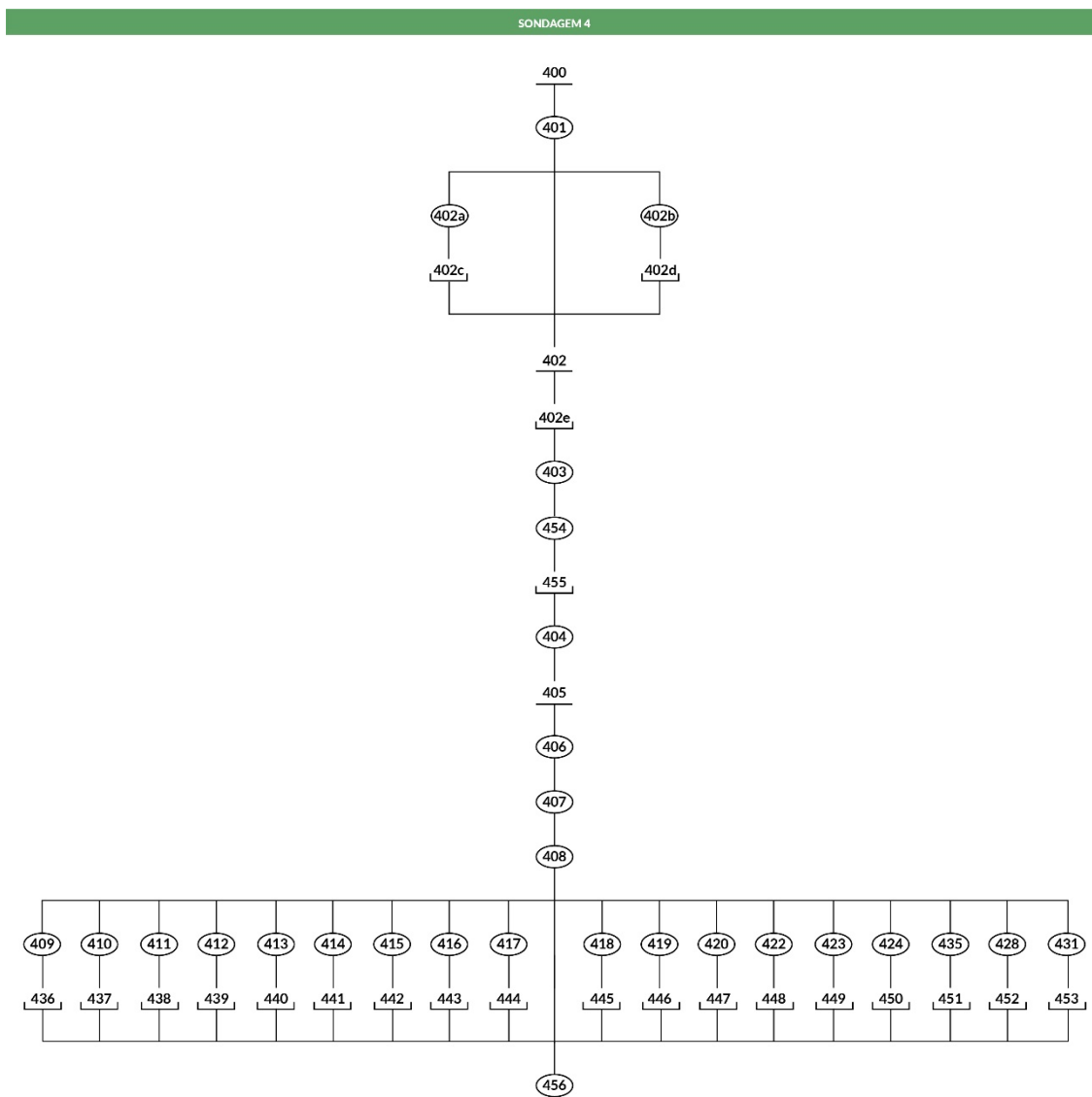


Figura 6: matriz da sondagem 4.



## Sondagem 5



Fotografia 31: plano inicial.

**U.E. 500:** corresponde esta unidade ao atual nível de circulação, o qual, conforme já aludido a respeito de outras sondagens realizadas, resulta a inutilização do antigo piso circulatório e respetiva subida de cota do terreno. Cobre estratigraficamente a U.E. 501.

**U.E. 501:** depósito de coloração castanho com tonalidade clara e acinzentada que de natureza e textura areno argilosa, com grão grosso, se revela muito compacto. Contém na sua composição presença de terra compactada misturada com pedra de pequeno e médio calibre, às quais se juntam detritos e lixos variados, como plástico, e fragmentos de cerâmica e de material de construção. No essencial, trata-se do nível que soterrou o antigo piso circulatório, o que ocorreu no curso do presente século. Coberto pela U.E. 500, atual nível circulatório, cobre estratigraficamente as unidades 502, 502a e 502b e 504.

**U.E. 502a:** nível estratigráfico que no essencial corresponde a um depósito que enche, por assim dizer, antigo rodado provocado pela circulação de carros de bois sobre a U.E. 502. A unidade aqui atribuída (502a) é artificial na medida em que o enchimento do referido rodado (U.E. 503) é o mesmo que o descrito na U.E. 502. Neste sentido, enche, portanto, a U.E. 503, interface de rodado de carro de bois.

**U.E. 502b:** unidade atribuída pelos mesmos motivos da anterior descrita. Enche, portanto, a U.E. 503, que se consubstanciando numa interface provocada por rodado de carro de bois recebe a nomenclatura 503b;

**U.E. 502:** depósito de coloração amarela constituído essencialmente por saibro depositado e bastante compactado. De coloração amarela e tonalidade acinzentada, contém na sua constituição pedras de pequeno e médio calibre, e no essencial corresponde ao piso original da via pública. Devendo tratar-se de um nível circulatório Contemporâneo, já identificado nas sondagens anteriormente descritas, os



trabalhos de escavação permitiram aferir que fora coberto no decurso dos primeiros anos do século presente pela U.E. 501. Cortado pela U.E. 505, 503 e 503b, enche em termos estratigráficos a U.E. 503c.



Fotografia 32: escavação mecânica da sondagem.

**U.E. 503:** orientada no sentido Noroeste-Sudeste, em toda a extensão da sondagem, esta unidade traduz-se fundamentalmente numa depressão existente no terreno provocada pela ação circulatoria de carros de bois de acesso aos campos agrícolas. Neste sentido, compreende perfil em V com paredes inclinadas e convergentes para a base. Cheio pela 502a, corta a U.E. 502 e 506.

**U.E. 503b:** em tudo semelhante à U.E. 503, corresponde à segunda interface provocado pelos rodados de carros de bois. Cheia pela U.E. 502b, corta do ponto de vista estratigráfico as U.E's. 502 e 506.

**U.E. 503c:** corresponde essencialmente à vala resultante dos trabalhos de escavação do terreno para construção do piso circulatorio (U.E.502). Neste sentido, cheia pela U.E. 502 (o piso) cortou o estrato pré-existente, que no caso desta sondagem é a U.E. 506.

**U.E. 504:** depósito constituído por terra de cor castanha com tonalidade clara. De matriz e textura areno argilosa, provida de grão grosso, revela-se pouco compacto. Contendo inclusão frequente de pequenas raízes, encontra-se localizado na área Noroeste da sondagem, junto ao corte Nordeste, prolongando-se, inclusive, para o seu interior. Coberta pela U.E. 501, enche a U.E. 505.

**U.E. 505:** interface cheia pela U.E. 504, imediatamente atrás descrita. Com cerca de dois metros de largo por 85 de fundo, apresentava paredes rampeadas que convergiam para um fundo/ base relativamente concava. Em termos estratigráficos, cheia pela 504, cortou as unidades: 502, 506 e 507. Portanto, em suma, daqui conclui-se que esta interface corresponde a uma afetação recente, que ocorrendo em época

Contemporânea, mas em momento posterior ao antigo piso circulatório, tido como U.E. 502. Não obstante, conclui-se também que se trata de uma afetação anterior ao nível de aterro sobre o antigo piso (U.E. 501)<sup>50</sup>.

**U.E. 506:** nível estratigráfico heterogéneo, mas comum em toda a área da sondagem. Consubstancia-se numa camada de terra com cerca de 35 cm de potência estratigráfica que se revela medianamente compacta. Apresenta coloração castanha e tonalidade escura, por vezes preta e acinzentada, exibindo textura areno argilosa, e por vezes também limosa. Contempla na sua composição por vezes pedras de pequeno calibre e amiúde raízes. Foi cortada pelas U.E's. 502, 502a, 502b e 505. Cobre em seguida as seguintes realidades: 507, 509 e 510.

**U.E. 507:** depósito de natureza areno argilosa, por vezes limoso, que compreende terra de cor castanha e tonalidade preta. Provida de grão médio, revela-se compacta e enche do ponto de vista estratigráfico a U.E. 508. No essencial, esta unidade, já identificada nas sondagens 1, 2 e 3, corresponde, grosso modo, ao enchimento do valado/ caneiro que se tem vindo a descrever. É coberto pela U.E. 506 e foi cortado pela 505.

**U.E. 508:** conforme referido, corresponde esta unidade ao valado/ caneiro, conforme se preferir, que atravessa toda a via pública (na área intervencionada) no sentido Noroeste-Sudeste. Cheia pela unidade atrás descrita (U.E. 507) compreende perfil sensivelmente em U com paredes inclinadas que convergem para base concava. Cheia pela 507, corta estratigraficamente a 510 e 511.

**U.E. 509:** é identificável junto do corte Sudeste. Coberta pela U.E. 506, cobre na área por onde se propaga a U.E. 510 e consubstancia-se numa pequena bolsa de areão.

**U.E. 510:** nível estratigráfico constituído por terra areno argilosa de coloração castanha e tonalidade escura que provida de grão médio se apresentava compacta. De relevar que este nível foi já identificado nas sondagens 1, 2, 3, 4 e 6, sendo o primeiro estrato cortado pelo valado (U.E. 508). Coberto pelas U.E's. 506 e 509, conforme dito, foi cortado pela 508. Cobre depois a U.E. 511 e deverá trata-se de nível circulatório antigo.

**U.E. 511:** estrato escavado parcialmente de forma mecânica. De textura areno argilosa, grão médio grosso, revelou-se siltosa e compreendia coloração castanha com tonalidade alaranjada. Atendendo aos resultados obtidos na sondagem 1, dentro de propriedade que fica do lado Sudoeste da via pública, trata-se do primeiro nível de terra castanha alaranjada. Com isto queremos dizer, portanto, que deverá haver um segundo nível, o qual contém já fragmentos reportáveis à Idade do Bronze<sup>51</sup>.

---

<sup>50</sup> Pode provir de afetação de raizeiro de árvore.

<sup>51</sup> Conforme referido na Estratégia de Abordagem, o último nível escavado (de forma mecânica e parcial) foi a U.E. 511. O plano final ficou à cota de 1m e 80 cm abaixo do nível da via pública. Os trabalhos foram dados por encerrados nesta cota por se ter ultrapassado largamente o nível de segurança. Dada a existência de dois muros assentes sobre terra, em ambos os cortes estratigráficos (Nordeste e Sudoeste), não fosse a escavação processar-se de forma mecânica, a mesma ter-se-ia ficado somente pelos 50 a 70 cm.





Fotografia 33: plano final.



Fotografia 34: corte Sudeste.



Fotografia 35: corte Nordeste.



SONDAGEM 5

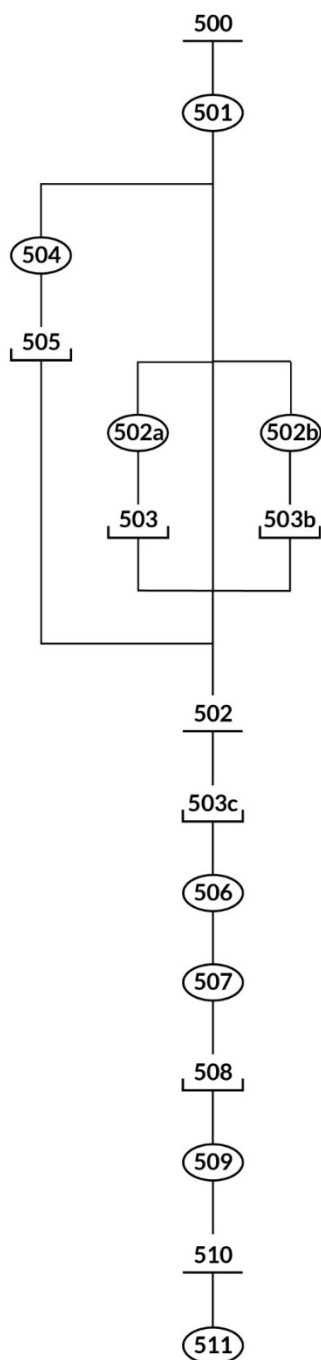


Figura 7: matriz da sondagem 5.

### Sondagem 6



Fotografia 36: plano inicial.

**U.E. 600:** corresponde esta unidade ao atual nível de circulação, o qual, conforme já aludido a respeito de outras sondagens realizadas, resulta a inutilização do antigo piso circulatório e respetiva subida de cota do terreno. Cobre estratigraficamente a U.E. 601.



Fotografia 37: escavação mecânica dos primeiros níveis.

**U.E. 601:** depósito de coloração castanho com tonalidade clara e acinzentada que de natureza e textura areno argilosa, com grão grosso, se revela muito compacto. Contém na sua composição presença de terra compactada misturada com pedra de pequeno e médio calibre, às quais se juntam detritos e lixos variados, como plástico, e fragmentos de cerâmica e de material de construção. À semelhança do sucedido a respeito da U.E. 501, trata-se do estrato que soterrou o antigo piso circulatório, o que ocorreu no curso do presente século. Coberto pela U.E. 600, atual nível circulatório, cobre estratigraficamente as unidades 602, 602a, e 609.

**U.E. 602:** depósito de coloração amarela constituído essencialmente por saibro depositado e bastante compactado. De coloração amarela e tonalidade acinzentada, contém na sua constituição pedras de pequeno e médio calibre, e no essencial corresponde ao piso “original” da via pública. Devendo tratar-se de um nível circulatório Contemporâneo, já identificado nas sondagens anteriormente descritas (1, 2, 3, 4 e 5), os trabalhos de escavação aferiram que no curso dos primeiros anos do século corrente foi aterrado pela U.E. 601. Neste sentido, sendo certo que é coberto pela U.E. 601, foi cortado pela U.E. 602b e 610, e enche a 603.

**U.E. 602a:** em tudo semelhante ao descrito na U.E. 601, esta unidade é atribuída artificialmente uma vez que em termos estruturais não existe. Dito por outras palavras, e porque nos referimos aqui ao enchimento de um rodado provocado pela circulação de carros de bois, o depósito que enche o referido rodado é a 601, que resulta de aterro e subida de cota da via pública. Não obstante, e por uma questão de coerência estratigráfica impõe-se a atribuição desta unidade. Assim sendo, enche a 602b.

**U.E. 602b:** corresponde na área de escavação a uma interface com perfil tendencialmente em U com paredes inclinadas e convergentes para Base concava. Cortando a U.E. 604, e sendo cheia pela 602a, consubstancia-se num dos rodados provocados pela circulação de carros de bois.

**U.E. 603:** esta unidade corresponde ao momento fundacional que no terreno se veio a consubstanciar na construção do piso circulatório Contemporâneo mais antigo. Cortando a U.E. 604, pré-existente no terreno, traduz-se esta unidade na interface do caminho “original”. Neste sentido a relação estratigráfica apurada é a seguinte: é cheia pela U.E. 602 e corta a 604.

**U.E. 604:** estrato pré-existente, anterior à construção do nível “original” da via pública (U.E. 602). Trata-se de uma camada de terra de coloração castanha com tonalidade clara que de matriz e areno argilosa compreende grão médio e revela-se compacta. Cortada pela U.E. 602b, 603 e 610, cobre a 605.

**U.E. 605:** sensivelmente com cerca de 30 cm de potência, consubstancia-se num estrato heterogéneo constituído por terra de coloração castanha com tonalidade acinzentada escura (preta) que contém inclusões de nódulos de areia e limos. Coberta pela U.E. 604 propaga-se por toda a área da sondagem e cobre estratigraficamente a 606.

**U.E. 606:** este nível tem sido já identificado em várias sondagens (1, 2, 3, 4 e 5). De um modo em geral, revelando-se bastante compacto, com coloração acinzentada muito escura (preta), nas outras sondagens



ele traduz-se no primeiro nível que foi cortado pelo valado/ caneiro. As suas características, e sobretudo a sua compactidade, sugerem a possibilidade de se tratar de um nível circulatório antigo. E é provável que assim seja porque o caneiro/ valado que se tem vindo a descrever diz-nos que noutros tempos era este o estrato superficial. Não obstante, e porque o referido caneiro/ valado se desenvolve de forma irregular no terreno, nesta sondagem não o vislumbramos em momento algum, o que indicia que se encontra fora da área de escavação. Assim sendo, no caso específico desta sondagem, a U.E. 606 é somente coberta pela 605 e cobre em seguida a 607.

**U.E. 607:** nível estratigráfico constituído por terra castanha com tonalidade alaranjada que contem, no entanto, algumas mesclas mais escuras. De textura e natureza areno argilosa, revela-se medianamente compacta, tendo na sua composição presença de raízes e de algumas pedras de pequeno calibre. coberto pela U.E. 606, cobre em seguida a 608.



Fotografia 38: utilização de balde limpeza na escavação da U.E. 607.

**U.E. 608:** estrato não escavado. De textura areno argilosa, grão médio grosso e siltoso, esta unidade compreende coloração castanha com tonalidade alaranjada ligeiramente mais escura. Atendendo aos resultados obtidos na sondagem 1, dentro de propriedade que fica do lado Sudoeste da via pública, e aos dados recolhidos na sondagem 5 atrás descrita, trata-se do início do segundo nível de terra castanha alaranjada. Com isto queremos dizer, portanto, que trata do nível que contém já fragmentos reportáveis à Idade do Bronze<sup>52</sup>.

---

<sup>52</sup> Pelos motivos aduzidos na descrição da U.E. 511, a escavação desta sondagem, que se processou de forma mecânica, ficou sensivelmente 1m 80cm abaixo da cota atual da via.

**U.E. 609:** depósito constituído por terra heterogénea de coloração castanha e tonalidade clara que se revela arenoso. Com grão médio apresenta fraca compactidade e compreende inclusão frequente de raízes. Em termos estratigráficos é coberto pela U.E. 601 e enche a 610.

**U.E. 610:** interface que se encontra localizada junto do corte Sudeste e que se desenvolve para o seu interior. Provavelmente com forma subrectangular, apresentava paredes ligeiramente inclinadas que convergiam para um fundo concavo. Cheia pela 609 do ponto de vista estratigráfico veio a cortar as U.E's. 602 e 604.



Fotografia 39: plano final.





Fotografia 40: corte Noroeste.



Fotografia 41: corte Sudoeste.



**SONDAGEM 6**

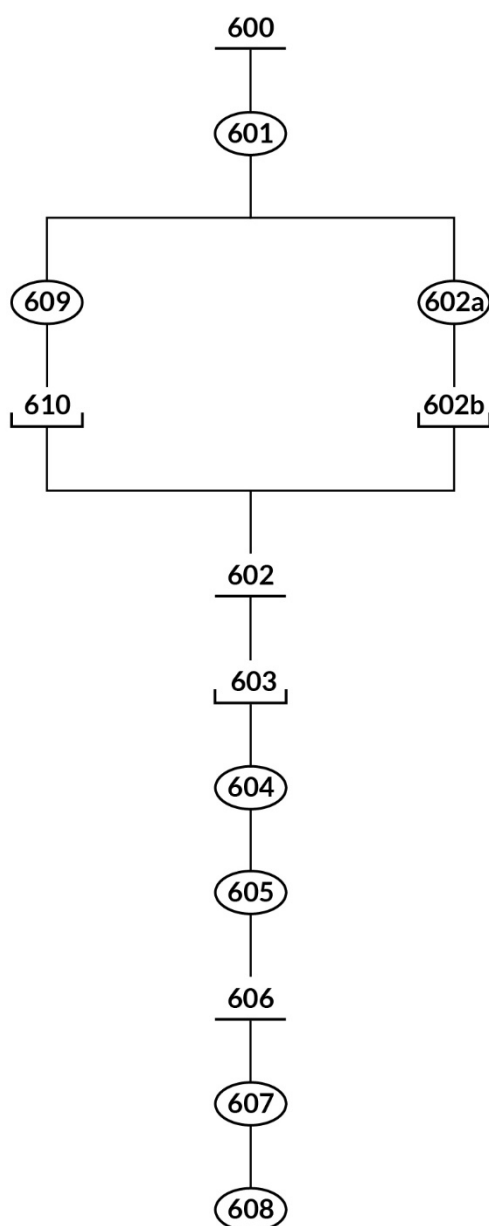


Figura 8: matriz da sondagem 6.

### Sondagem 7



Fotografia 42: plano inicial.



Fotografia 43: trabalhos de escavação mecânica.

**U.E. 700:** corresponde, no essencial, ao atual nível de circulação. Consubstancia-se num depósito de terra de cor castanha com tonalidade escura. De natureza e textura areno argilosa, com grão médio, revela-se muito compacta em função da circulação de veículos. Embora tenha sido escavada com auxílio de meios mecânicos, do ponto de vista estratigráfico constatou-se que cobria as seguintes realidades pré-existent no terreno: U.E's. 702, 704, 705, 706, 709.



**U.E. 701:** unidade estrutural localizada na área Nordeste da sondagem e que ocupa grande parte do corte estratigráfico. Consubstancia-se, fundamentalmente, num muro recente em betão, o qual serve hoje de divisão entre o Lar e a Travessa da Costibela. Enche a U.E. 703.

**U.E. 702:** refere-se ao depósito que enche estratigraficamente a vala de fundação do muro de betão atrás descrito. Compreende sedimento composto por terra de cor castanha e tonalidade clara que com textura areno argilosa se revela pouco compacta e continha inclusões de raízes. Coberta pela U.E. 700, nível de circulação atual, enche a U.E. 703.

**U.E. 703:** atendendo ao descrito nas duas unidades anteriores, consubstancia-se na interface da vala de fundação do muro de betão, que junto do corte Nordeste, separa o Lar da via pública. Compreende paredes ligeiramente inclinadas, apresenta orientação Noroeste-Sudeste, e desconhece-se a sua base. Cheia pelas U.E's. 701 e 702, os trabalhos realizados apuraram que quando da sua abertura cortou as seguintes unidades pré-existentes no subsolo: 709, 710, 711, 713, 722 e 725.



Fotografia 44: interface da fundação do muro de betão (U.E. 703).

**U.E. 704:** consubstancia-se esta unidade num depósito de saibro amarelo compressionado, que sendo coberto pela U.E. 700 é de origem muito recente. Neste sentido, não tem, portanto, qualquer relação nesta área com o antigo piso de circulação Contemporâneo identificado nas outras sondagens. Coberto pela U.E. 700, cobre a U.E. 705.

**U.E. 705:** unidade estratigráfica que tem vindo a ser identificada em várias áreas da Travessa da Costibela, em especial nas sondagens 1, 2, 3, 4 e 5. Corresponde, dentro do já descrito a respeito dessas sondagens, ao nível de aterro para subida de cota do terreno e de regularização do caminho. Trata-se, portanto, de nível heterogéneo constituído por mistura de terra (castanha acinzentada areno argilosa com grão



grosso), pedra de pequeno e médio porte, lixos e detritos vários, como plástico, ferro, fragmentos de cerâmica e de material de construção, tudo de época Contemporânea. Coberta pela U.E. 700 e 704, cobre a U.E. 706 e 709.

**U.E. 706:** consubstancia-se num nível estrutural que orientado no sentido Noroeste-Sudeste correspondia ao antigo muro divisório de propriedade. Quando da construção do Lar, que confronta com a sondagem pela banda Nordeste, este muro foi parcialmente desmontado, cedendo o terreno entre ele e o novo muro de betão ao domínio publico. Quer isto dizer, portanto, que a U.E. 704 é sensivelmente contemporânea desta situação, uma vez que junto do corte Noroeste também cobre a 706. Não obstante, em termos estruturais, deveria tratar-se de um muro de alvenaria, com pedra de pequeno e médio porte, algumas perceptíveis ao nível do alicerce. Coberto pelas U.E's. 700 e 704, enche a 708.

**U.E. 707:** depósito de terra de coloração castanha e tonalidade clara que se apresenta areno argilosa, com grão médio. Inicialmente pouco compacta revela-se depois compacta e mais escura. Enche estruturalmente a vala de fundação (U.E. 708) do antigo muro divisório da propriedade onde se veio a construir um Lar para a Terceira Idade.

**U.E. 708:** atendendo ao descrito nas duas unidades anteriores, corresponde, grosso modo, à vala de fundação do muro antigo que servia de limite entre a via pública e o terreno onde se construiu o Lar. Neste sentido, portanto, consubstancia-se numa interface que orientada no sentido Noroeste-Sudeste compreendia perfil concavo com paredes inclinadas para fundo/ base concavo. Cheia pela 706 e 707 quando do momento da sua abertura cortou a seguinte realidade já pré-existente no subsolo: U.E. 709. Pelos motivos abaixo indicado estamos em crer que o muro e vala de fundação são de época Contemporânea (séc. XX).

**U.E. 709:** é coberta parcialmente pela U.E. 700, e quase na totalidade pela 705. Foi cortada, conforme atrás referido, pelas U.E's. 703 e 708. Cobre depois as U.E's. 710 e 712. Não obstante estas relações estratigráficas, o nível em si consubstancia-se num depósito de terra com coloração castanha de tonalidade clara que evidenciando textura areno argilosa revela compactação mediana. Para além destas características tem a particularidade de conter na sua composição raízes, pedras de pequeno e médio calibre, alguns fragmentos cerâmicos recentes, e plástico. Quer isto dizer, portanto, que tendo sido cortada pela 708, o antigo muro, que foi desmontando quando da construção do Lar, é de proveniência Contemporânea, devendo enquadrar-se algures na segunda metade do século XX.

**U.E. 710:** nível estratigráfico constituído por terra de coloração castanha com tonalidade mais clara que a antecedente. Consubstancia-se numa camada de natureza areno argilosa que provida de grão médio se revela menos compacta. Tem a particularidade de não conter intrusões culturais recentes. Coberta pela U.E 709, conforme atrás se referiu, foi cortada pela U.E. 703. Cobre depois a U.E. 711, 712 e 722.

**U.E. 711:** consubstancia-se numa camada de terra castanha com tonalidade clara. Apresenta textura limosa e arenosa que medianamente compacta contempla na sua constituição presença algo frequente

de raízes. É coberta pela U.E. 710 e 712, foi cortada pela 703 e cobre em seguida as U.E's. 713, 715 e, junto do corte Noroeste, terreno estéril (U.E. 740).



Fotografia 45: fotografia de plano da U.E. 711.

**U.E. 712:** antecede estratigraficamente a anterior descrita. Camada de terra castanha com tonalidade muito escura (quase preta) que se revelando muito compacta compreende textura limo arenosa. Com potência estratigráfica que varia entre os 20 e os 6 cm, revela ser coberta pelas U.E's. 709 e 710, e cobre a 711.

**U.E. 713:** está localizada junto do corte Sudeste, e na área de escavação traduz-se num pequeno depósito constituído por terra castanha de tonalidade escura, que revelando textura limosa com grão fino se apresentou pouco compacto. Coberto pela U.E. 711, foi cortado pela U.E. 703 e enche pequena interface na sondagem (U.E. 714).

**U.E. 714:** no terreno sugere tratar-se de uma interface que deveria prolongar-se para dentro da propriedade onde hoje se encontra o Lar. Neste sentido, sendo muito residual na área de escavação, não é de todo possível aferir com exatidão as suas características mais elementares. Não obstante, do ponto de vista estratigráfico trata-se de uma depressão, cujos trabalhos realizados permitiram perceber que era cheia pela U.E. 713. Cortou a U.E. 715.

**U.E. 715:** nível estratigráfico constituído por terra de cor castanha com tonalidade escura, que se revela areno argilosa com textura de grão médio fino. Quando dos trabalhos de escavação, estes manuais, revelou ser compacta, o que coloca a possibilidade de tratar de um antigo piso, tanto mais que por debaixo, entre outras realidades, cobre o afloramento. Contemplava na sua constituição presença de pequenas raízes, pedras de pequeno calibre e alguns pequeníssimos fragmentos cerâmicos, a maioria dos quais em função da compactidade revelada se desfizeram. Independentemente deste especto, do ponto de vista estratigráfico após a sua remoção foi apurado que cobria as seguintes realidades: U.E. 716, 717, 718, 719, 720, 721, 726, 740 e afloramento. Foi cortada pela U.E. 714.



Fotografia 46: registo fotográfico de plano da unidade 715.



**U.E. 716:** encontra-se localizada na área Noroeste da sondagem, onde sendo coberta pela 715 se revela cortada pelas interfaces 714 e 724 (esta parcialmente). Cobre depois as U.E's. 727, 728 e 729. Não obstante estas relações estratigráficas, na sondagem a unidade traduz-se numa fina camada constituída por terra de coloração castanha, que evidenciando tons alaranjados se revela areno argilosa (grão médio) e pouco compacta. Tem a particularidade de não conter a presença de quaisquer elementos de índole cultural.



Fotografia 47: plano intermédio onde são visíveis vários enchimentos de interfaces.

**U.E. 717:** enchimento de eventual buraco de poste localizado na parte Noroeste da sondagem. Compreende depósito relativamente pouco compacto constituído por terra de coloração castanha acinzentada. De textura areno argilosa, acompanhada por grão médio, era coberto pela U.E. 715 e enchia a 736.

**U.E. 718:** trata-se de uma mancha que no essencial cobria pequena depressão existente no terreno. Não obstante, quando dos trabalhos de escavação não se identificou qualquer interface que se lhe pudesse ser associada, pelo que deverá tratar-se de uma perturbação de raiz. Neste sentido fica esta unidade anulada em para efeitos de registo e matriz.

**U.E. 719:** enchimento de possível buraco de poste localizado na área Noroeste da sondagem. Compreende depósito de terra de coloração cinzenta e tonalidade clara. De textura arenosa, com grão médio, revela-se homogéneo e pouco compacto. Sem inclusões de índole cultural, era coberto pela U.E. 715 e enchia a 734.

**U.E. 720:** encontra-se localizado sensivelmente na mesma área, junto das unidades atrás descritas. Na área de escavação traduz-se num pequeno depósito de coloração cinzenta com tonalidade escura que revelando textura limosa contém na sua constituição presença de nódulos de cor amarela. Pouco compacto, este sedimento, associável a presença de buraco de poste, era coberto pela U.E. 715 e enchia a interface 733.

**U.E. 721:** está localizada sensivelmente a meio da área escavação e desenvolve-se de Nordeste para Sudoeste. No essencial, no terreno traduz-se no primeiro nível de enchimento de uma interface (vala/caneiro). Compreende depósito de terra castanha arenosa, que com inclusão de saibros provenientes do afloramento se revela compacto e arenoso. Coberto pela U.E. 715, cobre a 730 (segundo enchimento) e enchimento o valado/ caneiro (U.E. 732).

**U.E. 722:** depósito areno argiloso com compactação e granularidade média que contendo pequenas inclusões de nódulos de saibro provenientes do afloramento apresenta coloração castanha com tonalidade alaranjada. Localizada junto do vértice dos cortes Nordeste e Sudeste parece encher interface tendencialmente subcircular, tipo fossa (?). coberta pela U.E. 710, foi cortada pela 703 e do ponto de vista estratigráfico enche a U.E. 725.

**U.E. 723:** localizada na área Noroeste da sondagem, consubstancia-se esta unidade estratigráfica num depósito de enchimento constituído por terra de coloração castanha e tonalidade escura, que contendo em si presença de pequenos nódulos alaranjados, revela textura areno argilosa provida de grão médio. Pouco compacto, e sem presença de inclusões culturais, como por exemplo fragmentos de cerâmica, era coberto pela U.E. 715, e enchia a 724.

**U.E. 724:** orientada no sentido Noroeste-Sudeste, junto do corte Nordeste, traduz-se esta unidade numa interface tendencialmente retangular que deveria prolongar-se para o interior do corte. Por este facto, não é de todo possível aferir as suas reais características e fisionomia, sendo apenas perceptível o arranque da sua parede (inclinada) a Sudoeste. Era cheia pela U.E. 723 e cortava o afloramento.

**U.E. 725:** conforme referido, a respeito do enchimento (U.E. 722), encontra-se localizada junto do vértice dos cortes Nordeste e Sudeste, desenvolvendo-se, inclusive, para o seu interior. Na área intervencionada para sugerir presença de estrutura subcircular “tipo fossa”, cavada no afloramento. Compreende forma

oval com paredes inclinadas convergentes para um fundo que se apresenta concavo. A dificuldade em aferir com exatidão a sua fisionomia deve-se ao facto de se desenvolver para dentro dos cortes estratigráficos, e por ter sido cortada pela U.E. 703 (vala de fundação do muro de betão). Cheia pela U.E. 722, corta o afloramento rochoso.

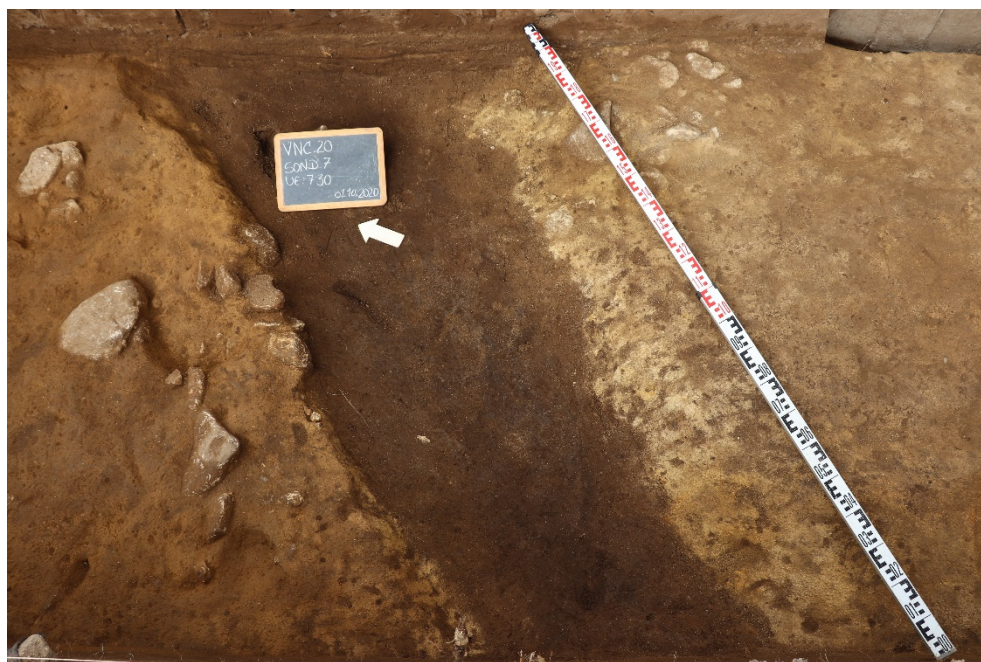
**U.E. 726:** encontra-se localizado na zona Noroeste da sondagem, não muito distante dos cortes Nordeste e Noroeste. Na sondagem esta unidade traduz-se num pequeno depósito de enchimento de uma interface tipo buraco de poste. Compreende terra de coloração acinzentada com textura areno argilosa e grão médio, que se revela pouco compacto. Coberto estratigraficamente pela U.E. 715 veio a encher a U.E. 735.

**U.E. 727:** encontra-se ligeiramente ao lado da atrás descrita e consubstancia-se num depósito de enchimento de uma interface tipo buraco de poste. Compreende depósito de terra pouco compacta que de textura areno argilosa, com grão médio, evidência coloração acinzentada e tonalidade clara. Os trabalhos de escavação ao revelarem ser coberta pela U.E. 716 sugerem que se trata de um enchimento mais antigo do que os atrás descritos. Do ponto de vista estratigráfico enche a 737.

**U.E. 728:** encontra-se localizada na mesma área. Na zona de escavação da sondagem traduz-se num pequeno depósito de enchimento associado a uma interface, e compreende terra castanha de tonalidade escura, que de textura areno argilosa se revela pouco compacta. Coberta pela U.E. 716 veio a encher a 738.

**U.E. 729:** enchimento associado a interface tipo buraco de poste localizado junto do corte Noroeste, prolongando-se, inclusive, para o seu interior. compreende depósito constituído por terra castanha de tonalidade escura que de textura areno limosa se revelou pouco compacta. Coberta pelo U.E. 716 os trabalhos realizados vieram demonstrar que veio a encher a 739.





Fotografia 48: pormenor da U.E. 730.

**U.E. 730:** localizada sensivelmente na área central da sondagem, esta unidade traduz-se no terreno num segundo nível de enchimento de um valado/ caneiro que se desenvolvia no sentido Nordeste-Sudoeste. Coberto pela U.E. 721, o primeiro enchimento, consubstancia-se num depósito de terra de coloração castanha e tonalidade escura que revela compactação média. Difere do primeiro enchimento na tonalidade e na textura, que no caso presente é de natureza mais limosa. Com presença de alguns líticos, era coberto pela U.E. 721, cobria a U.E. 731, terceiro nível de enchimento, e veio a encher a 732.

**U.E. 731:** como imediatamente atrás se referiu, esta unidade corresponde, grosso modo, ao terceiro nível de enchimento de um valado/ caneiro que orientado no sentido Nordeste-Sudeste se prolongava para o interior da propriedade que é hoje um Lar dedicado à Terceira Idade. Compreende sedimento de terra de coloração castanha, que com tonalidade mais clara que a anterior descrita, se revela pouco compacto, mas mais arenoso. Coberto pela U.E. 730 veio a encher juntamente com as U.E's. 721 e 731 o referido valado/ caneiro, ou seja a U.E. 732. No alargamento foi cortada pela U.E. 744.

**U.E. 732:** na área da sondagem, atendendo ao já descrito atrás, traduz-se por excelência numa vala tipo rego que cavada de forma intencional no afloramento se desenvolve de Nordeste para Sudoeste. Compreende perfil semicircular com paredes inclinadas que convergem para fundo que se apresenta concavo e irregular, provido por sulcos cavados pela ação da passagem de águas. Cheia pelas U.E's. 721, 730 e 731, corta o afloramento. Na área do alargamento efetuado revela ser ainda cheia pela U.E. 749 (semelhante à U.E. 731) e foi cortada pela interface 744, a qual respeita ao caneiro/ valado orientado no sentido Noroeste-Sudeste.



Fotografia 49: plano do caneiro/ valado (U.E. 732).

**U.E. 733:** encontra-se localizada na parte Noroeste da sondagem definida pelo valado/ caneiro. Consubstancia-se no terreno numa pequena interface de formato subcircular que possivelmente associada a buraco de poste compreende planta subcircular com paredes quase rectas e fundo plano. Com cerca de 20 cm de diâmetro era cheia pela U.E. 720 e foi aberta sobre a U.E. 740 (que é terreno estéril).

**U.E. 734:** localizada na área Noroeste da sondagem, consubstancia-se numa pequena interface, tipo buraco de poste, que com planta subcircular, paredes rampeadas e fundo plano, se revela pouco profunda. Com cerca de 20 cm de diâmetro os trabalhos realizados permitiram apurar que era cheia pela U.E. 719 e que foi aberta sobre o terreno estéril (U.E. 740).

**U.E. 735:** encontra-se aberta na mesma área das duas interfaces anteriormente descritas. Em termos estruturais trata-se de uma interface com planta subcircular com paredes rectas bem definidas e fundo/ base concava. Com cerca de 20 cm de diâmetro, revela ter sido cheia pela U.E. 726 e cortou a U.E. 740, tida como terreno estéril.

**U.E. 736:** na mesma área, junto das anteriores descritas. Consubstancia-se numa pequena interface tipo buraco de poste que de forma subcircular e com pouca profundidade apresenta paredes rampeadas que convergem para base concava. Cheia pela U.E. 717 quando do momento da sua abertura veio a cortar a U.E. 740, que é considerada terreno estéril.

**U.E. 737:** encontra-se localizada em área próxima do corte Noroeste. Estrutura negativa, tipo buraco de poste, com formato irregular, mas tendencialmente trapezoidal, paredes rectas e fundo concavo. Na extremidade Sul apresenta forma subcircular com boca mais larga que a base. Cheia pela U.E. 727 veio a ser aberta no terreno estéril (U.E. 740).

**U.E. 738:** localiza-se na zona Noroeste definida pelo valado/ caneiro, mais concretamente em área muito próxima do corte Nordeste. Compreende planta subrectangular que se prolonga inclusive para o interior do referido corte estratigráfico. Com parede arredondada e rampeada a Sudoeste, apresenta no seu desenvolvimento para Nordeste paredes inclinadas e convergentes para base plana, mas mais estreita do que a sua boca. Com cerca de 40 cm de comprimento, sensivelmente, os trabalhos empregues na sua escavação revelaram ter sido cheia pela U.E. 728. No demais, conclui-se que foi aberta no terreno estéril (U.E. 740).

**U.E. 739:** fixa-se esta unidade na área Noroeste definida pelo caneiro/ valado, junto do corte Nordeste, desenvolvendo-se, inclusive, para o seu interior. No essencial, no terreno esta unidade traduz-se numa interface tipo buraco de poste, que de formato subcircular compreende paredes rampeadas que convergem para uma base que se revelou concava. Com cerca de 20 cm de diâmetro, os trabalhos empregues na escavação revelaram ter sido cheia pela U.E. 729. Cortou a U.E. 740, a qual nesta área da sondagem corresponde o início do terreno estéril.

**U.E. 740:** o terreno natural, vamos assim designá-lo neste momento, apresenta nesta sondagem duas características distintas. Do início do caneiro/ valado (U.E. 732) para Sudeste compreende afloramento granítico. Do mesmo valado/ caneiro para Noroeste compreende terreno estéril arenoso e siltoso (grão médio e por vezes grosso) com presença embebida natural de pedras de pequeno, médio e grande porte. Esta unidade, atribuída pela necessidade de aferir se realmente se tratava do terreno estéril, dada a presença de pedras de pequeno, médio e grande calibre, é a que se desenvolve do caneiro para Noroeste. Assim sendo, do ponto de vista arqueológico, foi cortada pelas interfaces atrás descritas (733, 734, 735, 736, 737, 738, 739)<sup>53</sup>.

### **Alargamento:**

Na sequência dos trabalhos realizados e perante a existência de depressão existente no terreno, que corria no sentido Noroeste-Sudeste, pelo corte Sudoeste, procedeu-se ao alargamento desta sondagem para essa área a fim de averiguar a relação existente entre a citada depressão e a U.E. 733. O alargamento teve sensivelmente cerca de 4m e 60 cm de comprimento por 1m de largo<sup>54</sup>.

A escavação processou-se de forma mecânica até aos níveis seguros conhecidos, e depois de forma manual, com recurso a pico e a colherim. Por coerência e facilidade de registo aos níveis conhecidos, isto é, iguais aos existentes na sondagem inicial foram atribuídas as mesmas U.E.'s.

Os resultados obtidos foram os seguintes:

---

<sup>53</sup> Vide desenho 8 (plano final)

<sup>54</sup> A dimensão possível dada a necessidade de garantir passagem aos transeuntes.



**U.E. 700:** corresponde ao atual nível de circulação. Consubstancia-se num depósito de terra de cor castanha com tonalidade escura. De natureza e textura areno argilosa, com grão médio, revela-se muito compacta em função da circulação de veículos. Cobre do ponto de vista estratigráfico no alargamento a U.E. 705;

**U.E. 705:** no terreno, sondagem e alargamento, consubstancia-se no nível de aterro para subida de cota e regularização da via pública. Trata-se, portanto, de nível heterogéneo constituído por mistura de terra (castanha acinzentada areno argilosa com grão grosso), pedra de pequeno e médio porte, lixos e detritos vários, como plástico, ferro, fragmentos de cerâmica e de material de construção, tudo de época Contemporânea. Coberta pela U.E. 700 esta unidade estratigráfica tem sido reconhecida nas restantes sondagens realizadas (sond. 1, 2, 3, 4, e 6). Cobre do ponto de vista estratigráfico a U.E. 745 e 750;

**U.E. 745:** é identificável somente na área do alargamento e respeita a um enchimento relacionado com depressão provocada pela circulação de rodado de carro de bois. Já identificada noutras sondagens, conforme se referiu, este depósito é em tudo semelhante à U.E. 705, pois provem do momento do aterro da via pública que de forma natural veio também a encher a interface provocada pelo rodado. Coberta pela U.E. 705 (aterro) enche a U.E. 746;

**U.E. 746:** depressão existente no terreno que se orienta de Noroeste para Sudeste e que em função do atrás exposto corresponde a um dos rodados de carros de bois. Como interface compreende paredes inclinadas que convergem para base concava. Cheia pela U.E. 745, cortou a U.E. 750;

**U.E. 750:** esta unidade é somente identificável na área do alargamento, uma vez que, recorde-se, na sondagem original junto do corte Sudoeste corria o antigo muro divisório (U.E. 706). Consubstancia-se numa camada de fraca potência estratigráfica, cerca de 5 a 10 cm de espessura, que de coloração castanha muito escura (preta) se revelava muito compacta. As características areno limosa e forte compactidade parecem indiciar que se tratava do antigo piso circulatório Contemporâneo. Apesar de não apresentar as mesmas características indicadas nas sondagens 4, 5 e 6, em especial, o facto de ser coberta pelo nível de aterro (U.E. 705) e ser cortada por um rodado (U.E. 746) o sugere;

**U.E. 709:** é coberta pela 705 e, conforme referido, foi cortada pela U.E. 746. Consubstancia-se num depósito de terra com coloração castanha de tonalidade clara que evidenciando textura areno argilosa revela compactação mediana. Para além destas características tem a particularidade de conter na sua composição raízes, pedras de pequeno e médio calibre, alguns fragmentos cerâmicos recentes, e plástico. E por aqui se deduz, portanto, que o antigo piso circulatório, que veio a conhecer aterro, é, pelo menos nesta área, de época Contemporânea. No demais, do ponto de vista estratigráfico os trabalhos arqueológicos realizados permitiram apurar as seguintes relações: cobre a 712, 747, 711 e 748. Na sondagem inicial tem ainda a particularidade de ter sido cortada pela 708, antigo muro divisório que foi desmontado quando da cedência de terreno ao domínio público do caminho;

**U.E. 712:** Camada de terra castanha com tonalidade muito escura (quase preta) que se revelando muito compacta compreende textura limo arenosa. Com potência estratigráfica que varia entre os 20 e os 6 cm, revela ser coberta na sondagem inicial pelas U.E. 709 e 710, cobrindo a 711. Na área do alargamento esta unidade estratigráfica é coberta somente pela U.E. 709 e cobre a 711;

**U.E. 747:** encontra-se localizada na área central do alargamento, corte Sudoeste, não sendo em momento algum identificada na sondagem original. No essencial, trata-se de uma unidade estratigráfica muito semelhante à 711 (que abaixo de descreve), tendo, no entanto, a particularidade de apresentar coloração castanha alaranjada. Devendo provir de eventual abatimento do terreno em função da circulação rodoviária, esta unidade cobre do ponto de vista estratigráfico na área do alargamento a U.E. 711;

**U.E. 711:** já identificada na sondagem original, traduz-se numa camada de terra castanha com tonalidade clara. Apresenta textura limosa e arenosa que medianamente compacta contempla na sua constituição presença algo frequente de raízes. Na sondagem inicial era coberta pela U.E.s. 710 e 712, tendo sido cortada pela 703. Cobria em seguida as U.E.s. 713, 715 e, junto do corte Noroeste, terreno estéril (U.E. 740). Na área do alargamento cobre em corte estratigráfico a Sudoeste a U.E. 748, ao centro a 749, e a Noroeste a 741. Não obstante, os trabalhos realizados demonstraram que cobre a 741 em toda a extensão do alargamento;

**U.E. 748:** encontra-se localizada fundamentalmente a área Sul do alargamento, sobretudo junto ao corte Sudoeste. Consubstancia-se num nível de terra castanha de textura arenosa e siltosa (grão médio) que medianamente compacta vem a cobrir o terreno estéril e em pendente relativamente pronunciada de Sul para Norte a U.E. 749. Conforme atrás referido, é coberta pela U.E. 709 e 711;

**U.E. 741:** Nível estratigráfico constituído por terra de cor castanha com tonalidade escura, que se revela areno argilosa com textura de grão médio fino. Quando dos trabalhos de escavação da sondagem original, estes manuais, revelou ser compacta, o que colocou a possibilidade de tratar de um antigo piso, tanto mais que por debaixo, entre outras realidades (U.E.s. 716, 717, 718, 719, 720, 721, 723 e 726), cobria o afloramento e terreno estéril (U.E.740). Contemplava na sua constituição presença de pequenas raízes, pedras de pequeno calibre e alguns, pequeníssimos, fragmentos cerâmicos, que em função da compactidade revelada se desfaziam. Na área do alargamento, apesar de não ser perceptível em todo o corte Sudoeste, é identificada em toda a sua extensão sendo coberta do ponto de vista estratigráfico pelas realidades já descrita, mormente a U.E. 711. Igual, portanto, à U.E. 715, durante os seus trabalhos de escavação foram recolhidos dois fragmentos cerâmicos cujas características, pelo menos de um deles, ladrilho, sugere reportar-se à fase final do período romano. Cobre a U.E. 742 e 749, as quais se traduzem nos enchimentos do valado/ caneiro que com orientação Noroeste-Sudoeste foi identificado em todas as sondagens realizadas;



Fotografia 50: plano da unidade 741 na área do alargamento.

**U.E. 742:** consubstancia-se esta unidade estratigráfica no primeiro nível de enchimento do caneiro que se encontra orientado no sentido Noroeste-Sudoeste. Traduz-se numa camada de terra bastante arenosa e siltosa, provida de grão médio a grosso, que se revelou bastante compacta. Desenvolvendo-se em duas pendentes (Nordeste/ Sudoeste), como que formando base concava, os trabalhos operados no alargamento apuraram que era coberta pela U.E. 741. Não obstante, na parte central do corte estratigráfico Sudoeste, para dentro dele, admite-se que possa ser coberta pela U.E. 711;



Fotografia 51: plano da U.E. 742.



**U.E. 743:** corresponde no terreno ao segundo nível de enchimento do caneiro/ valado já descrito nas anteriores sondagens. Compreende sedimento composto por terra de coloração castanha escura com inclusões de nódulos de saibro. De textura bastante argilosa, revela-se muito compacta. Coberta pela U.E. 742, em toda a extensão do caneiro/ valado, enche a interface 744. Quando dos trabalhos da sua escavação foi recolhido um fragmento cerâmico que necessita de tratamento para aferir o período histórico a que pertence;

**U.E. 744:** interface antrópica orientada no sentido Noroeste-Sudeste que à semelhança do verificado nas demais sondagens atrás descritas corresponde ao caneiro/ valado cuja utilidade deverá ter haver com práticas ancestrais de regadio. Com perfil tendencialmente em U, compreende paredes inclinadas e rampeadas que tendem em convergir para uma base/ fundo concava que se revela, no entanto, irregular em função da ação de desgaste provocada pela água. Cheia pelas unidades atrás descritas (U.E. 742 e 743) cortou no terreno um outro caneiro/ valado (U.E. 732) que se orientando de Nordeste para Sudoeste é, portanto, mais antigo. Neste sentido, deverá ter também cortado os seus enchimentos, mormente as U.E.'s. 720, 730 e 731. Destes enchimentos na parte central do corte Sudoeste é ainda notória a presença da U.E. 731, a que foi atribuída a nomenclatura 749;

**U.E. 749:** localizada na parte central do corte estratigráfico Sudoeste, quando dos trabalhos empregues na sua escavação revelou ser em tudo semelhante à U.E. 731. Pelo descrito imediatamente atrás, foi cortada pela U.E. 744. Não obstante, na área do alargamento esta unidade compreende sedimento de terra de coloração castanha, que com tonalidade clara que se revela pouco compacto e mais arenosa. Neste sentido, enche a U.E. 732;

**U.E. 732:** já descrita quando dos trabalhos realizados na sondagem, antes do alargamento, traduz-se por excelência numa vala tipo caneiro/ valado que cavada de forma intencional no afloramento se desenvolve de Nordeste para Sudoeste. Compreende perfil semicircular com paredes inclinadas que convergem para fundo que se apresenta concavo e irregular, provido por sulcos cavados pela ação da passagem de águas. Na sondagem revelou ser cheia pelas U.E.'s. 721, 730 e 731, cortando o afloramento. Na área do alargamento efetuado destes enchimentos apenas se percebe a U.E. 731, junto do corte Sudoeste, sensivelmente ao meio. Quer isto dizer, portanto, que estes enchimentos, juntamente com a interface deverão ter sido cortados quando do momento da fábrica do outro caneiro/ valado transversal, a U.E. 744. Assim sendo, este caneiro é uma das estruturas mais antigas pré-existentes no subsolo, juntamente com os enchimentos e interfaces associáveis aos buracos de poste atrás descritos<sup>55</sup>.

---

<sup>55</sup> Vide desenho 14 (plano final parcial).



Fotografia 52: plano final.



Fotografia 53: corte estratigráfico Sudoeste (alargamento)





Fotografia 54: corte estratigráfico Noroeste



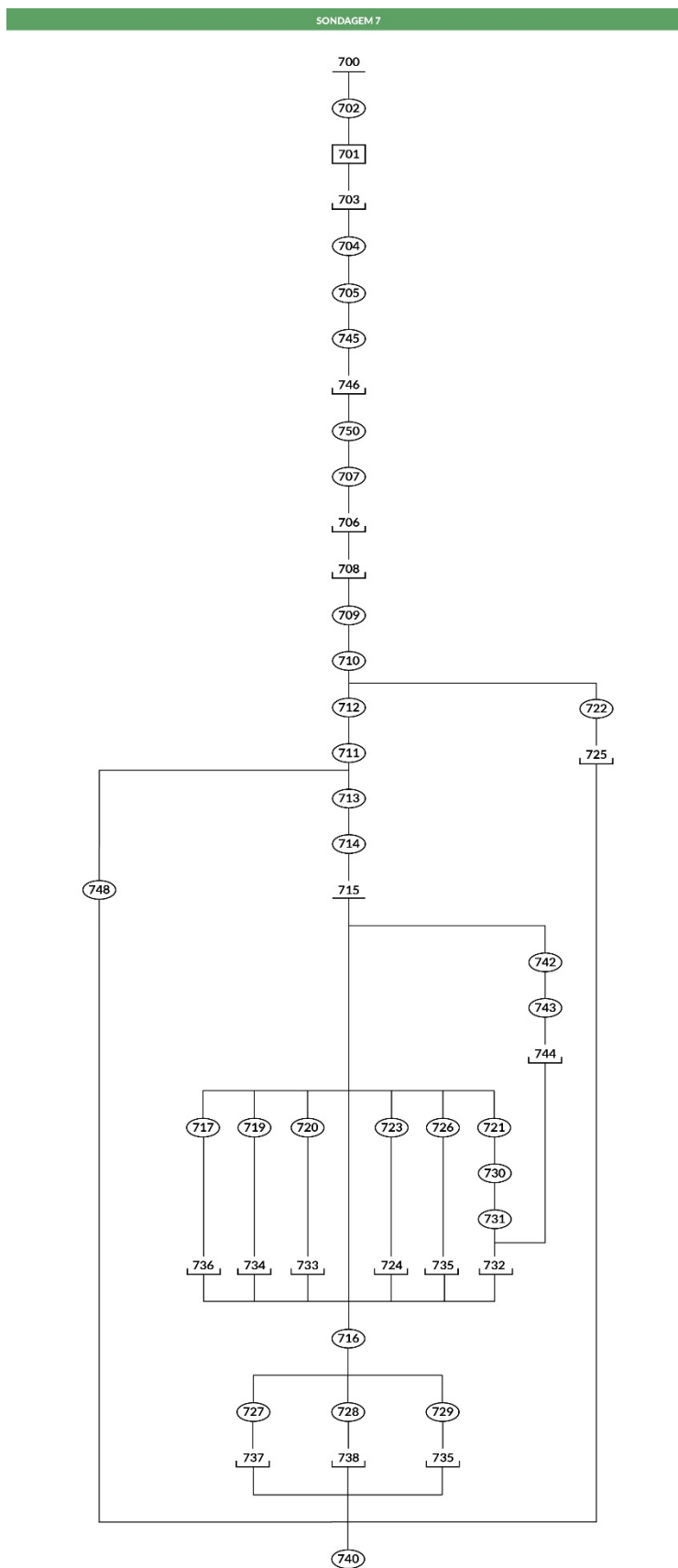


Figura 9: matriz da sondagem 7.

## 9. Espólio arqueológico

Adverte-se desde já aqui que o espólio recolhido dos vários níveis estratigráficos da intervenção realizada na travessa da Costibela carece do necessário tratamento e estudo laboratorial, do que resultarão conclusões mais efetivas e aprofundadas.

Não obstante esta advertência, os trabalhos realizados nas sete sondagens arqueológicas tiveram o mérito de recolher materiais associados a pelo menos três épocas distintas.

Nos estratos superiores, em todas as sondagens realizadas, identificam-se materiais cerâmicos de uso doméstico, faianças, fragmentos de vidro e de material de construção, assim como pequenos fragmentos de metal e detritos vários, designadamente de plástico. Estes materiais são identificados sobretudo nos níveis de aterro que a via pública conheceu após o abandono do “antigo” piso circulatório, também ele de época Contemporânea.

Ultrapassados estes níveis, assim como uma ou outra camada que continha de forma esporádica espólio Moderno/ Contemporâneo, os trabalhos arqueológicos realizados identificam nos níveis que foram cortados pelo caneiro/ valado que corre de Noroeste para Sudeste, assim como por vezes no enchimento deste, pequenos fragmentos cerâmicos, quase todos constituídos por material de construção. Não obstante, e por dizemos quase todos, nos trabalhos de escavação desses níveis recolheram-se, também, alguns fragmentos de cerâmica antiga de uso corrente. Apesar destes níveis serem constituídos maioritariamente por material de construção e por cerâmicas muito desgastadas e roladas pela exposição à água a que estiveram sujeitas, a presença de um fragmento de bracaraense e de um possível ladrilho sugerem que se poderá reportar à fase subsequente ao período romano, isto é, ao período tardo-romano. De resto a presença de um pequeno bordo de recipiente feito à roda com acabamento exterior de cor alaranjada e pasta interior acinzentada parece corroborar esta mesma cronologia, ainda que não seja de excluir, a seu respeito, que possa reportar-se até a período imediatamente posterior, isto é, Alta Idade Média.

Seja como for, presença de fragmentos cerâmicos tardo-romanos e possivelmente altomedievais, os materiais mais antigos que os trabalhos arqueológicos identificam são aqueles que se relacionam diretamente com a Idade do Bronze.

Em geral, estes materiais são inicialmente identificáveis de forma esporádica no segundo nível estratigráfico constituído por terra castanha de tonalidade alaranjada, o qual se encontra abaixo do nível que é coberto pelo estrato que coexistiu com o caneiro/ valado. Este nível cobre o terreno estéril, a uma cota mais elevada, e uma camada de terra preta nas áreas mais profundas. Nestas camadas vislumbram-se alguns pequenos fragmentos cerâmicos associados à Idade do Bronze. De resto, tanto num caso como no outro, em regra, ambas cobrem vários enchimentos associados a interfaces circulares, subcirculares, subrectangulares e oblongas, que contêm por vezes pequenos fragmentos também reportáveis a este período.

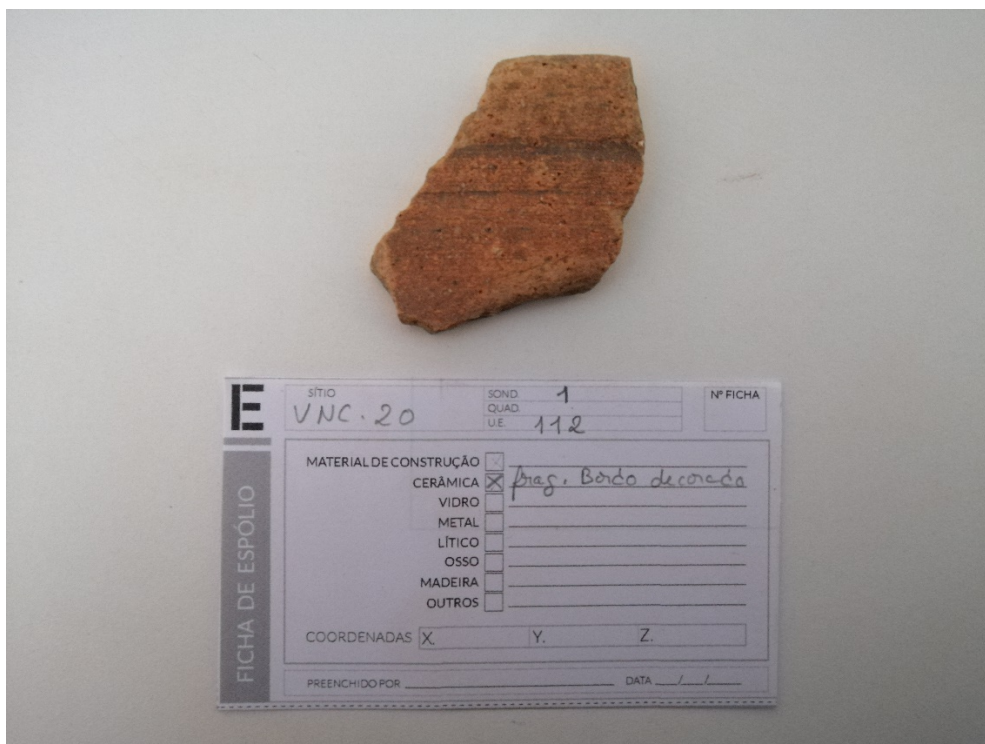
Para além do espólio cerâmico, que no caso da Idade do Bronze corresponde a pequenos fragmentos feitos à mão que evidenciam pastas grosseiras acompanhadas por muita mica e desengordurantes, quase sempre desprovidas de elementos decorativos, releve-se também que os trabalhos arqueológicos realizados tiveram o mérito de recolher alguns materiais líticos. São, regra geral, quartzos e seixos, alguns dos quais com indícios de talhe intencional, os quais merecem um estudo mais cuidado. Para além destes, foi também recolhido o fragmento de uma mó cujas dimensões deveriam ser ainda relativamente significativas.

Todo este espólio recolhido foi guardado em recipientes de plástico, encaixotado e depositado em armazém para lavagem, análise e estudo.



Fotografia 55: fragmentos cerâmicos de cronologia tardo-romana (sond. 1, U.E. 112).





Fotografia 56: fragmento de bordo com decoração de cronologia tardo-romana (sond. 1, U.E. 112).



Fotografia 57: fragmentos cerâmicos da Idade do Bronze (sond. 4, U.E. 408).



Fotografia 58: fragmentos cerâmicos da Idade do Bronze (sond.4, U.E. 328).



Fotografia 59: amostra de líticos (sond. 3, U.E. 320).

## 10. Faseamento

Face ao estado atual dos trabalhos arqueológicos, e tendo em consideração que será necessário proceder à escavação em área nas zonas que serão afetadas pelo projeto, é prematuro proceder, neste momento, a um faseamento exaustivo e pormenorizado.

Não obstante, com as devidas precauções que uma nota técnica merece, a partir dos dados recolhidos em campo, com a realização das sete sondagens descritas, identificam-se em plano três momentos cronológicos no subsolo.

O primeiro respeita fundamentalmente ao **Período Contemporâneo**. Identificado em todas as sondagens, corresponde num primeiro momento ao atual nível de circulação (U.E's. 100, 200, 300, 400, 500, 600 e 700). Segue-se depois um nível de entulho, com o qual se procedeu à subida de cota e regularização do terreno (U.E's. 106, 203, 204, 303, 306, 401, 501, 601, 705 e 705). Esta camada foi aqui depositada entre os séculos anterior e atual, e em regra, veio cobrir o "antigo" piso de circulação da via (U.E's. 108, 402, 510 e 602), por se encontrar em mau estado de conservação, em resultado da circulação de carros de bois de acesso aos terrenos agrícolas (interfaces de rodados 206, 311, 312, 402c e 402d, 503, 503b, 602b e 610, e 746). Apesar de esta camada de aterro ser identificável em todas as sondagens, o segundo piso de época Contemporânea apenas se vislumbra nas sondagens 1, 4, 5 e 6. No caso da sondagem 7, apesar de não se detetar a sua presença em plano, identificam-se três realidades muito específicas: a primeira respeita ao piso atual e respetivo nível de aterro para a sua subida de cota, a segunda é reportável à presença do antigo muro de divisão de propriedade, onde hoje se encontra o Lar, e a terceira a um segundo nível de aterro para subida de cota (U.E. 709), cujo nível superior foi afetado pela circulação de carros de bois.

Após presença em plano de níveis intermédios, de época para já indeterminada, o segundo momento que identificámos no terreno de forma muito concreta e explícita, a partir da análise estratigráfica e dos materiais recolhidos respeita, fundamentalmente, ao **Período Tardo-Romano** (U.E's. 111, 227, 318, 405, 510 e 606).

No essencial a amostra dos materiais recolhidos atribuíveis a este período é escassa e de fraca qualidade, uma vez que contempla maioritariamente fragmentos de material de construção e de cerâmicas muito roladas pela exposição à água. Não obstante as precauções que merece, estes materiais parecem associar-se a esta cronologia, uma vez que os três fragmentos cerâmicos que se encontram em melhor estado o sugerem. De notar, ainda, conforme indicado na descrição das unidades estratigráficas, que na sondagem 7 foram também identificados alguns (poucos) fragmentos cerâmicos reportáveis a este período. Ainda assim, a unidade 715 apresenta diferenças substanciais em relação às demais. Além disso, consubs-tanciando-se numa camada muito compacta, eventualmente um piso, tem a particularidade de cobrir o enchimento do caneiro/ valado que corre no sentido Noroeste-Sudeste, o que não sucede nas restantes.



Apesar das dificuldades interpretativas, pela escassez e fraca qualidade da amostra, estes materiais foram exumados dos níveis que foram cortados pelo caneiro/ valado que foi identificado em todas as sondagens (U.E's. 111, 227, 318, 405, 510 e 606), com exceção da realidade descrita acerca de sondagem 7. Correndo no sentido Noroeste-Sudeste, a presença deste caneiro e destes materiais, diz-nos, inequivocamente que a cota superficial do terreno, há cerca de 1500 anos mais ou menos, seria por aqui.

Não obstante, este último nível circulatório (U.E's. 111, 227, 318, 405, 510 e 606), que cremos ter aproximadamente 1500 anos, não corresponde à fase mais antiga de ocupação do espaço.

Em plano, por debaixo das unidades que foram cortadas pelo caneiro/ valado, vislumbram-se quase sempre duas camadas de terra de cor castanha com tonalidade alaranjada, em que a primeira se apresenta ligeiramente mais clara (U.E's. 116, 117, 231, 319, 406, 511, 607) e a segunda mais siltosa. No essencial, a última referida (U.E's. 118, 232, 320, 407 e 608) é a que antecede um nível de terra preta, no caso da sondagem 4 (U.E. 408), ou o terreno estéril. Neste segundo nível, de terra castanha alaranjada, pontificam escassos fragmentos de cerâmicas antigas, muito micadas e que são apenas detetáveis na sua transição para o terreno estéril, ou para a camada de terra preta que o antecede no caso da sondagem 4 (U.E. 408), também esta compreendendo fragmentos cerâmicos mais antigos. Além disso, tanto num caso como no outro, são estas camadas que em plano cobrem não só o terreno estéril como um vasto conjunto de manchas mais escuras que se traduzem nas várias áreas sondadas, principalmente nas sondagens 2, 3, 4, e 7, em enchimentos de interfaces associadas à presença de buracos de poste, e, num caso (sondagem 2), a uma possível depressão de maiores dimensões.

Atendendo às características destas cerâmicas, assim como ao que já é conhecido das intervenções arqueológicas que se têm vindo a desenvolver no terreno que se encontra junto do caminho pela banda do mar, estamos inequivocamente na presença de contextos arqueológicos associados à **Idade do Bronze**.

Em suma, face ao exposto, identificam-se fundamentalmente três momentos com cronologias bastante distintas. A primeira da época Contemporânea, consubstanciando-se no piso atual, nível de aterro para subida de cota depositado sobre um antigo piso, também ele, no entanto, de fábrica Contemporânea. O segundo - após níveis estratigráficos intermédios - compreende fragmentos cerâmicos enquadráveis em época tardo-romana. Por fim, após os níveis com vestígios esporádicos tardo-romanos e dois estratos intermédios, surgem os níveis reportáveis à Idade do Bronze.

| Relações estratigráficas das Unidades nucleares - sincronização                                                 |          |                 |          |      |      |      |     |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------|-----------------|----------|------|------|------|-----|
| Designação                                                                                                      | Sondagem |                 |          |      |      |      |     |
|                                                                                                                 | 1        | 2               | 3        | 4    | 5    | 6    | 7   |
| <b>Piso atual de circulação</b>                                                                                 | 100      | 200             | 300      | 400  | 500  | 600  | 700 |
| <b>Muro de betão do Lar</b>                                                                                     | 101      |                 |          |      |      |      | 701 |
| <b>Níveis de aterro para formação do piso atual</b>                                                             | 106      | 203             | 303      | 401  | 501  | 601  | 704 |
|                                                                                                                 | 107      | 204             | 306      |      |      |      | 705 |
| <b>Interfaces/ rodados de carros de bois</b>                                                                    |          | 206             | 311      | 402c | 503  | 602b | 746 |
|                                                                                                                 |          |                 | 312      | 402d | 503b | 610? |     |
| <b>2º Piso (Contemporâneo)</b>                                                                                  | 1 08     | ---             | ---      | 402  | 510  | 602  | --- |
| <b>Interface da fundação 2º piso</b>                                                                            |          | 209             |          | 402e | 503c | 603  | --- |
| <b>Níveis estratigráficos intermédios</b>                                                                       | ---      | 204             | 313      | 403  | 506  | 604  | --- |
|                                                                                                                 |          | 210<br>a<br>213 | 6<br>315 |      |      | 605  |     |
| <b>Nível que cobre enchimento de valado e piso</b>                                                              | 108      | 213             | 315      | 403  | 506  | 605  | --- |
| <b>Enchimento do valado/ caneiro</b>                                                                            | 109      | 222             | 316      | 454  | 507  | ---  | 742 |
|                                                                                                                 | 113      |                 |          |      |      |      | 743 |
| <b>Valado/ caneiro</b>                                                                                          | 110      | 223             | 317      | 455  | 508  | ---  | 744 |
|                                                                                                                 | 114      |                 |          |      |      |      |     |
| <b>Piso cortado pelo valado</b>                                                                                 | 111      | 227             | 318      | 405  | 510  | 606  | --- |
| <b>Camada coberta por piso</b>                                                                                  | 112      | 225             | 319      | 406  | 511  | 607  | --- |
|                                                                                                                 | 115      |                 |          |      |      |      |     |
| <b>1ª camada castanha alaranjada</b>                                                                            | 116      | 231             | 319      | 406  | 511  | 607  | --- |
|                                                                                                                 | 117      |                 |          |      |      |      |     |
| <b>2ª camada castanha alaranjada (cobre níveis da Idade do Bronze e compreende já fragmentos desse período)</b> | 118      | 232             | 320      | 407  | ---  | 608  | --- |
| <b>Níveis associados à Idade do Bronze</b>                                                                      | ---      | 233             | 321      | 408  | ---  | ---  | 716 |
|                                                                                                                 |          | a               | a        | a    |      |      | a   |
|                                                                                                                 |          | 239             | 338      | 424  |      |      | 721 |
|                                                                                                                 |          |                 |          | 428  |      |      | 723 |
|                                                                                                                 |          |                 |          | 431  |      |      | 726 |
| <b>Interfaces associadas a buracos de poste</b>                                                                 | ---      | 240             | ---      | 436  | ---  | ---  | 732 |
|                                                                                                                 |          | a               |          | a    |      |      | a   |
| <b>Terreno estéril/ afloramento</b>                                                                             | 119      | 245             |          | 453  | ---  | ---  | 738 |
|                                                                                                                 |          | 247             | 339      | 456  |      |      | 740 |

## 11. Conclusões

No essencial, ao longo da descrição dos trabalhos realizados e descrição das unidades estratigráficas escavadas, tivemos o cuidado de proceder à sua análise e interpretação diacrónica e sincrónica. A este facto, juntam-se ainda as conclusões preliminares a respeito da análise prévia dos materiais recolhidos e sua correlação com eventuais períodos e momentos históricos de uso e ocupação que o terreno sondado conheceu.

Assim, reunindo todos os elementos, e sem nos repetirmos, diremos em jeito de síntese que os primeiros níveis da área sondada – Travessa da Costibela – são de origem Contemporânea. Consubstanciam-se os mesmos no piso atual de circulação e numa camada de aterro sobre um outro piso, que embora antigo, é também de lavra Contemporânea. Seguem-se, depois, alguns poucos níveis intermédios, os quais, *grosso modo*, cobrem uma antiga levada relacionada com práticas ancestrais de regadio, sendo que a partir da sua observação se conclui que, em determinado momento, a cota superficial do terreno era esta. Os trabalhos arqueológicos aqui operados revelam que essa levada cortou um nível bastante antigo, cujos materiais recolhidos, apesar de esporádicos, se reportam ao mundo pós-romano. De um modo em geral, a presença de materiais cerâmicos associados a época tardo-romana é, em certa medida, uma novidade na Travessa da Costibela, dado que nos trabalhos arqueológicos realizados no terreno que com ela confina, pela banda do mar, não foram encontrados vestígios desse período, ainda que se tivessem descortinado alguns fragmentos cerâmicos de época Medieval. Não obstante, no terreno que confina com este a Noroeste, no acompanhamento que realizamos em 2017, já tínhamos identificado alguns fragmentos que, hipoteticamente, atribuíamos a este momento histórico.

Seja como for, e independentemente disso, os vestígios mais antigos de ocupação do espaço, dentro do expetável pelo estado de conhecimento da envolvente, remontam à Idade do Bronze. Consubstanciam-se num primeiro momento através da recolha de materiais cerâmicos em estado fragmentário desse período, e depois num conjunto de pequenas manchas mais escuras sobre o terreno estéril. No essencial estas enchem pequenas depressões antrópicas de planta circular, subcircular e oblonga, por vezes profundas, que se traduzem em interfaces escavadas no terreno estéril, ou seja, em buracos de poste associados a estruturas levantadas e construídas com materiais perecíveis.

Assim, e em jeito de conclusão preliminar, os vestígios mais antigos postos a descoberto pela presente intervenção arqueológica realizada na Travessa da Costibela encontram-se, inequivocamente, em sintonia com aqueles que têm vindo a ser identificados no terreno contíguo à via pública pela banda do mar. A conjugação dos dados obtidos, em ambas as intervenções arqueológicas até agora realizadas, sugere, *grosso modo*, que estamos na presença de um assentamento humano da Idade do Bronze. E por aqui se conclui também, a partir de ambas as intervenções, que as áreas sondadas correspondem ao interior desse assentamento.



## 12. Medidas de Minimização

Face ao exposto, propõem-se as seguintes medidas de minimização:

- a) a escavação arqueológica em área, onde a execução do projeto de instalação de infraestruturas de saneamento e águas pluviais implique a afetação e/ ou destruição dos vestígios arqueológicos que se preservam no subsolo. Tendo em consideração os vestígios e as cotas alcançadas nas sondagens realizadas, assim como as cotas de afetação previstas pelo projeto, a área a escavar será aquela que se situa desde o fim do muro do Lar (a Noroeste) até, sensivelmente, ao seu início a Sudeste, num total de 148m<sup>2</sup>;
- b) o acompanhamento arqueológico dos trabalhos de escavação e remoção de terras em toda a frente de trabalho, tanto na Travessa da Costibela, como na Rua de Vila Nova (Poente);
- c) em fase de obra, nos trabalhos de escavação e remoção de terras para abertura de valas, em toda a frente, a obrigatoriedade de ser utilizado balde de limpeza.
- d) em fase de obra, se durante o acompanhamento dos trabalhos forem identificados vestígios arqueológicos os mesmos terão de ser alvo de escavação e registo arqueológicos.

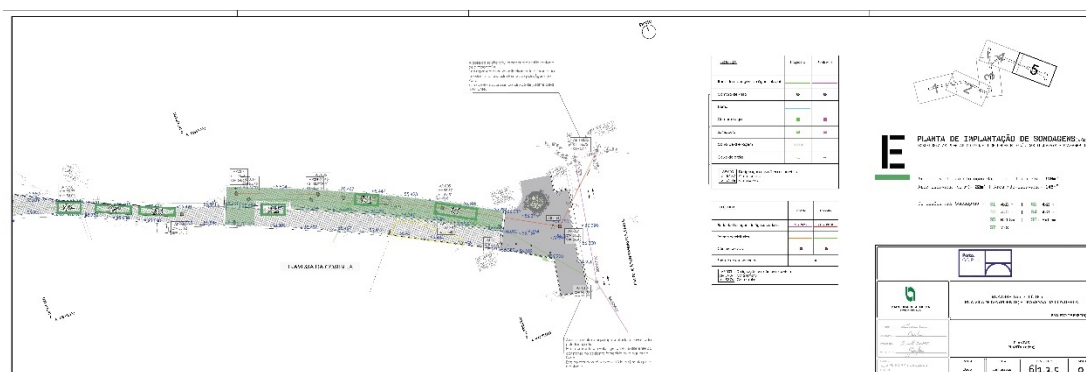


Figura10: área de implantação das sondagens e sobreposição das infraestruturas a construir no subsolo.

### 13. Bibliografia

**BARBOSA, I. M. L.** (1989); "Aldoar nas Inquirições de 1285", in *Mil anos de história de Aldoar*, RODRIGUES, Adriano Vasco (coord.) Junta da Freguesia de Aldoar, Departamento de Ciências Históricas da Universidade Portucalense.

**COUTO, J.** (2000); *Monografia de Aldoar*, Edição da Junta de Freguesia e Paróquia de Aldoar.

**FERNANDES, A. de A.** (1962); *Os "Ermos" da Foz do Douro*, Porto.

**HARRIS, E.C.**, 1979. *Principles of Archeological Stratigraphy*. London: Academic Press.

Inquirições D. Dinis, Livro III.

**LEAL, A. S. d` A. B. de P** (1874); *Portugal Antigo e Moderno. Dicionario Geographico, Estatistico, Chorographico, Heraldico, Archeologico, Historico, Bibliographico e Etymologico de todas as cidades, villas e freguesias de Portugal e de grande número de aldeias*. Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia, Lisboa.

**LOUREIRO, C. A.; SOARES, S. P.** (2017); *Acompanhamento arqueológico na rua de Vila Nova, 717, Aldoar, Porto*. Relatório Final. Empatia Arqueologia, Conservação e Restauro Lda.

**MACHADO, A. de S.** (1989); "Reflexões sobre a história de Aldoar", in *Mil anos de história de Aldoar*, RODRIGUES, Adriano Vasco (coord.) Junta da Freguesia de Aldoar, Departamento de Ciências Históricas da Universidade Portucalense.

*Memórias para a História das Inquirições dos Primeiros Reinados de Portugal coligidas pelos discípulos da Aula de Diplomática no anno de 1814 para 1815 debaixo da Direção dos Lentes Proprietario, e Substituto da mesma Aula*. Lisboa, na Imprensa Régia, Anno 1815.

*Portvgaliae monvmenta histórica, Diplomata et Chartae*. Olisipone, Typis Academicis, 1867.

**RIBEIRO, J. P.** (1819); *Dissertações chronologicas e criticas sobre a história e jurisprudência ecclesiastica e civil de Portugal publicadas por ordem da Academia Real das Sciencias de Lisboa pelo seu socio João Pedro Ribeiro*. Lisboa, na Typografia da mesma Academia, Anno de 1819.

**RODRIGUES, A. V.** (coord.) (1989); *Mil anos de história de Aldoar*. Junta da Freguesia de Aldoar, Departamento de Ciências Históricas da Universidade Portucalense, Porto.

**RODRIGUES, A. V.** (1989); "Mil anos de história de Aldoar e apenas duas épocas de mudança", in *Mil anos de história de Aldoar*, RODRIGUES, Adriano Vasco (coord.) Junta da Freguesia de Aldoar, Departamento de Ciências Históricas da Universidade Portucalense, Porto.

*Traslado em pública forma da carta de foral de Vila Nova de Gaia concedida por D. Dinis* (datada de 1288, Agosto, 13, Lisboa). Disponível online no Arquivo Municipal do Porto <http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/331089/>, em linha, consultado em 17 de Novembro de 2019.

**SOARES, S. & GONÇALVES, M. (2019);** *Sondagens Arqueológicas na Travessa da Costibela, Lugar de Vila Nova, Aldoar, Porto*. Nota Técnica. Empatia Arqueologia, Conservação e Restauro LDA.

**VASCONCELOS, J. L. de (1931);** *Opúsculos*, Vol. III – Onomatologia. Imprensa da Universidade, Coimbra.

**VITERBO, J. de S. R. de (1865);** *Elucidário das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram: obra indispensável para entender sem erro os documentos mais raros e preciosos que entre nós se conservam*. Publicado em Benefício da Litteratura Portuguesa Por Fr. Joaquim de Santa Rosa Viterbo. 2ª ed. revista, correcta e copiosamente adicionada de novos vocábulos, observações e notas críticas com um índice remissivo. Vol. II, Lisboa, A. J. Fernandes Lopes.

#### **Mapas e cartas topográficas**

*CMP – 1: 25 000 (1999)*, folha nº 122 (Porto), edição 3, Instituto Geográfico do Exército.

*Google Earth*: 41º 10' 28.71" N de Latitude; 8º 40' 04.04" W de Longitude, elevação 53 m. Disponível em <http://www.google.com/earth/index.html> [Acedido a 19 de Outubro de 2020].

Vila Nova de Gaia, 04 de Novembro de 2020

(Mário Gonçalves)

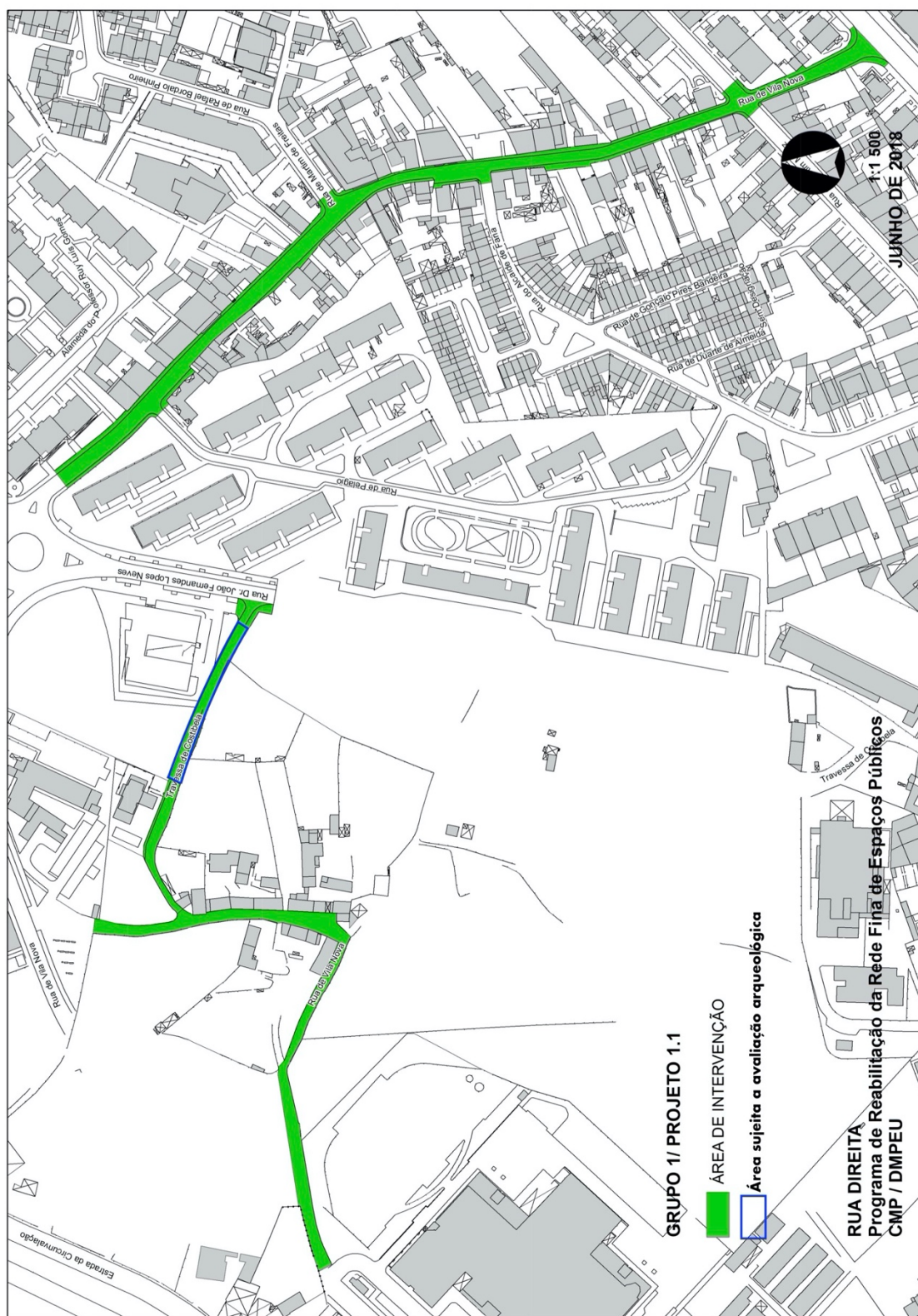
(Filipe Pinto)



# Anexos

## Anexo I

# Planta de Localização

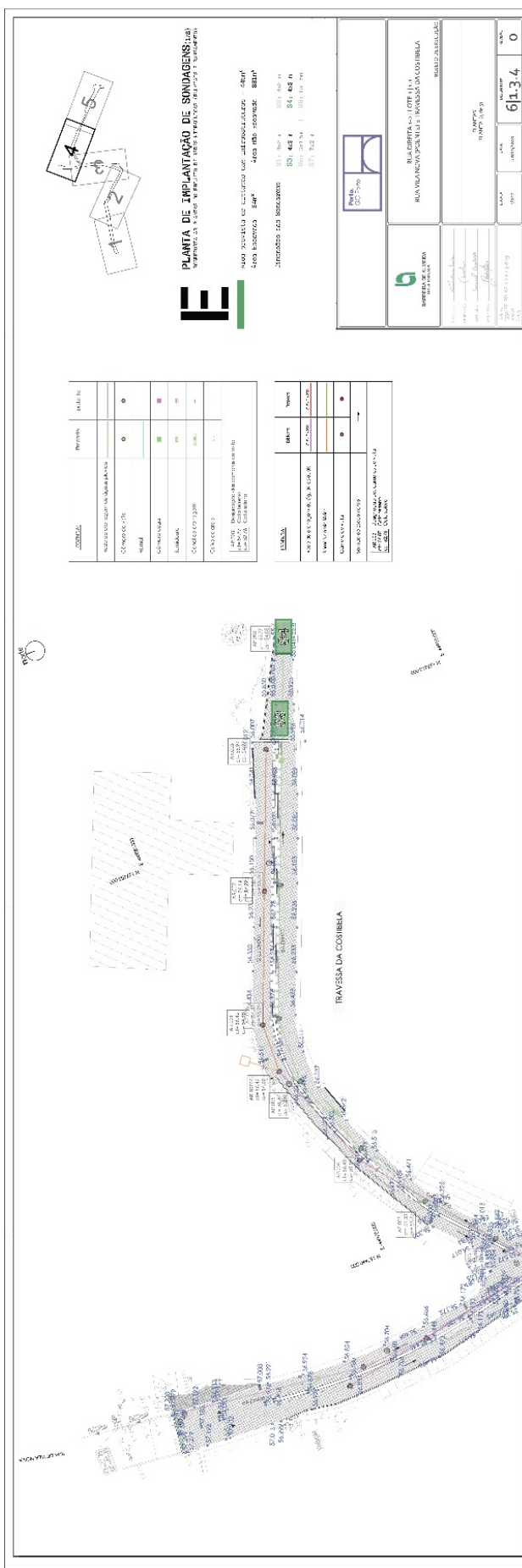




## Anexo II

# Localização das Sondagens

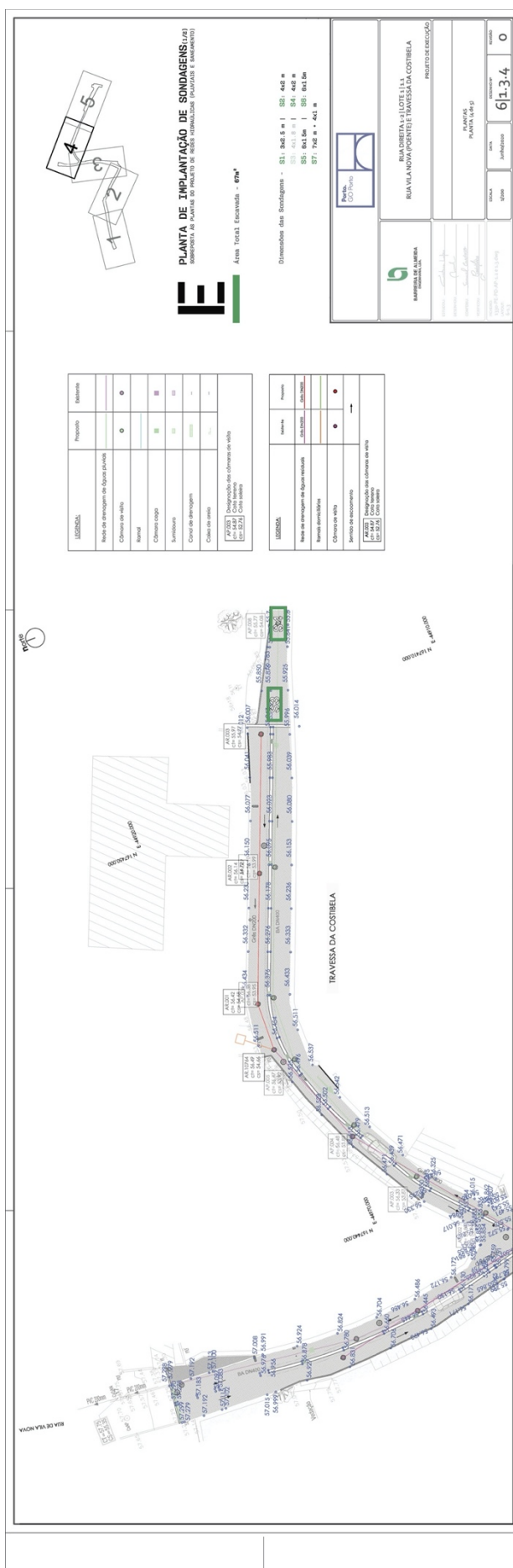


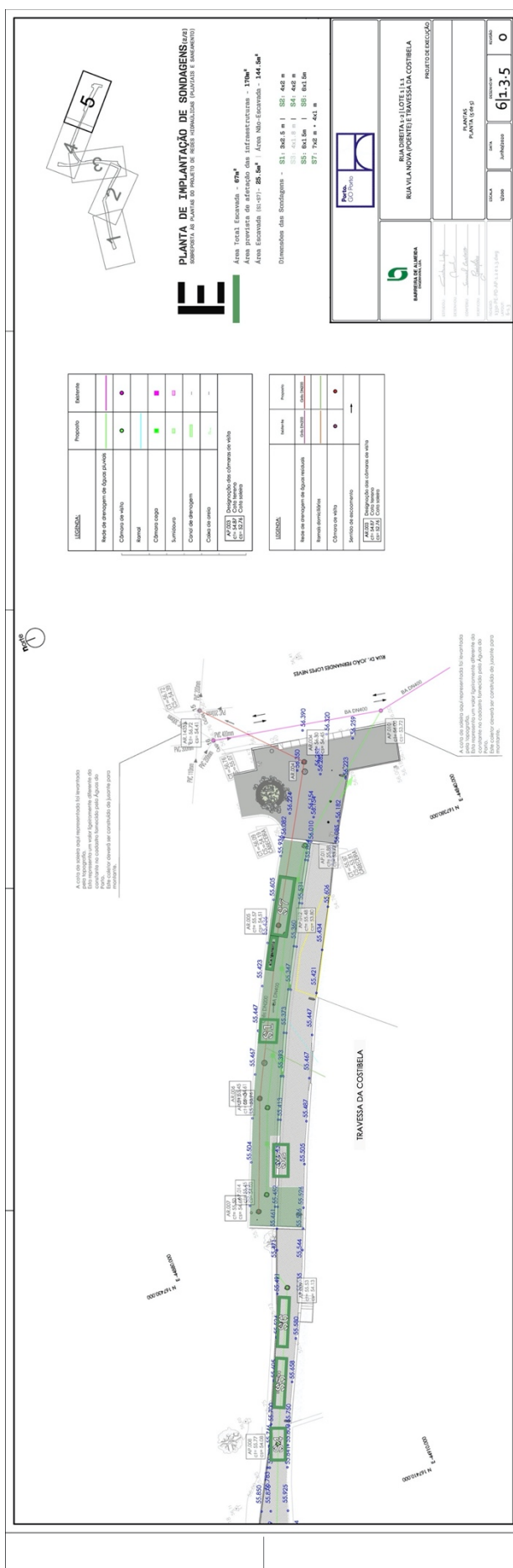




## Anexo III

# Planta com área de Escavação proposta







## Anexo IV

# Desenhos

## Sondagem 1 – Desenho 6



## Sondagem 1 – Desenho 7





## Sondagem 1 – Desenho 8





## Sondagem 1 – Desenho 9

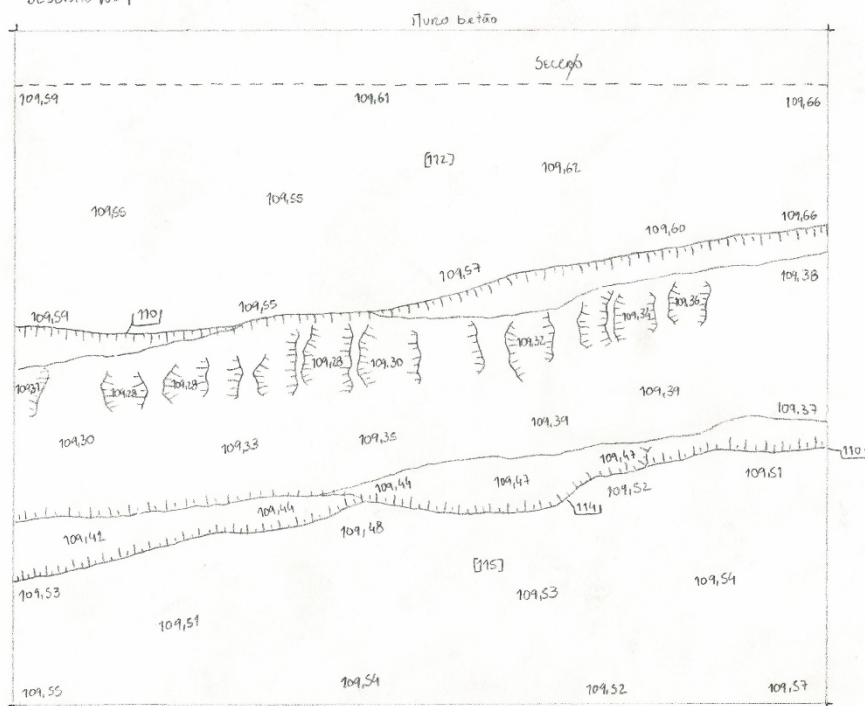


VNC.20  
SOND. 1  
PLANO - VE 114, 115  
Ese 1/20  
03.07.2020

$P_0 = 112.00$   
Alt. do nível = 112.00

N ↖

DESENHO Nº 9

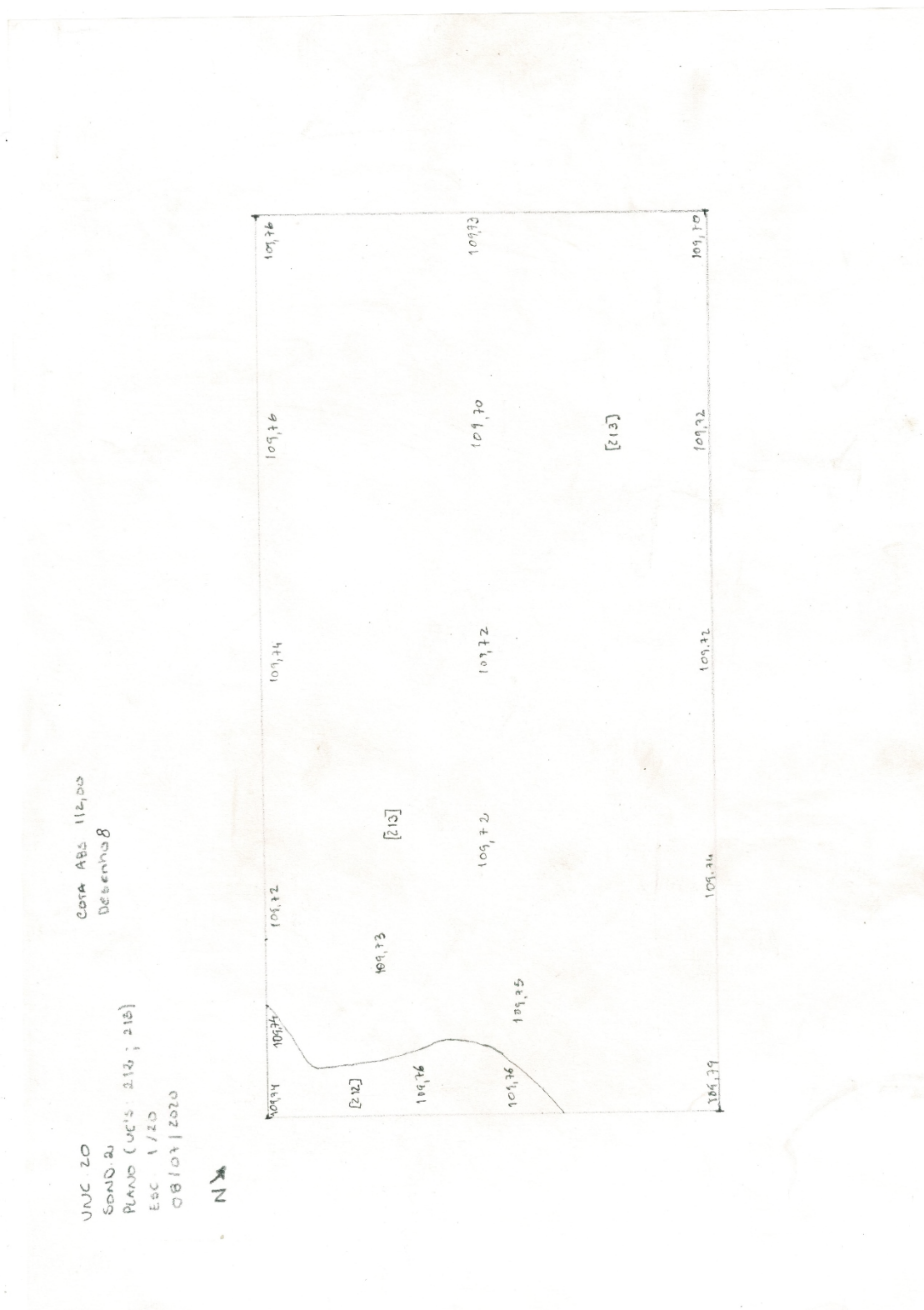


## Sondagem 1 – Desenho 11



## Sondagem 2 – Desenho 8



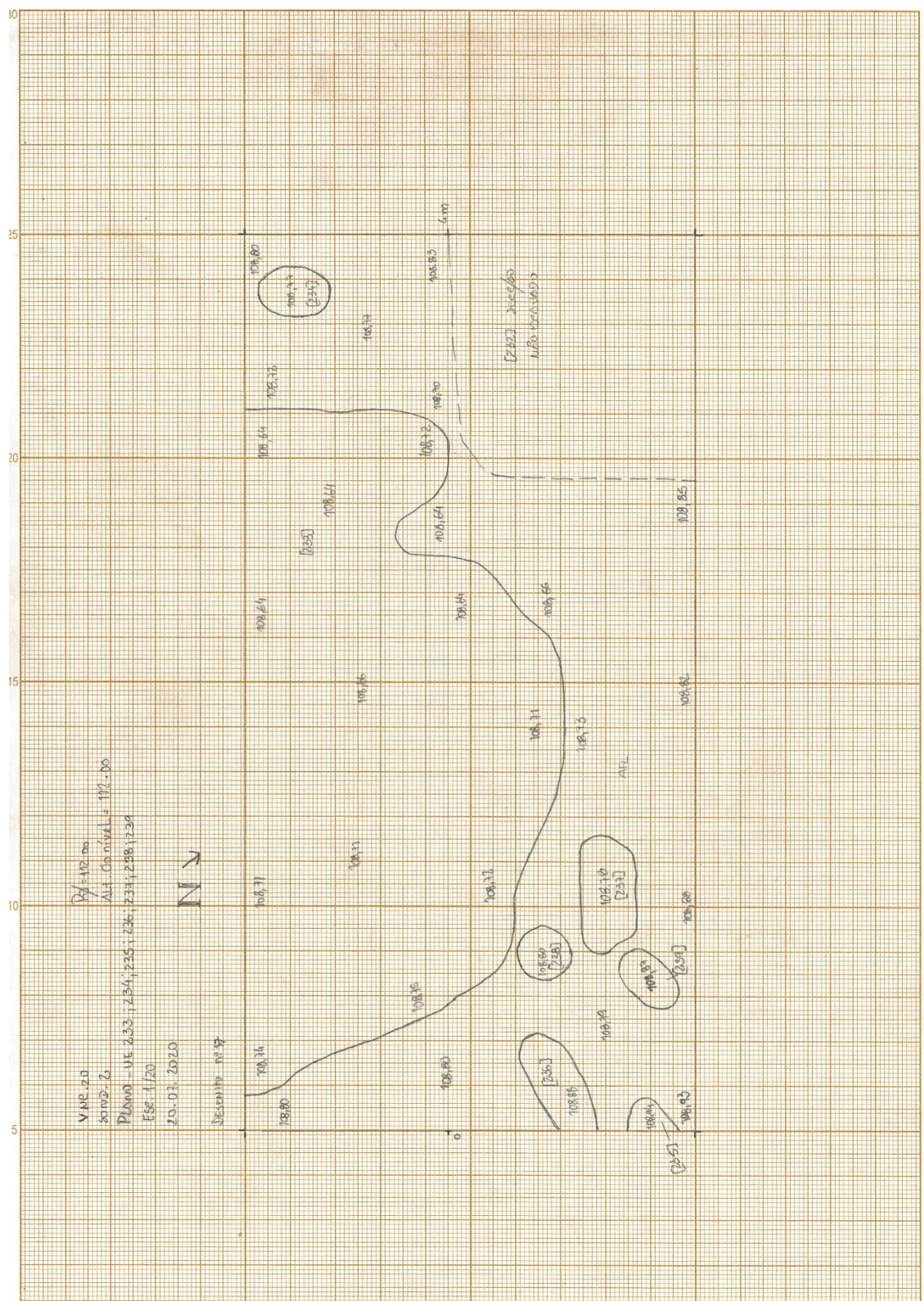


## Sondagem 2 – Desenho 10



## Sondagem 2 – Desenho 17





## Sondagem 2 – Desenho 18



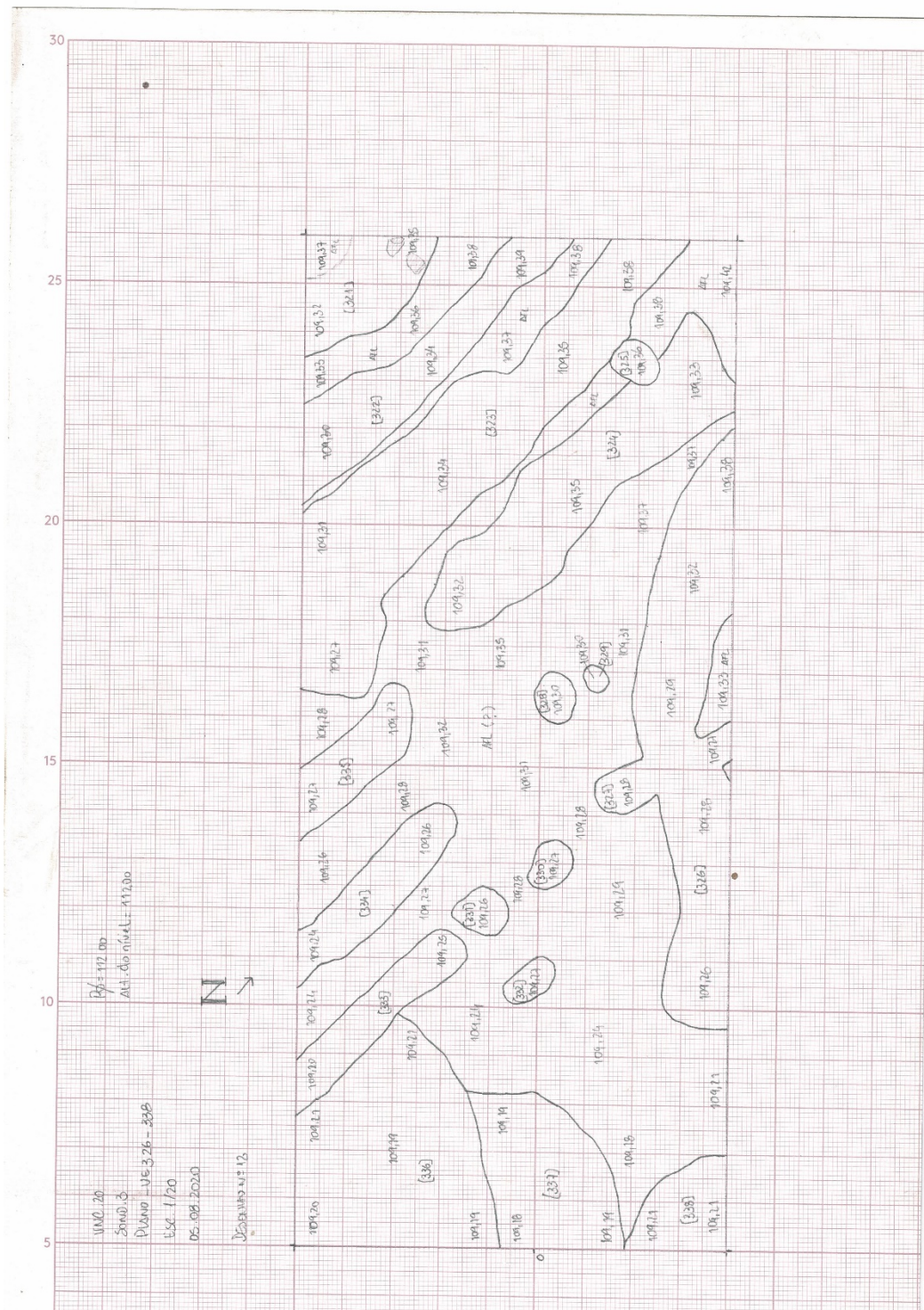


## Sondagem 3 – Desenho 3





## Sondagem 3 – Desenho 12



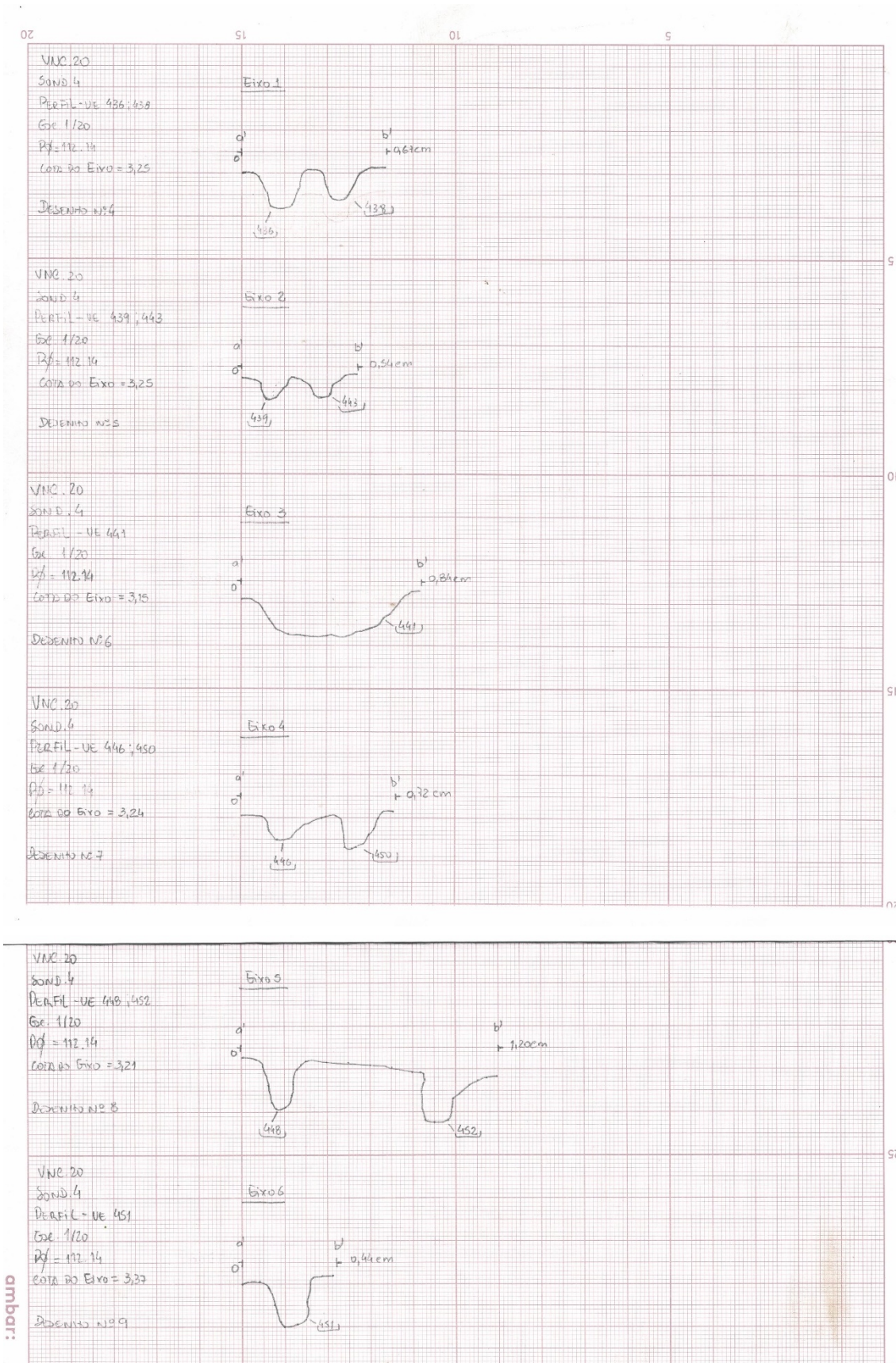
## Sondagem 4 – Desenho 2





## Sondagem 4 – Desenhos 4, 5, 6, 7, 8 e 9





## Anexo V

# Informação da Câmara Municipal do Porto



Processo: **P/180448/19/CMP (NUD/376424/2019/CMP)**

Porto, 02-12-2019

Referência: NUD/446417/2019/CMP

Local: **Programa Rua Direita – Projeto 1.1. Rua de Vila Nova (Poente) e Travessa da Costibela**

Requerente: Empresa Municipal de Gestão e Obras do Porto – GO Porto, E.M.

Assunto: Pré-avaliação de impacte arqueológico

## INFORMAÇÃO

O presente parecer substitui o anterior (NUD/419517/2019/CMP, de 14-11-2019), resultando dos esclarecimentos prestados em reunião realizada no passado dia 28-11-2019, conforme solicitado pelo gestor do processo (NUD/441799/2019/CMP, de 28-11-2019).

1. O processo em epígrafe insere-se, parcialmente, em área formalmente condicionada, do ponto de vista da salvaguarda do património arqueológico, na Carta de Património do Plano Diretor Municipal (**ZOPA 57 – Lugar de Vila Nova**), estando por isso sujeito, nos termos do artigo 46.º do Regulamento do mesmo Plano (Resolução do Conselho de Ministros n.º 19/2006, publicada no *Diário da República* de 3 de fevereiro; alterado pelo Aviso n.º 14332/2012, publicado no *Diário da República* de 25 de outubro), a pré-avaliação de impacte arqueológico por parte da Divisão Municipal de Património Cultural/ Arqueologia.
2. O lugar de Vila Nova surge referenciado na Planta da Cidade de 1892 como *Logar de Villa Nova de Cima*, observando-se um pequeno núcleo populacional arruado, isto é, disposto ao longo de uma rua principal, estruturante, convergente com o caminho para a paróquia de Aldoar, documentada desde o ano 944, e o lugar da Vilarinha e, conseqüentemente, com ligação à vetusta via romana (provável *Via Veteris*), que percorreria, grosso modo, o traçado da Rua da Vilarinha. O topónimo Vila Nova é medieval, podendo estar associado à fundação de novas povoações, por iniciativa régia ou senhorial, no âmbito da reorganização do território ocorrida nos séculos XIII-XIV, ou à consolidação de antigas *villae* ou casais rurais de origem mais remota.
3. Uma intervenção arqueológica recentemente realizada num terreno junto ao limite Norte da Travessa da Costibela (nas proximidades da confluência com a Rua Dr. João Fernandes Lopes Neves) pôs a descoberto indícios de ocupação antiga, que se caracterizam pela presença de diversas estruturas negativas (buracos de poste e outro tipo de valas) associadas a espólio cerâmico, numa primeira análise datáveis da Idade do Bronze ou do período de transição Bronze Final/Ferro Inicial, i.e. do II milénio a.C. a meados do I milénio a.C. (cf. Relatório em anexo: Soares, Sofia; Gonçalves, Mário (2019) – *Sondagens Arqueológicas na Travessa da Costibela. Lugar de Vila Nova, Aldoar, Porto. Nota Técnica. Novembro de 2019*. Vila Nova de Gaia: Empatia – Arqueologia, Conservação e Restauro, Lda.).

4. Os elementos em apreciação (NUD/376424/2019/CMP) são relativos ao anteprojecto **Projeto 1.1. – Rua de Vila Nova (Poente) e Travessa da Costibela** inserido no Programa *Rua Direita*, requerido pela Empresa Municipal de Gestão e Obras do Porto – *GO Porto, E.M.*, que tem como área de intervenção os prolongamentos da Rua de Vila Nova (Poente) e Travessa da Costibela com a Rua Dr. João Fernandes Lopes Neves, numa extensão aproximada de 485 m.
5. Da avaliação efetuada, através da análise dos elementos do projeto e da informação histórico-arqueológica disponível para o sítio, considerando, sobretudo, os recentes achados na Travessa da Costibela, entendemos que **a execução da operação proposta deverá ser alvo das seguintes medidas de minimização de impacte arqueológico:**
  - 5.1. **Sondagens arqueológicas de avaliação prévia a efetuar em momento anterior à obra no troço da Travessa da Costibela a afetar pela construção das novas redes de infraestruturas propostas** (folhas 4 e 5 das plantas apresentadas nas peças desenhadas), atendendo à proximidade do local onde foram identificados os achados descritos no ponto 3 (cf. Relatório, em anexo);
  - 5.2. **Acompanhamento arqueológico permanente de todas as ações com afetação de subsolo na restante área de execução do projeto.**
6. Para o efeito, **solicita-se que a Direção Municipal do Urbanismo remeta à Requerente o documento com as Condições de Execução da Intervenção Arqueológica (anexo à presente informação)**, a fim de ser promovida consulta a firmas ou profissionais da especialidade. Após adjudicação dos trabalhos arqueológicos, será submetido à aprovação da entidade da tutela (Direção Regional de Cultura do Norte – Direção de Serviços dos Bens Culturais/ Direção-Geral do Património Cultural) um Pedido de Autorização de Trabalhos Arqueológicos pelo(s) Arqueólogo(s) responsável(eis) pela intervenção.
7. Uma vez executadas as sondagens arqueológicas, deverá ser promovida uma visita/reunião no local com os arqueólogos responsáveis, a entidade da tutela (DRCN/DGPC) e a DMPC/ Arqueologia, para apresentação dos resultados e definição das medidas de minimização de impacte arqueológico a adotar em fase de obra.
8. Face ao exposto, e **desde que salvaguardadas as condicionantes referidas no ponto 5, nada temos a obstar à aprovação da presente pretensão, devendo a proposta de decisão final aguardar por nova informação deste serviço relativa à aprovação do Pedido de Autorização de Trabalhos Arqueológicos (PATA).**

Assinado digitalmente por LAURA  
CRISTINA PEIXOTO DE SOUSA  
Data: 2019.12.02 16:25:15 +00:00  
Local: Câmara Municipal do Porto

Laura Sousa  
Técnico Superior – Arqueóloga  
CMP.DMGC.DMPC

## Anexo VI

# Ofício da DRCN



C/C  
Exmo. Senhor  
Presidente da Câmara Municipal do Porto

Exmo(a) Sr.(a)  
Filipe Manuel Soares Pinto  
Rua do Carvalheiro nº171, Fornos  
4520 Santa Maria da Feira

|                       |                        |                   |                                                     |
|-----------------------|------------------------|-------------------|-----------------------------------------------------|
| <b>Sua referência</b> | <b>Sua comunicação</b> | <b>Ofício n.º</b> | S-2020/526118 (C.S:1441552)                         |
|                       |                        | <b>Data</b>       | 17/06/2020                                          |
|                       |                        | <b>Procº n.º</b>  | DRCN-DSBC/2020/13-12/489/PATA/15182<br>(C.S:203178) |
|                       |                        | <b>Cód.Manual</b> |                                                     |

**Assunto:** PATA (Sondagem) - Obras na Rua de Vila Nova (poente) e Travessa da Costibela, Porto, (Rua Direita - Projecto 1.1).  
**Requerente:** Filipe Manuel Soares Pinto

Comunico a V. Ex.<sup>a</sup> que por despacho do(a) Sr.(a) Subdiretor Geral do Património Cultural, de 07/06/2020, foi emitido parecer **Favorável condicionado** sobre o processo acima referido, de acordo com os termos da informação em anexo.

Com os melhores cumprimentos.

O Director de Serviços dos Bens Culturais

Assinado por : **DAVID JOSÉ DA SILVA FERREIRA**  
Num. de Identificação: B1103485716  
Data: 2020.06.17 19:24:54+01'00'



CARTÃO DE CIDADÃO





**Assunto :** PATA (Sondagem) - Obras na Rua de Vila Nova (poente) e Travessa da Costibela, Porto, (Rua Direita - Projecto 1.1).

**Requerente :** Filipe Manuel Soares Pinto

**Local :** Rua de Vila Nova (poente) e Travessa da Costibela, no Porto (Rua Direita Projeto 1.1)

**Servidão  
Administrativa :**

**Inf. n.º:** S-2020/522766 (C.S:1433355)

**Cód. Manual**

**N.º Proc.:** DRCN-DSBC/2020/13-12/489/PATA/15182  
(C.S:203178)

**Data Ent. Proc.:** 19/03/2020

---

Subdiretor Geral do Património Cultural, João Carlos Santos a 07/06/2020

Aprovo nos termos propostos.

---

O Director de Serviços dos Bens Culturais, David José da Silva Ferreira a 06/05/2020

Proponho a autorização do PATA. À DGPC.

---

#### **DRCN-DSBC-2020-489**

**Assunto:** Rua de Vila Nova e Trav<sup>a</sup> da Costibela (Rua Direita projeto 1.1), união das freguesias de Nevogilde e outras, no Porto.

**Req.:** Empresa Municipal de Gestão e Obras do Porto - GO Porto, E.M.

**Servidão administrativa:** PDM do Porto - (ZOPA 57 - Lugar de Vila Nova)

**Arqueólogo:** Dr. Filipe Soares Pinto e Dr. Mário Sousa Gonçalves

**Entidade Enquadrante:** Tabela do Tempo, Lda.

**Entidade Contratante:** Gestão de obras do Porto, E.M.

*O presente Parecer fundamenta-se nas disposições normativas conjugadas da Lei n.º 107/2001, de 8 de setembro, Lei de Bases da Política e do Regime de Proteção e Valorização do Património Cultural (inter alia, artigos 43º, 44º, 45º, 51º, 52º, 61º, 64º, 65º, 74º, 75º, 77º e 78º), do Decreto-lei n.º 555/99, de 16 de dezembro, com as sucessivas alterações, que estabelece o Regime Jurídico da Urbanização e Edificação (artigos 13º e seguintes), do Decreto-lei n.º 114/2012, de 25 de maio, que aprova a Lei orgânica das DRC (art.º 2º), do Decreto-lei n.º 115/2012, de 25 de maio, que aprova a lei orgânica da DGPC (art.º 2º).*



Enquadramento / antecedentes:

Foi apresentado pelo Dr. Filipe Soares Pinto em co-responsabilidade científica com o Dr. Mário Sousa Gonçalves um pedido de autorização e respetiva documentação complementar referente à realização de uma intervenção arqueológica no âmbito do projeto de requalificação a desenvolver na Rua de Vila Nova e Trav<sup>a</sup> da Costibela (Rua Direita projeto 1.1), união das freguesias de Nevogilde e outras, no Porto.

Apreciação da proposta:

Os trabalhos contemplam a realização de sondagens arqueológicas de diagnóstico, perfazendo uma área mínima de 64 m<sup>2</sup> e posterior acompanhamento dando cumprimento ao parecer prévio emitido pela Divisão Municipal de Património Cultural/ Arqueologia da Câmara Municipal do Porto.

Da análise efetuada consideram-se reunidos os elementos necessários à sua aprovação.

Deverá ser comunicada à DRC Norte (articulada com a técnica subscritora) a data do início dos trabalhos, para efeitos de acompanhamento e fiscalização.

No final da execução da sondagem deverá ser promovida a realização de uma reunião no local para conhecimento e discussão dos resultados obtidos, os quais deverão ser, posteriormente, vertidos em *Nota Técnica*.

Mais se informa que dada a natureza dos vestígios detetados em lotes contíguos, cuja cronologia de ocupação se encontra associada à Pré-história recente, entende-se que seria aconselhável a equipa integrar um consultor científico dedicado à investigação do período em causa.

Proposta de Decisão:

Face ao exposto, propõe-se a emissão de parecer favorável ao pedido de trabalhos arqueológicos.

À consideração Superior  
Porto DRCN-DSBC, 27 de abril de 2020  
A Técnica Superior  
Leonor Sousa Pereira  
**CS: 1428122**

## Ficha Técnica

### **Título**

Sondagens Arqueológicas de Avaliação Prévia no Âmbito  
do Projeto Rua Direita – Projeto 1.1 Rua de Vila Nova  
(Poente) e Travessa da Costibela, Aldoar, Porto

Nota Técnica

Outubro 2020

### **Acrónimo**

VNC.20

### **Autores (a)**

Filipe Soares Pinto

Mário Gonçalves

### **Trabalho de campo**

Filipe Soares Pinto

Mário Gonçalves

Marta Borges

João Barbosa

Sara Fonseca

Beatriz Soares

Sílvia Maciel

Sofia Marinho

### **Paginação**

Teresa Silva

### **Logística**

Empatia – Arqueologia, Conservação e Restauro, Lda.

### **Gestão do Projecto**

Empatia – Arqueologia, Conservação e Restauro, Lda.

André Nascimento e Carlos Alberto Loureiro

Vila Nova de Gaia

Novembro 2020